



ALVES REDOL E O DOURO CORRESPONDÊNCIA PARA FRANCISCO TAVARES TELES

GASPAR MARTINS PEREIRA (ORG.)

COLABORAÇÃO DE:

ANTÓNIO MOTA REDOL
ANTÓNIO TAVARES TELES

ALVES REDOL E O DOURO CORRESPONDÊNCIA PARA FRANCISCO TAVARES TELES

GASPAR MARTINS PEREIRA (ORG.)

COLABORAÇÃO DE:
ANTÓNIO MOTA REDOL
ANTÓNIO TAVARES TELES

Título: Alves Redol e o Douro. Correspondência para Francisco Tavares Teles

Organização e notas: Gaspar Martins Pereira

Textos introdutórios: António Mota Redol, António Tavares Teles e Gaspar Martins Pereira

Transcrição das cartas de Alves Redol: Maria Inês de Andrade e Castro Monjardino Nemésio (CITCEM)

Revisão: Gaspar Martins Pereira e Paula Montes Leal (CITCEM)

Fotografia da capa: *Francisco Tavares Teles e Alves Redol, na penedia da Serra de Marzagão, sobre a Valeira.*

Autoria desconhecida, Setembro de 1947. Col. António Mota Redol

Design gráfico: Helena Lobo Design www.hldesign.pt

Co-edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

Direcção Regional da Cultura do Norte

Edições Afrontamento, Lda. / Rua Costa Cabral, 859 / 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt | geral@edicoesafrontamento.pt

Colecção: Fontes, 6

N.º edição: 1545

ISBN: 978-972-36-1330-8 (Edições Afrontamento)

ISBN: 978-989-8351-24-1 (CITCEM)

ISBN: 978-989-98708-0-2 (DRCN)

Depósito legal: 363036/13

Impressão e acabamento: Rainho & Neves Lda. / Santa Maria da Feira

geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.

comercial@companhiadasartes.pt

Novembro de 2013

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
O Douro de Redol (Gaspar Martins Pereira)	7
As cartas de Alves Redol para Francisco Tavares Teles: os escritos onde se revelam alguns aspectos desconhecidos da vida literária do escritor e alguns dos problemas interiores do homem (António Mota Redol)	25
No tempo em que os amigos ainda trocavam cartas (António Tavares-Teles)	43
CORRESPONDÊNCIA PARA FRANCISCO TAVARES TELES (ALVES REDOL)	45
OUTROS DOCUMENTOS	115
O humano romancista da <i>Fanga</i> , barqueiro entre barqueiros, foi instalar-se em Porto-Manso, aquém-Baião, onde prepara um livro sobre a trágica vida dos mareantes do Douro (J. R.)	117
Porto Manso (Francisco Tavares Teles)	119
Entrevista a Alves Redol por Francisco Tavares Teles	121
O inferno amazónico	125
Breve nota para o recolhedor do Cancioneiro Popular do Douro (Alves Redol)	126
Fotografia de Alves Redol dedicada à família Teles	128
Dedicatória de Alves Redol a Francisco Tavares Teles	129



INTRODUÇÃO

Alves Redol e Francisco Tavares Teles, na penedia da Serra de Marzagão sobre a Valeira.
Autoria desconhecida, Setembro de 1947. Col. António Mota Redol.

O DOURO DE REDOL

GASPAR MARTINS PEREIRA

A correspondência de Alves Redol para Francisco Tavares Teles

Há quase quarenta anos, Francisco Tavares Teles, destinatário das cartas que se publicam neste volume, escrevia um valioso testemunho sobre *Alves Redol no Douro*, em que concluía: «Se um dia se publicarem as cartas que possuo de Alves Redol, elas dirão, melhor do que eu, da sua história no Douro. E também contarão muito da própria história do escritor que, com tanto amor, sacrifício e coragem, foi cumprindo a missão a que se devotou em favor do povo português. Um povo que sempre se há-de mirar na sua obra, orgulhoso de se ver retratado com admiração e respeito por um autêntico Amigo»¹.

Na verdade, a correspondência trocada entre Alves Redol e Francisco Tavares Teles, ao longo de um quarto de século, ajuda a desvendar não só muitos aspectos da relação que o escritor ribatejano manteve com o Douro mas também alguns elementos essenciais para compreendermos a produção das suas obras sobre a região e, não menos importante, diversos passos do seu atribulado percurso de vida. A narrativa epistolar, muitas vezes prosaica e sem quaisquer pretensões literárias, como acontece com a de outros escritores, precisamente porque dirigida a um amigo e não a um público, vale por isso mesmo, pelo que pode acrescentar para a análise biográfica do escritor e da sua obra, numa perspectiva «de humanidade, de vivacidade intelectual e de livre originalidade»².

Este acervo epistolar, carinhosamente guardado por Francisco Tavares Teles e, depois da sua morte, pelo seu filho António, reúne setenta cartas e cinco bilhetes-postais, cujas datas se situam entre Março de 1945 e Setembro de 1969. Não podemos afirmar, com total certeza, que o acervo esteja completo ou que não se tenha perdido uma ou outra carta. Mas o cuidado com que Francisco Tavares Teles guardou esse «tesouro» epistolar, testemunhado por seu filho, autoriza a supor que se mantém integral. No seu conjunto, estas cartas revelam uma forte e duradoura amizade entre Redol e Teles, que se tornou cada vez mais fraternal³, com preocupações mútuas pelos problemas pessoais e familiares, e que perdurou até à morte precoce de Redol, em Novembro de 1969.

Como seria de esperar, a relação epistolar dos dois amigos é mais intensa no período inicial, correspondente ao período da produção dos romances durienses de Alves Redol –

¹ TELES, Francisco Tavares – *Alves Redol no Douro*. In MENDES, José Manuel (org.) – *Charrua em campo de pedras*. Lisboa: Seara Nova, 1975, p. 57. Esse texto de Francisco Tavares Teles é datado de Novembro de 1973.

² Veja-se, a este propósito, ROCHA, André – *A Epistolografia em Portugal*. 2.^a ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, p. 24-25 e 34-35.

Porto Manso, que seria publicado em 1946, e os três romances do «Ciclo Port Wine», *Horizonte Cerrado*, *Os Homens e as Sombras* e *Vindima de Sangue*, editados, respectivamente, em 1949, 1951 e 1953. Desses nove anos, entre 1945 e 1953, contam-se 47 cartas, contra 28 escritas nos dezasseis anos seguintes.

Esta breve introdução não pretende realizar a análise dessa correspondência nem o estudo exaustivo da relação que Redol manteve com o Douro, um dos territórios de referência do escritor, não só pelos romances que lhe dedicou mas sobretudo pelos laços sentimentais que criou com a região, a que chegou a referir-se, numa das suas cartas, como «essa minha terra do Douro»⁴. E, já em 1947, considerava: «o Douro parece a minha segunda pátria e nela me vou reconhecendo quanto mais o seu contacto me toca»⁵. Para esse estudo, que bem merece ser feito, será necessário outro fôlego e uma documentação mais ampla, que abranja, além da análise dos seus romances durienses (incluindo o confronto das várias versões, por vezes profundamente alteradas pelos cortes impostos pela censura), outros acervos epistolares de Redol com amigos durienses ou que aí viveram, o espólio do escritor que guarda anotações e mesmo textos não publicados⁶, alguns textos dispersos por jornais e revistas, referências em obras de outros escritores, testemunhos de amigos⁷ e um já considerável manancial de estudos, incluindo dissertações de mestrado e de doutoramento apresentadas em Universidades portuguesas e estrangeiras⁸. Obviamente, tentar aqui um tal estudo, mesmo limitado à relação de Redol com o Douro, seria descabido senão impossível. Mas não queríamos deixar de lançar esse desafio a jovens estu-

³ Veja-se, por exemplo, o tratamento fraternal que Redol dirige ao amigo na carta de 23 de Setembro de 1949: «O velho abraço para ti – aquele abraço de quem não esquece o carinho e a confiança que vens pondo sempre na minha actividade, mesmo quando eu me obstino em negá-la. / Um grande abraço de irmão, acredita». O sentimento era recíproco, como escreveria Francisco Tavares Teles numa das suas cartas (de 17.09.1961) para Manuel Mendes, referindo-se a Redol: «o amigo a quem estimo como um querido irmão». In *Manuel Mendes – Correspondência Seleccionada*. CDrom. Lisboa: Fundação Mário Soares, 2000.

⁴ Cf. carta de 20 de Julho de 1957.

⁵ REDOL, Alves – *Crónica do Douro*. «Vértice», vol. IV, n.º 51, Outubro de 1947, p. 397.

⁶ Sabe-se, por exemplo, que Redol começou a escrever uma peça de teatro dedicada à vida dos barqueiros do Douro. Cf. *Catálogo*. In SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assírio & Alvim, 2011, p. 132.

⁷ A começar pelos que estão publicados, em especial em: MENDES, José Manuel (org.) – *Charrua em campo de pedras*. Lisboa: Seara Nova, 1975; MARINHO, Maria José; REDOL, António Mota (org.) – *Alves Redol, Testemunhos dos seus Contemporâneos*. Lisboa: Caminho, 2001.

⁸ Veja-se a extensa bibliografia passiva publicada em SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assírio & Alvim, 2011, p. 320-347. Mesmo assim, haveria que juntar outras referências, a começar por alguns estudos de Literatura Comparada de Margarida Lieblich Losa (1943-1999), em especial a sua tese de doutoramento, *From realist novel to working-class romance: an introduction to the study of the brazilian, italian and portuguese new social realist novel, 1935-1955, in light of new critical theory on realism, fiction and reader response*, apresentada na Universidade de Nova Iorque, em 1988; ou, com enfoque no «Ciclo Port Wine», a tese de doutoramento em Literatura Portuguesa, *La crise viticole du «Alto Douro» (1907-1915). Entre réalité sociale et discours idéologique dans le cycle «Port-Wine» d'Alves Redol*, apresentada por Lucien Demba Diouf à Universidade de Montpellier 3, em 2010.

diosos da Literatura e da História, nesta breve apresentação do precioso feixe de cartas que o escritor dirigiu ao seu amigo do Pinhão.

Porto Manso e as primeiras cartas (1945-1946)

Alves Redol conheceu Francisco Tavares Teles em Setembro de 1943, quando esteve pela primeira vez no Douro. Nessa altura, o escritor pretendia reunir informações relacionadas com o trabalho na região duriense, para um livro que deveria integrar uma colecção sobre *O Trabalho em Portugal*, a lançar pela Editorial Inquérito⁹. Foi José Arnaldo Monteiro, editor da Régua¹⁰, quem guiou Redol nessa sua primeira estadia duriense, o levou ao Pinhão e o apresentou a Francisco Tavares Teles¹¹.

Com 31 anos, Alves Redol era já um escritor reconhecido e sê-lo-ia também no Douro, sobretudo nos meios intelectuais de Oposição ao regime. Além de colaboração dispersa na imprensa, em especial em *O Diabo* e *Sol Nascente*, tinha publicado diversas obras, desde *Glória, Uma Aldeia do Ribatejo* (1938), avançando, de forma pioneira, para uma estética neo-realista com o romance *Gaibéus* (1939), a que se seguiram *Marés* (1941), *Avieiros* (1942) e *Fanga* (1943)¹², entre outros.

Ligado ao grupo de jovens intelectuais comunistas, com crescente intervenção desde meados dos anos trinta na zona ribeirinha do Tejo a Norte de Lisboa, com um importante núcleo em Vila Franca de Xira¹³, onde vivera até finais de 1941, altura em que passou a residir em Lisboa, o seu projecto duriense terá sido, provavelmente, adiado pela militância que se intensificou desde 1943, com a participação nas actividades do Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista (MUNAF)¹⁴ e na mobilização dos meios operários daquela zona ribeirinha. Sabe-se que, na sequência do importante movimento grevista de Maio de 1944, Alves Redol foi preso pela polícia política, em 12 de Maio, dada a sua intimidade com Soeiro

⁹ Cf. notícia no jornal *A Tarde*, Porto, ano 1, n.º 45, 21.02.1945, p. 1 e 4, transcrita no final deste volume.

¹⁰ O jovem José Arnaldo Monteiro (?-1964) era um reguense oposicionista ao Estado Novo, com ligações ao Partido Comunista. Apaixonado pelas letras e pelos livros, formou em 1935 uma sociedade (Figueiredo, Correia & Monteiro, Lda.) com o médico João de Araújo Correia, que viria a destacar-se como escritor, e com outro amigo, Domingos Macedo de Figueiredo, para criar a Imprensa do Douro, na Régua (agradeço as informações prestadas, através do amigo comum José Braga-Amaral, pelo Senhor Manuel Joaquim, colaborador da Imprensa do Douro, durante cerca de quarenta anos). Desde 1943, tornou-se um dos grandes amigos durienses de Alves Redol, que foi seu padrinho de casamento com Maria Albertina Ferreira de Almeida. Agradeço a informação de Maria da Luz Monteiro de Almeida Magalhães, sobrinha de Maria Albertina Monteiro.

¹¹ TELES, Francisco Tavares – *Alves Redol no Douro*. In MENDES, José Manuel (org.) – *Charrua em campo de pedras*. Lisboa: Seara Nova, 1975, p. 49.

¹² Sobre a importância da obra de Redol no neo-realismo português, veja-se: FERREIRA, Ana Paula – *Alves Redol e o Neo-Realismo Português*. Lisboa: Caminho, 1992; VIÇOSO, Vítor – *A Narrativa no Movimento Neo-Realista. As Vozes Sociais e os Universos da Ficção*. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

¹³ SILVA, Garcez da – *Alves Redol e o Grupo Neo-realista de Vila Franca*. Lisboa: Caminho, 1990.

¹⁴ PEREIRA, José Pacheco – *Álvaro Cunhal. Uma biografia política*. Vol. 2. Lisboa: Temas & Debates, 1999, p. 349; GODINHO, José Magalhães – *Alves Redol, Combatente pela Liberdade*. In MARINHO, Maria José; REDOL, António Mota (org.) – *Alves Redol, Testemunhos dos seus Contemporâneos*. Lisboa: Caminho, 2001, p. 103-104.

Pereira Gomes¹⁵, seu compadre¹⁶, um dos organizadores da greve, que passou, entretanto, à clandestinidade. Redol passou quase três na prisão, só sendo libertado em 5 de Agosto.

O apertar da vigilância policial poderá ter levado Redol a regressar ao seu projecto duriense, no início de 1945, instalando-se em Porto Manso, uma aldeia de barqueiros, no concelho de Baião, onde viviam familiares de Francisco Tavares Teles¹⁷, entre os quais José Barbosa de Oliveira, descendente de alguns dos mais famosos marinheiros da região. Um deles, António de Oliveira Dias, conhecido como «almirante do Rio Douro», foi arrais e compadre do barão de Forrester. E seria precisamente na casa que fora deste arrais – a Casa do Cabo –, e onde Forrester chegou a pernoitar entre as suas muitas andanças pelo rio, que se instalaria Alves Redol nessa sua primeira estadia duriense.

O projecto literário de Redol captou, rapidamente, a curiosidade da imprensa. O vanguardista vespertino portuense *A Tarde* descobriu-o e entrevistou-o, em finais de Fevereiro¹⁸. Três semanas depois, a *Vida Mundial Ilustrada*, sob o título «Alves Redol fez-se barqueiro para sentir melhor a vida dos durienses», reproduzia a notícia e destacava o método etnográfico do escritor: «Aqui há tempos, os amigos de Redol perguntaram: – Onde está o autor de ‘Avieiros’? Misteriosamente, sem dizer onde ia, Redol tinha saído de Lisboa, fora meter-se num ninho de barqueiros, desses que dia-a-dia percorrem as águas turvas do Douro. E foi um jornal do Porto – *A Tarde* – que revelou o mistério, numa entrevista com o festejado escritor. Encontraram-no a ajudar à descarga de 16 pipas de vinho tratado, transportadas num ‘rabelo’. Estava descalço, trazia a sua inseparável boina basca e vestia uma grossa camisola de lã... O jornalista, naturalmente, como os leitores, ficou admirado. Mas Alves Redol [*sic*] explicou e ninguém poderá deixar de compreender: – ‘Fiel ao meu método, vim instalar-me na região em que vivem, sofrem e lutam as minhas personagens’. Alves Redol [*sic*] não inventa: vive a vida da gente que se move nos seus romances. E, para isso, tem que sofrer as durezas da sua existência. Agora, que vai escrever um romance sobre a vida trágica dos barqueiros do Douro – lá anda ele na sua faina, rio abaixo, rio acima, do Porto a Porto-Manso. Foi ao Cachão da Baleira [*sic*], onde morreu o barão de Forrester,

¹⁵ FALCÃO, Miguel – *Espelho de ver por dentro – O percurso teatral de Alves Redol*. Dissertação de doutoramento em Estudos de Teatro. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2005, p. 115; REDOL, António Mota – *A história do céu-feito rebelde. Uma biografia de Alves Redol*. In SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assírio & Alvim, 2011, p. 265.

¹⁶ Era padrinho do filho de Alves Redol, António Mota Redol.

¹⁷ Porto Manso era a terra da mãe de Francisco Tavares Teles, Irene da Glória de Oliveira Tavares. Informação de António Tavares Teles.

¹⁸ O humano romancista da Fanga, barqueiro entre barqueiros, foi instalar-se em Porto-Manso, aquém-Baião, onde prepara um livro sobre a trágica vida dos mareantes do Douro. «A Tarde», Porto, ano 1, n.º 45, 21.02.1945, p. 1 e 4. Cf. transcrição integral da notícia no final deste volume. O jornal *A Tarde*, lançado pela empresa do *Jornal de Notícias*, acolheu a colaboração de importantes personalidades das artes e das letras da Oposição, como Júlio Pomar (que coordenou a página de Arte do vespertino, entre Junho e Outubro), Fernando Lanhas, Pedro Oom, Marcelino Vespeira e outros. O jornal *A Tarde* publicou-se apenas entre Janeiro e Outubro de 1945.

guarda apontamentos, incarna aqueles tipos bíblicos e aguarda o momento de escrever a sua epopeia do trabalho humilde dos barqueiros...»¹⁹.

Data desta altura o estreitar das relações de amizade entre Redol e Tavares Teles. Francisco tinha então 28 anos e, no microcosmos do Pinhão, onde trabalhava num estabelecimento comercial de mercearia²⁰, destacava-se pelos seus interesses culturais, em especial no campo da literatura. Começara, de resto, a sua vida profissional na Imprensa do Douro, na Régua. Em 1943, no décimo aniversário da criação da freguesia do Pinhão, abalançou-se a editar um jornal²¹. Colaborava também no semanário *Notícias do Douro*²², da Régua, e cultivava contactos e amizades com escritores e gente ligada às artes e às letras. Aos seus amigos do Pinhão Tavares Teles aconselhava leituras. Admirador de Camilo e dos clássicos da literatura portuguesa, não deixava de se interessar pelos novos escritores (sobretudo neo-realistas) que iam aparecendo. Lia-os e divulgava-os. Deixou uma biblioteca com três ou quatro milhares de livros²³, certamente única no Pinhão e redondezas.

As duas primeiras cartas do espólio epistolar aqui publicado são, precisamente, de 2 e 8 de Março de 1945, ambas remetidas de Porto Manso. Apesar do tratamento cerimonioso²⁴, essas cartas revelam já uma intensa relação entre os dois amigos. Além do fornecimento de géneros a crédito para a estadia de Redol em Porto Manso, Tavares Teles confiara-lhe livros de escritores da região, nomeadamente do seu primo Monteiro Ramalho (pelo menos, *Histórias da Montanha* e *D. Tarouco*) e de João de Araújo Correia, bem como o número único do jornal *O Pinhão*, que atrás referimos, destacando um artigo sobre os barcos rabelos²⁵. Os contactos fornecidos por Tavares Teles e as informações sobre o rio, a região e a navegação nos rabelos terão sido essenciais para Alves Redol. Na sua segunda carta, a 8 de Março, antes de partir para o Porto, Redol agradecia ao amigo «todas as gentilezas, atenções e favores», escrevendo: «Fico a dever-lhe uma boa parte do êxito da minha recolha. Não o esquecerei»²⁶.

Por essa altura, Redol terminara já a sua estadia no Douro e a pesquisa fundamental para escrever o seu novo livro, *Porto Manso*. O romance dos barqueiros do Douro deve ter sido escrito entre o Verão de 1945 e os primeiros meses de 1946, num período agitado da

¹⁹ *Vida Mundial Ilustrada*, 15.03.1945.

²⁰ Segundo seu filho, António Tavares Teles, teria sido por esta altura que Francisco Tavares Teles criou o seu próprio armazém de géneros e mercearia no Pinhão, em sociedade com seu irmão José Tavares Teles, sob a firma «Tavares Teles & Irmão».

²¹ *O Pinhão: jornal comemorativo do 10.º aniversário da fundação da freguesia do Pinhão*, cujo director e editor literário foi Francisco Tavares Teles. Foi publicado apenas um número, em Julho de 1943, na Imprensa do Douro, da Régua.

²² O semanário *Notícias do Douro*, ainda existente, foi lançado em 14 de Junho de 1934 pelos irmãos Camilo Bernardes Pereira e Mário Bernardes Pereira, assumindo este o cargo de director. Informação disponível *on-line*: <<http://www.dodouro.com/jornal/historia.asp>>. Consulta realizada em 25.02.2013.

²³ Informação de seu filho Manuel Tavares Teles.

²⁴ Só a partir de Novembro de 1947, Alves Redol passaria a tratar o amigo por tu. Na carta enviada a Tavares Teles, datada de 26 de Novembro desse ano, justifica essa alteração de tratamento: «já é bem tempo de acabarmos com cerimónias».

²⁵ Cf. carta de 2 de Março de 1945.

²⁶ Cf. carta de 8 de Março de 1945.

vida de Redol, marcado pela intensificação das suas actividades políticas. Em Maio de 1945, na carta que escreveu a Tavares Teles, justificava o seu silêncio junto dos amigos do Douro (além de Teles, refere-se a José Arnaldo Monteiro e a José Barbosa de Oliveira) e o atraso da correspondência com a «vida absorvente de quem estuda, lê e escreve», informando que ainda não tinha começado «a escrever o romance dos barqueiros», mas estava a «estudar-lhe os pormenores da efabulação e da técnica a empregar». Tencionava ainda ir ao Douro, nesse Verão, para se documentar mais, pedindo ao amigo para o informar sobre quando se realizaria a apanha do milho, com as «descamisadas» e os «bailaricos», em Porto Manso, a que pretendia assistir²⁷.

Não sabemos se Redol chegou a cumprir o seu desejo. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a vitória dos Aliados sobre a Alemanha nazi e os regimes totalitários da Europa, sucederam-se, no início de Maio, grandes manifestações de júbilo e o recrudescer das actividades dos diversos sectores da Oposição, que acalentavam a expectativa de que o isolamento internacional das ditaduras ibéricas contribuísse para a sua queda. Nesse ano, Redol envolveu-se na criação e nas actividades políticas do Movimento de Unidade Democrática. Porém, se a Oposição chegou a preparar-se para disputar «eleições livres», anunciadas por Salazar para 18 de Novembro, em breve viria a perceber que se tratava de uma farsa eleitoral com que o ditador pretendia legitimar o seu poder. Não tendo sido aceites as condições apresentadas para concorrer, em condições de igualdade com o partido do regime, a essas eleições, nomeadamente o seu adiamento por seis meses, a elaboração de novos cadernos de recenseamento, a garantia de liberdade de imprensa e de formação de novos partidos políticos, o MUD acabaria por apelar à abstenção do acto eleitoral. Desde o início de Novembro, Redol integrou, embora por pouco tempo, a Comissão Central do MUD, com Manuel Mendes, Bento de Jesus Caraça, Teófilo Carvalho dos Santos e outros²⁸. Porém, era avesso ao exercício de qualquer cargo político. Por essa altura, terá confessado ao seu companheiro Alexandre Babo: «Acredita que é o maior, o grande sacrifício que faço na vida. Não sou dirigente político nem quero ser. Mas é uma obrigação que pesa sobre todos nós termos que ser tudo o que não queremos»²⁹.

Por outras razões, certamente ligadas à apertada vigilância da polícia política de que Redol se sabia alvo, a sua correspondência para Tavares Teles quase nunca refere, a não ser em termos vagos, assuntos políticos. O que não quer dizer que, aqui e ali, não revelem uma total aversão ao regime salazarista. Por exemplo, numa das suas cartas, Redol desabafava: «Decididamente os portugueses estão só interessados por três paixões: os três FFF – Fátima, Fado e Futebol. Não se emociona nem exulta com o prémio Nobel para o sábio Egas Moniz, nem acarinha os seus artistas nem os seus escritores. Que mais será preciso

²⁷ Cf. carta de 22 de Maio de 1945.

²⁸ PEREIRA, José Pacheco – *Álvaro Cunhal. Uma Biografia Política*. Vol. 2. Lisboa: Temas & Debates, 1999, p. 587-589.

²⁹ BABO, Alexandre – *Recordações de um Caminheiro*. Lisboa: Escritor, 1993, p. 277.

para se verificar que falhou desastrosamente aquilo a que se tem chamado "a política de espírito"³⁰. Mas são quase sempre referências veladas. De resto, os opositores ao regime, face à vigilância omnipresente de informadores e agentes da polícia política, tinham desenvolvido uma capacidade de contenção da opinião escrita. Certamente, outras seriam as conversas privadas, no recanto da lareira no Pinhão, nas reuniões em casa de José Arnaldo, na Régua, ou nas andanças pela região, onde, a recato dos esbirros do regime, poderiam fluir ideias e informações de cunho político. Mas as cartas de Redol para Tavares Teles abordam, geralmente, os problemas pessoais e familiares, dúvidas e atribulações, notícias dos amigos, o ponto da situação relativamente aos projectos literários, pedidos de informações para pormenores dos romances, livros enviados como oferta ou para serem vendidos. Só raramente referem a «foice» da censura ou outros aspectos da política repressiva do regime e, como seria de esperar, silenciam totalmente actividades da Oposição.

Em 1946, passada a fase de maior envolvimento no MUD, Alves Redol concluiu *Porto Manso*, que publicaria em meados desse ano³¹, retomando então o *Cancioneiro do Ribatejo*, que viria a publicar em 1950, e outros projectos. Na carta que escreveu ao amigo, em Setembro, antes de partir para França e Itália, refere-se ainda ao trabalho esgotante da adaptação ao cinema de *Porto Manso*, que acabaria por não se concretizar. Nos meses seguintes, Redol viveu em Paris, num modesto hotel do Quartier Latin, multiplicando-se em contactos para recolher informações para um novo livro, *A França – da Resistência à Renascença*.

Os romances do «Ciclo Port Wine» (1947-1953)

No Verão de 1947, Redol já deveria ter bastante avançada a escrita do livro *A França*, que viria a publicar em fascículos. Em Agosto, anunciava a Tavares Teles a sua intenção de passar uma temporada no Pinhão, para começar a preparar o seu novo romance sobre o Douro: «É desta vez que me disponho a fazer o romance do seu Alto Douro. Tenho aí no Pinhão uma pensão ou taberna onde se arranje uma tarimba e umas sopas?»³². No início de Setembro, já estava instalado na Pensão Douro, iniciando as suas pesquisas. Durante cerca de uma semana, compilou elementos, deslocando-se à Régua, Lamego, Valença, S. Salvador do Mundo e outros locais. Por essa altura, Francisco Tavares Teles pediu-lhe uma entrevista para a revista do Clube Transmontano de Angola, com a qual colaborava. De regresso a Lisboa, Redol enviou-lhe as respostas manuscritas. Entre outros aspectos, essa entrevista permite perceber os projectos literários que o escritor tencionava desenvolver no

³⁰ Carta de 3 de Abril de 1950. A «política do espírito» era a expressão utilizada por António Ferro, responsável pela propaganda da ditadura salazarista, para designar a política cultural desse regime. Veja-se, por exemplo, FERRO, António – *Dez Anos de Política do Espírito, 1933-1943*. Lisboa: Secretariado da Propaganda Nacional, 1943.

³¹ Em 28 de Agosto de 1946, Francisco Tavares Teles escreveu a Redol, agradecendo o livro, depois de o ler e rere: «Aqui vai o meu grande abraço de felicitações pelo *Porto Manso*. Vai retardado, porque a minha primeira leitura foi feita com tal sofrimento, fiquei com uma ideia tão fragmentada do que havia lido, que voltei ao princípio para rere com mais serenidade».

³² Cf. carta de 15 de Agosto de 1947.

Douro, depois da publicação de *Porto Manso*: «Talvez dois romances, um grande documentário – *O Douro – vida de um rio* – e possivelmente um *Cancioneiro Popular*». Infelizmente, Alves Redol nunca realizou as duas últimas obras referidas, se bem que tenha chegado a elaborar um guião, que fez distribuir entre os seus amigos durienses, para a recolha do *Cancioneiro Popular do Douro*³³. Quanto aos romances, Redol refere que ainda não os tinha começado, que estava na fase de «recolha de material» e só depois poderia definir «a efabulação do romance ou dos romances». Mas tinha já decidido situá-los no Alto Douro (designação que identificava com a sub-região do Cima Corgo), mais precisamente «à volta do Pinhão, num limite que vai de Ervedosa a Valença». Pretendia abordar a vida dos durienses, ou melhor, dos diversos grupos sociais, centrando-se nos problemas dos pequenos viticultores: «Tentarei dar os [aspectos] mais vivos da região. No centro, os pequenos proprietários com os seus problemas; por debaixo os saibradores, cavadores, gente das rogas, homens dos rabelos também, lagareiros, etc.; acima os grandes proprietários, com caseiros e feitores, os comerciantes, os comissários, os "ingleses", os especuladores, a Casa do Douro, etc., etc. É um mundo, como sabe. Pôr toda esta gente a viver só um ciclo de romances chegaria».

Nessa entrevista, revela-se ainda a posição do escritor relativamente aos problemas sociais do Douro e à solução que preconizava para os resolver: a criação de um «organismo colectivo que defenda os pequenos proprietários da agiotagem, concedendo-lhes créditos e colocando directamente os seus produtos nos mercados consumidores». A ideia era lançada como exortação, da mesma forma que a deveria expor nos seus encontros na Régua e no Pinhão: «Criem-se lagares em cooperativa ou mobilizem-se os que já existem, conceda-se-lhes um longo crédito de base para que os seus vinhos sejam beneficiados, armazenados e vendidos por conta própria, não só para criar uma agricultura próspera, mas para salvar dos cardenhos, da subalimentação, e da morte precipitada, os saibradores e os cavadores, as vindimadeiras e os lagareiros do Douro, todos aqueles que fizeram, através [de] gerações, de uma região fragosa e inóspita uma das mais ricas províncias de Portugal». Era a solução das adegas cooperativas, que viria a recolocar, pela voz do médico Pimenta, nos romances do «Ciclo Port Wine» e que acabaria por se concretizar na região, a partir do início dos anos cinquenta. Nessa entrevista, Redol apontava ainda a publicação do seu novo livro sobre o Douro para finais de 1948, se tudo corresse bem³⁴.

Nas diversas cartas enviadas a Tavares Teles, desde Setembro de 1947, Redol ia dando notícias sobre o andamento do seu romance. Por vezes, pedia informações sobre este ou

³³ Breve nota para o recolhedor do *Cancioneiro Popular do Douro*. Pelo interesse deste documento, considerámos pertinente publicá-lo no final deste volume.

³⁴ Entrevista anexa à carta de 14 de Setembro de 1947.

³⁵ Alves Redol dedicaria o romance *Horizonte Cerrado*, primeiro volume do «Ciclo Port Wine», aos Durienses e, em particular, a José Arnaldo Monteiro e Francisco Tavares Teles. Muitas cartas de Alves Redol para Francisco Tavares Teles deixam perceber a importância deste último como informador privilegiado, com quem discutia os romances ou parte deles, antes de fixar a versão final.

aquele aspecto ou sobre trabalhos da vinha e situações a que valesse a pena assistir³⁵. Sempre que podia, regressava ao Douro. De início, apesar de dedicar várias horas de trabalho diário ao material recolhido e ao «mundo de personagens e de factos» para alinhar a trama do romance, o escritor sentia que a tarefa que tinha em mãos era monumental. Em Novembro, confidenciava ao amigo não ter começado ainda a escrever o livro: «Ainda não comecei a escrever o primeiro volume do Douro, o que não admira, porque se a região para dar um cacho de uvas precisa do saibramento e depois essas mil e uma canseiras que o trabalhador aguenta, é natural que um romance do país do vinho se assemelhe em tratos e fadigas. / Estou a saíbrar – calcule! / É uma trabalhadeira pasmosa, fatigante... Todos os dias lhe dou quatro horas de atenção e ainda pouco sei. Só um propósito me dá alentos – o de fazer um romance que seja entre os meus livros o que o Douro é entre os vinhos: um romance "generoso". / Logo que haja alguma coisa para ser vista, diga-me, por favor. Conto aí aparecer ainda este mês, mas não sei exactamente quando. Os "cobres" andam curtos e as despesas aumentam, apesar do nosso ministro das faturas nos encher com palavras»³⁶.

Entretanto, Redol publicara na revista *Vértice* uma crónica sobre o Douro, queixando-se a Tavares Teles da «foice» da censura³⁷. Nessa crónica, Redol destaca as sensações perante a paisagem humanizada. Entre o Ribatejo e o Douro, a comparação faz ressaltar a marca do trabalho inscrita na paisagem: «Já os olhos não acham curtas as distâncias dos limites, porque cada monte é um santuário de trabalho humano»³⁸. E realça o contraste entre a natureza hostil, sentida na penedia do Ermo, em S. Salvador do Mundo, e a «realização humana» que transformou os montes em socacos de vinha, como na panorâmica que descreve do Alto das Monteiras: «A paisagem desenrola-se como num filme em que o espectador se movesse, e até ao alto, onde se acoitam javalis, sempre em perigos e vertigens, o país do vinho ali se oferece, tão exuberante de formas como franco de hospitalidade. E os olhos ficam tontos de tanta luz, de tão vasto horizonte e de tamanho poder de realização humana. Porque ali nada escapou à mão deste bicho insatisfeito que veio das cavernas, já tocou no céu, foi ao fundo dos mares e há-de chegar ao fundo de si mesmo para fazer uma vida que mereça ser vivida»³⁹.

Só em Janeiro de 1948, «vencida a incerteza perante as proporções da obra», Redol iniciaria a escrita do primeiro volume do *Port Wine*. Nessa altura, pensava escrever quatro volumes, pedindo a opinião de Tavares Teles sobre os títulos que tencionava dar-lhes: *Esganados*, *Sangue dos homens* ou *Horizonte fechado*, *Estrela a Estrela* e *Raízes na terra*⁴⁰.

Porém, logo a seguir, novas contrariedades na vida de Alves Redol obrigaram-no a suspender o trabalho do *Port Wine*. As relações com a Editorial Inquérito, que publicava os

³⁶ Carta de 6 de Novembro de 1947.

³⁷ Carta de 26 de Novembro de 1947.

³⁸ REDOL, Alves – *Crónica do Douro*. «Vértice», vol. IV, n.º 51, Outubro de 1947, p. 397.

³⁹ Idem, p. 399.

⁴⁰ Carta de 27 de Janeiro de 1948.

seus livros desde 1944, degradaram-se até ao ponto de ruptura e Redol teve de assumir funções de editor, à frente da ARS – Editorial, para prosseguir a publicação de novos fascículos de *A França*. Mesmo assim, não deixaria de se deslocar ao Douro, pouco depois, para assistir às cavas⁴¹. E, em Julho, apesar do imenso trabalho na ARS, estava já a rever o primeiro volume do «Ciclo Port Wine», com o título *Horizonte Fechado*, esperando apenas «uma aberta» no trabalho editorial «para subir ao Douro» e ler o texto aos amigos⁴². No início do mês seguinte, a braços com a edição da peça de teatro *A Forja*, procedeu a uma nova revisão do *Horizonte Fechado*⁴³, antes de participar no importante Congresso Internacional de Intelectuais para a Paz, que decorreu em Wroclaw, na Polónia, entre 25 e 28 de Agosto⁴⁴. Não sabemos se Redol chegou a ir às vindimas do Douro, nesse ano, como planeava, mas, em inícios de Outubro, entregou o primeiro volume do «Ciclo Port Wine» à censura⁴⁵. Em Dezembro, o livro, já com o título *Horizonte Cerrado*, estava na tipografia, ficando pronto em Janeiro ou Fevereiro do ano seguinte, em edição normal e também em edição «de luxo», esta com uma pequena tiragem de cem exemplares autografados, em papel especial, com desenhos de Júlio Pomar⁴⁶.

Redol ainda tentou começar, por essa altura, a escrita do segundo volume, intitulado *Terra Mártir* na versão inicial. Porém, outros afazeres impediram-no de prosseguir. Em finais de Abril de 1949, agradecia a Tavares Teles as informações sobre as movimentações populares que agitaram o Douro em 1915 e desabafava: «Ainda não voltei a pegar na *Terra Mártir*, porque a vida não me deixa lugar para as coisas que me dão real prazer. Vamos ver quando será possível»⁴⁷. Nas cartas seguintes, de Maio, sucedem-se os agradecimentos de Redol por novas informações sobre os acontecimentos de 1915. Tavares Teles conseguira, entretanto, uma «colectânea de artigos e notícias do Alto Douro», que lhe fora cedida por um amigo e que viria a ser muito útil para a preparação dos últimos volumes do «Ciclo Port Wine». Na mesma carta, Redol refere-se a outra documentação que estaria a ser recolhida por José Arnaldo Monteiro⁴⁸. No entanto, outros afazeres e problemas pessoais do escritor impediam-no de avançar ao ritmo que desejava. Separara-se, entretanto, de sua mulher, com um consequente maior afastamento de seu filho António, então com cinco anos, que ficara a viver com a mãe. Teve de encontrar um quarto para recomeçar a vida, agora com uma nova companheira,

⁴¹ Carta de 29 de Março de 1948.

⁴² Carta de 7 de Julho de 1948.

⁴³ Carta de 3 de Agosto de 1948.

⁴⁴ Cf. REDOL, António Mota – *A história do ceifeiro rebelde. Uma biografia de Alves Redol*. In SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assírio & Alvim, 2011, p. 274-275.

⁴⁵ Carta de 11 de Outubro de 1948.

⁴⁶ Cartas de 13 de Dezembro de 1948 e 26 de Fevereiro de 1949.

⁴⁷ Carta de 28 de Abril de 1949.

⁴⁸ Carta de 23 de Maio de 1949.

Natália Cruz, a «mulher da sua vida»⁴⁹. Além disso, passou a dedicar mais tempo à empresa familiar de materiais de construção, Redol & C.^a, de que era sócio, com idas e vindas diárias entre Lisboa e Vila Franca. Sentia-se cansado, numa das suas fases de desânimo, sem forças para prosseguir o seu projecto literário. Chegou a confessar a Tavares Teles: «O segundo volume do ciclo continua na mesma – e se não tivesse escrito o primeiro deixaria o encargo para outros. A empreitada é difícil e sem estímulos torna-se penosa. É que isto de fazer literatura a pensar em pagamentos de renda de quarto e de comida é tarefa superior a um cérebro já cansado e que não pode achar repouso. / Mas desta crise que atravesso algo tem de resultar. E depois se verá o quê»⁵⁰. E, na carta seguinte, o tom era o mesmo. Redol referia ter centenas de páginas escritas, que precisavam de ser refundidas na sua maior parte, mas as «preocupações económicas» retiravam-lhe as energias para o fazer: «O 2.º volume do ciclo está em "crisálida". Esboçado nas suas linhas gerais, com cerca de quatrocentas páginas escritas, tem necessidade de ser refundido na sua maior parte. A tarefa é a mais pesada de quantas me tenho proposto realizar – e as condições piores do que nunca. Contudo, não publicarei nada mais, sem que o ciclo do Alto Douro seja, dentro das minhas débeis possibilidades, o melhor que eu possa produzir. Não para glória minha que a não ambiciono, mas por gratidão e homenagem a essa terra heróica. / A minha angústia é maior quando penso, ou melhor, quando julgo possível fazê-lo a uma altura, embora modesta, e encontro os obstáculos das preocupações económicas a arrancarem-me as melhores horas e as mais vivas energias deste cérebro já um pouco fatigado»⁵¹. A humildade sincera que revelava, uma das características que os amigos lhe reconheciam, era, porém, contrariada por uma não menor «teimosia obstinada»⁵². Não desistiria, por isso, da sua tentativa de criar com o «Ciclo Port Wine» um monumento literário à epopeia dos durienses⁵³. Acreditava que viriam melhores dias para prosseguir a escrita do romance: «Mas os limites da minha capacidade de trabalho hão-de alargar-se, por força. E ou o ciclo Port-Wine será o melhor produto do meu labor, até ao momento da sua publicação, ou se quebrará a pena modesta, mas honrada, de um escriba português do século XX»⁵⁴.

⁴⁹ Natália Cruz, funcionária do Grémio dos Armazenistas e Exportadores de Azeite, seria a companheira de Redol durante cerca de quinze anos, até 1963. Segundo António Mota Redol, filho do escritor, o relacionamento já durava há alguns anos. Natália terá sido para Redol «a mulher da sua vida, talvez a Gracinda dos romances sobre o Douro». Cf. REDOL, António Mota – *A história do ceifeiro rebelde. Uma biografia de Alves Redol*. In SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assírio & Alvim, 2011, p. 303.

⁵⁰ Carta de 19 de Agosto de 1949.

⁵¹ Carta de 23 de Setembro de 1949.

⁵² Cf., por exemplo, CABRAL, Alexandre – *Lembrar de novo (e sempre!) Alves Redol*. In MARINHO, Maria José; REDOL, António Mota (org.) – *Alves Redol, Testemunhos dos seus Contemporâneos*. Lisboa: Caminho, 2001, p. 36.

⁵³ Como escrevera na dedicatória («Aos Durienses») do romance *Horizonte Cerrado*: «Sonhei erguer, com este ciclo de romances, um monumento à vossa epopeia, soberana entre as demais que o homem empreendeu. Ao concebê-lo, porém, esquecera-me de que vocês já o haviam construído na terra conquistada à fraga das montanhas e que as minhas limitações de escritor eram bem precário material para a realização de um sonho tão grandioso. Que este ciclo fique pois, e somente, como um voto de gratidão pelo orgulho que me deram de pertencermos ao mesmo povo».

⁵⁴ Carta de 23 de Setembro de 1949.

Menos de três meses depois, em Dezembro de 1949, o escritor dava por concluído o segundo volume do «Ciclo Port Wine», mas hesitava em publicá-lo de imediato, dado que a venda de livros estava «quase completamente represada»: «É provável que me lance à tarefa do terceiro volume, aguardando para a edição de *Terra Mártir* melhores dias ou melhor oportunidade financeira da minha parte»⁵⁵. Por essa altura, o livro tinha já sido entregue para avaliação na Direcção dos Serviços da Censura, que o sujeitaria a inúmeros «cortes»⁵⁶. No início de Fevereiro do ano seguinte, Redol aguardava, de novo, a opinião da censura sobre o original revisto⁵⁷, tencionando iniciar a edição apenas em Setembro, «salvo qualquer milagre inesperado»⁵⁸. Mas, mais uma vez, os afazeres profissionais na sociedade comercial de materiais de construção, que o obrigavam a deslocar-se diárias entre Lisboa e Vila Franca de Xira, e as vicissitudes da vida familiar dificultavam a sua actividade literária. No Verão desse ano, queixava-se a Tavares Teles, com um misto de amargura e ironia: «Vou agora diariamente a Vila Franca tratar dos meus assuntos comerciais e deves calcular com que disposição o faço. Abalo de Lisboa cerca das 9 horas (levanto-me às 7) e chego aqui cerca das 19 horas. Depois é comer e repousar para não ir mais abaixo de saúde. / A literatura, coitada, é que exulta com este meu afastamento, pois já não podia mais com os meus atropelos à sua dignidade»⁵⁹.

Entretanto, empenhara-se na ajuda à família do escritor Evaristo Monteiro Ramalho, que falecera em 30 de Janeiro desse ano em Porto de Rei, onde vivera, praticamente na miséria, os seus últimos anos, deixando a viúva e a filha numa situação crítica. Em colaboração com Tavares Teles, primo da viúva de Monteiro Ramalho, Redol iria procurar vender algumas das melhores obras da biblioteca do escritor de Barqueiros, oferecendo-se para encontrar compradores em França de primeiras edições de obras de Zola, Balzac, Flaubert, Michelet e Taine. Depois do insucesso dessa diligência, Redol organizou um leilão na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa, mobilizando a colaboração de muitos amigos escritores, artistas plásticos e actores e actrizes do teatro, cinema e rádio, para uma venda mais alargada, que incluiu também uma exposição de obras do escritor duriense, bem como do grupo a que ele e o irmão tinham pertencido na juventude – o *grupo do Leão* –, destacando-se o quadro de Columbano, e sessões de autógrafos de diversos escritores, revertendo uma percentagem para a família de Monteiro Ramalho, que ascendeu a alguns contos de réis e melhorou a precária situação das primas de Tavares Teles⁶⁰.

⁵⁵ Carta de 31 de Dezembro de 1949.

⁵⁶ Cf. REDOL, António Mota – *A história do ceifeiro rebelde. Uma biografia de Alves Redol*. In SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assírio & Alvim, 2011, p. 137 e 277.

⁵⁷ Cf. *on-line*: <<http://ephemerajpp.com/2011/12/04/censura-relatorio-no-4278-25-de-janeiro-de-1950-relativo-a-terra-martir-de-alves-redol/>>. Consulta realizada em 04.02.2013.

⁵⁸ Cartas de 26 de Fevereiro e 15 de Março de 1950.

⁵⁹ Carta de 17 de Julho de 1950.

⁶⁰ Cartas entre 19 de Agosto de 1949 e 17 de Julho de 1950. A exposição/leilão na Sociedade Nacional de Belas Artes decorreu a 30 de Março de 1950, tendo contado com a colaboração dos escritores Ferreira de Castro, Assis Esperança, Loureiro

Pouco depois, o reconhecimento público da obra de Redol atingiu uma expressão até certo ponto inesperada com a atribuição do Prémio Ricardo Malheiros, da Academia das Ciências de Lisboa, ao romance *Horizonte Cerrado*. Era a consagração não apenas do escritor mas também do movimento neo-realista, como referiu Mário Dionísio na revista *Vértice*: «Com eles [escritores neo-realistas] é o povo português, são os próprios problemas nacionais que passam a ser o assunto fundamental do nosso romance. / É bastante justo, enfim, que a primeira consagração oficial do grande movimento literário em questão se tenha efectuado na obra do autor de *Gaibéus*, de *Avieiros*, de *Porto Manso*, de *Horizonte Cerrado*»⁶¹.

O segundo volume do «Ciclo Port Wine» só sairia no final de Abril de 1951, depois de muitas alterações. Em Janeiro, Redol revelava a Tavares Teles que considerava o romance pronto para publicação, tendo, entretanto, substituído o título inicial por *Os Homens e as Sombras*: «Entretanto cá prossigo, vencendo os inimigos exteriores e mais este que mora dentro de mim, dizendo-te que "heroicamente" refiz por duas vezes *Terra Mártir* e só agora o considero um romance digno do meu propósito: o de dar ao ciclo o meu melhor trabalho. Alterei quase tudo, para não dizer tudo, e modifiquei-lhe o título que será agora *Os Homens e as Sombras*, reservando o outro, o primitivo, para o 3.º volume. A publicação deve ainda demorar, porque não me abunda o dinheiro e não procuro editor»⁶².

Nessa mesma carta, prometia iniciar o último volume, quando os seus afazeres comerciais de Vila Franca o permitissem: «Logo que Vila Franca me permita, irei começar o 3.º volume do ciclo para depois, talvez, me entregar a um repouso muito longo. Cada dia que passa menos apetece escrever e parece-me que vou fazer a vontade a esta gente; mas antes de acabar o ciclo não arrumo a caneta. Já agora meto-me em brios neste país sem brios»⁶³.

Continuaria a trabalhar no «Ciclo Port Wine», com o estudo e a recolha de materiais sobre o período conturbado da história do Douro de 1914 e 1915, desde a leitura de jornais da época, actas das sessões da Câmara dos Deputados e do Senado, memórias de políticos e diplomatas, etc. A este propósito, vale a pena destacar a carta de 24 de Maio de 1951 para Tavares Teles: «Avalias, com certeza, o que tem sido o trabalho deste ciclo, que prometi a vocês dois, e a mim próprio, constituir o melhor da minha obra. O encadeamento dos aspectos mais diversos – os afectivos, os documentais, os económico-políticos e sociais, os psicológicos –; tudo isto uma enxurrada de problemas que não posso largar ao deus-dará, tudo pesado, medido e ponderado em vários ângulos, enfeitando, muitas vezes, páginas e páginas que me traíram o conjunto, como neste *Os Homens e as Sombras* que foi

Botas, Armino Rodrigues, Maria Lamas, Romeu Correia, Cardoso Pires, José Gomes Ferreira, Gaspar Simões, Paço d'Arcos, etc., e de actrizes como Laura Alves, Simone Monteiro, Leónia Mendes, Madalena Sotto, Julieta Castelo, Josefina Silva, Lucia Mariani e outras.

⁶¹ DIONÍSIO, Mário – *Alves Redol, Prémio Ricardo Malheiros*. «Vértice». Vol X, n.º 84. Coimbra, Agosto de 1950.

⁶² Carta de 1 de Janeiro de 1951.

⁶³ Idem, *ibidem*.

escrito três vezes. O material vastíssimo que tenho reunido e feito fichas daria, só por si, vários volumes». Nessa mesma carta, revelava ter já escrito cerca de um sexto do «primeiro rascunho», hesitando ainda quanto ao título a dar-lhe, *Terra Mártir* ou *Vindima de Sangue*. E pedia ao amigo para lhe arranjar um local para dormir e comer em Valdigem ou Cambres, onde tencionava passar alguns dias «para colher os últimos elementos» que lhe faltavam para esse volume⁶⁴. Nesse ano e no seguinte, Redol deslocou-se algumas vezes ao Douro, continuando a dividir-se entre a actividade comercial do negócio familiar de materiais de construção, Redol & C.^a, em Vila Franca, a escrita e o cinema, elaborando o argumento do filme *Nazaré*, bem como os diálogos de *Vidas sem Rumo*⁶⁵, ambos realizados por Manuel Guimarães e que seriam severamente amputados pela censura. Em Agosto de 1952, anunciava ao amigo estar a terminar a primeira versão do romance, que gostaria de publicar até finais desse ano: «*Vindima de Sangue* vai agora a caminho do fim da primeira versão – designaremos deste modo o borrão do romance. Já tem muitas e muitas páginas que considero definitivas, embora outras tantas necessitem de rectificações, mudanças várias e até cesto de papéis»⁶⁶. Em meados de Novembro, ultimava a sua revisão, começando o livro a ser impresso: «Ando em revisão do 3.º volume do ciclo, contente algumas vezes, descontentíssimo noutras, embora a tipografia comece esta semana a imprimi-los. Mas até ao fim há ‘espinhos’ por arrancar, ficando ainda com a certeza de que tantos outros permanecem, como a avisar o pobre escriba que a literatura já se não pode fazer por amadorismo. / Acabo, porém, o ciclo com a impressão de que deixei nele o melhor que consegui até hoje – e lembro-me quase todos os dias, eu que sou um falhado de memória, naquilo que te prometi ao iniciá-lo. Tive vontade – sincero desejo mesmo – de subir até ao Douro e fazer uma leitura contigo e o Zé Arnaldo»⁶⁷.

A publicação iria demorar ainda alguns meses. Em Fevereiro de 1953, Redol desabafava com Tavares Teles: «Quería escrever-te já com *Vindima de Sangue* na rua, mas a tipografia trabalha em rodas de granito e não sei quando o volume chegará ao fim. Espero que chegue antes da primavera oficial»⁶⁸.

Depois do «Ciclo Port Wine» (1953-1969)

Com a publicação de *Vindima de Sangue*, Alves Redol fechou o «Ciclo Port Wine» e também o seu trabalho literário sobre o Douro. Poucos anos depois, ainda chegou a pensar em elaborar uma antologia sobre a região. Porém, em finais de 1957, confidenciava a Tavares Teles ter desistido desse projecto, já que a Bertrand iniciara, entretanto, a colecção

⁶⁴ Carta de 24 de Maio de 1951.

⁶⁵ Carta de 27 de Agosto de 1952.

⁶⁶ Idem, *ibidem*.

⁶⁷ Carta de 19 de Novembro de 1952.

⁶⁸ Carta de 6 de Fevereiro de 1953.

Antologia da Terra Portuguesa, de que sairiam nesse ano os volumes sobre as regiões do Minho⁶⁹ e de Trás-os-Montes e Alto Douro⁷⁰: «Desisti por enquanto daquele projecto de que te falei para a região do Douro, uma vez que a Bertrand começou a publicar uns volumes (saíu o *Minho*) que vão um pouco, talvez só em título, na esteira do que pensava fazer. Foi uma coincidência dos demónios, pois a minha libertação da indústria baseava-se particularmente nessa iniciativa para que tinha editor e muita esperança. Fiquei um tanto transtornado com o facto. Os dinheiros estão curtos e as despesas andam largas. Acabo de receber um convite para ir ao Japão e arrepele-me com a certeza de que os meus cabedais mal me chegam para ir a Madrid»⁷¹.

Desde a publicação de *Vindima de Sangue*, a correspondência de Redol para Tavares Teles tornou-se mais espaçada. De vez em quando, reatava-se para dar notícias de livros que iam saindo e que o escritor enviava sempre ao seu amigo do Pinhão, quando não lhos podia oferecer em mão (*Olhos de Água*, em 1954, *A Vida Mágica da Sementinha*, em 1956, *A Barca dos Sete Lemes*, em 1958, *Uma Fenda na Muralha*, em 1959, *Barranco de Cegos*, em 1961, *O Muro Branco*, em 1966, entre outros), dos problemas profissionais e familiares, da situação de amigos comuns, por vezes desabafos sobre a falta de tempo e de saúde. Redol sentia-se «apertado entre betão e contabilidades», com os problemas de gestão da sua empresa familiar de Vila Franca, que, em finais da década de cinquenta, enfrentava dificuldades crescentes, acabando por fechar. Para Redol foi um alívio, apesar dos problemas que ficaram por resolver e que se iam arrastar por bastantes anos, até à sua morte. Numa fase de intensa produção literária, a libertação das idas e vindas para Vila Franca e da contabilidade da empresa foram-lhe providenciais.

Em breve, no início dos anos sessenta, Redol viria a dedicar-se à publicidade, na Agência xito, fundada no final da década anterior por Fernando de Almeida, que confiou a Redol as funções de director artístico. Aí trabalhavam já velhos amigos, como Alberto Ferreira, Augusto da Costa Dias e Alexandre Cabral, além de colaboradores ocasionais, como Ary dos Santos, José Saramago, Alexandre O’Neil, Luís de Sttau Monteiro, Baptista Bastos ou Cardoso Pires⁷². Apesar das excelentes relações de camaradagem que mantinha com os seus colegas de trabalho da xito e de se empenhar nas funções que aí desempenhava, o «trabalho esgotante da publicidade» parece ter sido para Redol uma experiência pouco gratificante, cada vez mais fastidiosa, que mantinha por necessidade de sobrevivência. Chegou a desabafar com Tavares Teles: «Todos os dias ponho a cabeça debaixo de um comboio que me estilhaça o cérebro e me invalida para monologar com o papel branco, mesmo que seja a dar notícias de mim a um bom e velho Amigo como tu. A publicidade é

⁶⁹ TRIGUEIROS, Luís Forjaz (Introdução, selecção e notas) – *O Minho*. Lisboa: Bertrand, [1957].

⁷⁰ CÉSAR, Amândio (Introdução, selecção e notas) – *Trás-os-Montes e Alto Douro*. Lisboa: Bertrand, [1957].

⁷¹ Carta de 27 de Novembro de 1957.

⁷² VILELA, Joana Stichini – *Lisboa, Anos 60: a vida em Lisboa nunca mais foi a mesma*. Lisboa: Dom Quixote, 2012, p. 128.

uma brutalidade. Para todos. Para quem a faz e para quem a recebe a todos os níveis da comunicação. Violenta-nos onde quer que estejamos. E aqui estou eu, consciente do papel que me cabe na máquina de vender as coisas necessárias ou fúteis, a triturar-me dia a dia para conseguir sobreviver sem outras humilhações que colidam mais fundo ainda com a minha personalidade. / A civilização mercantil compra e vende tudo. Como escapar ao cerco, se só nos fica trabalho para vender? Vendê-lo o mais dignamente possível, ou o mais caro que eles se obriguem a pagar. Até ver... Digo até ver, uma vez que o António já acabou o seu curso universitário e os meus Pais caminham para o fim. Claro que um verdadeiro escritor não deve escravizar-se a estes penduricalhos afectivos, se aceita viver para todos e não para certos que se lhe cruzam no sangue limitado da família. Talvez eu não seja um desses escritores. Aceito. / A verdade é que estou metido na engrenagem, tendo a lucidez de o perceber e a honradez de o confessar. Antes isso, penso eu, do que fingir não compreender o papel e querer justificá-lo com deambulações de carácter abstracto, só para enganar os bem-intencionados»⁷³.

Nesses anos cinquenta e sessenta, a vida profissional de Alves Redol, entre o betão e a publicidade, sem abandonar a actividade de escritor, com refúgios mais ou menos longos na aldeia de Freixial, deixava-lhe pouco tempo para regressar ao Douro distante. Entre a publicação de *Vindima de Sangue*, em 1953, e o fim precoce da sua vida, em 1969, a relação intensa que manteve com o Douro, se não se diluiu, não dispôs também de condições para se renovar. Quando podia, Redol acedia à insistência de Tavares Teles ou outros amigos para uma visita, mas os afazeres, as vicissitudes da vida profissional e familiar e novos projectos literários faziam espaçar o seu regresso. Como escreveu em Julho de 1953: «À espera desde Março de poder subir ao Alto Douro, fiquei sem te dar notícias e de me ter por umas horas mais perto de ti e dos teus. A realidade, porém, força-me a perceber que além de muita outra coisa que hoje me falta, perdi também a "pequena liberdade" de me deslocar até à Régua e ao Pinhão de vez em quando»⁷⁴. Não deixaria, porém, de dar um salto ao Pinhão, de longe a longe, para visitar Francisco Tavares Teles e a sua família, ou o jovem médico Luís Roseira, que casara com Marta Cristina de Araújo, uma velha amiga de Redol, que trocara Lisboa pelo Douro, no início dos anos cinquenta. Ou até à Régua, a casa de José Arnaldo Monteiro e Albertina, ponto de encontro com esses e outros amigos. A correspondência para Tavares Teles deixa perceber que, entre 1953 e 1969, Redol terá voltado ao Douro algumas vezes. Pelo menos, em Novembro de 1955 e pelas vindimas de 1957⁷⁵. Desde o início da década de sessenta, outras circunstâncias da vida pessoal e familiar contribuíram para um maior afastamento entre Redol e o seu círculo de amigos durienses mais íntimos. Marta e Luís Roseira separaram-se na Primavera de 1962, passando ambos a viver no Porto. Entre finais de 1963

⁷³ Carta de 30 de Abril de 1968.

⁷⁴ Carta de 31 de Julho de 1953.

⁷⁵ Cartas de 18 de Novembro de 1955, de 3 de Setembro e de 27 de Novembro de 1957.

e inícios de 1964, também Redol se separaria da «mulher da sua vida», Natália. E, logo a seguir, ainda relativamente jovem, falecia José Arnaldo Monteiro, o seu grande amigo da Régua, deixando um irreparável e «terrível vazio».

Depois disso, Redol distanciou-se do Douro. As suas cartas para Tavares Teles referem-se apenas a uma «ida ao Norte», em 1966, e a uma estadia em casa de Marta Cristina de Araújo («saio hoje de casa e deito ao Porto para casa da Marta»), em Maio de 1969⁷⁶. Nessa altura, a médica que tratava Redol, Julieta Gandra, telefonou a Marta, para preparar a estadia do escritor no Porto durante algumas semanas. Prescreveu uma dieta rigorosa, compatível com as débeis condições de saúde de Redol, que sofria de um carcinoma no fígado. Marta cedeu-lhe o seu quarto, no apartamento em que vivia com os seus filhos João Luís, Pedro e José Alexandre, e seguiu à risca as indicações médicas. Redol sentia-se melhorar. Dava longos passeios pela Foz, visitava amigos, nada parecia indicar a despedida. No entanto, essa estadia no Porto foi encurtada pela notícia de um acidente que o pai de Redol sofrera, caindo de uma escada⁷⁷.

Antes de Setembro, não sabemos precisar quando e em que circunstâncias, Redol voltaria ainda ao Norte, a Porto Manso, onde iniciara a sua relação com o Douro. Era já uma despedida. A última carta a Tavares Teles, em Setembro de 1969, evocava essa visita, em jeito de *post scriptum*: «Fui a Porto Manso e estive na Casa do Cabo. Bons tempos!»⁷⁸.

Critérios de transcrição

Na transcrição da correspondência de Alves Redol para Francisco Tavares Teles, respeitámos a ortografia seguida pelo escritor, à excepção de algumas raras palavras traídas pelo correr da escrita no original ou seguindo regras ortográficas mais antigas (como «pre-calço», «presado», «cortezia», «inhóspita», «mixto», etc.). Uniformizámos também a acentuação de diversas palavras, que ora apareciam acentuadas de diversas formas (como «ácerca» e «acêrca») ora apareciam acentuadas de acordo com a ortografia antiga, (como «agüenta», «gôsto», «êsse», «fôr», «azêdo», etc.) ora desprovidas de acentuação (como «correspondencia», «automovel», «silencio», etc.).

Respeitou-se a pontuação do original, excepto em raras situações em que a mesma aparecia claramente desajustada (por exemplo, vírgulas entre sujeito e predicado ou quatro por três pontos em reticências).

Uniformizámos, independentemente da forma como apareciam no original, ora entre aspas ora sublinhados, todos os títulos de livros e de órgãos da imprensa periódica, colocando-os em itálico. Igualmente colocámos em itálico as palavras estrangeiras. Substituí-

⁷⁶ Cartas de 19 de Junho de 1966 e de 22 de Maio de 1969.

⁷⁷ Informação de Marta Cristina de Araújo.

⁷⁸ Carta de 19 de Setembro de 1969.

mos também todas as palavras sublinhadas por palavras em itálico. E usámos ainda o itálico para distinguir a assinatura do escritor em toda a correspondência.

Alves Redol raramente utiliza abreviaturas. Nos casos em que tal acontece, procedemos ao seu desdobramento, para facilitar a leitura.

Mais complexo foi o estabelecimento da data e do lugar de emissão das cartas. À excepção de um caso, todas as unidades de correspondência transcritas não foram datadas por Alves Redol. A datação foi aposta, *a posteriori*, provavelmente por Francisco Tavares Teles, aparecendo manuscrita no topo ou na base das cartas. No entanto, essa datação refere-se, na maior parte dos casos, à data da recepção. Felizmente, à excepção de três casos, todas as cartas foram guardadas com os respectivos envelopes, permitindo datá-las e localizar a sua emissão a partir do carimbo do correio emissor. Em alguns casos, como se assinala nas respectivas notas, houve dificuldades de leitura do carimbo de emissão, por este estar apagado ou manchado. À excepção da única carta em que o local e a data fazem parte do original, tal como ele saiu das mãos de Redol, em todas as outras colocámos esses dados entre parêntesis rectos.

Agradecimentos

Esta publicação da correspondência de Alves Redol para Francisco Tavares Teles resultou da colaboração frutuosa entre o CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço & Memória», a Direcção Regional da Cultura do Norte e as Edições Afrontamento, que asseguraram a sua co-edição. O projecto inicial, que nos foi proposto por João Luís Sequeira, da Direcção Regional da Cultura do Norte, pôde, assim, concretizar-se. No entanto, não teria sido possível sem o envolvimento afectivo e cúmplice de um conjunto de pessoas que guardam a memória de Alves Redol e de Francisco Tavares Teles. A começar pelos seus filhos, António Mota Redol e António Tavares Teles e Manuel Tavares Teles, que aceitaram não só ceder as cópias das cartas para publicação como colaborar com os seus testemunhos e com informações que ajudam a desvendar o significado de muitas passagens, que o carácter lacónico da narrativa epistolar torna mais ou menos herméticas para o leitor comum. Aqui e ali, foram preciosas as informações de Marta Cristina de Araújo, grande amiga de Alves Redol, e de Maria da Luz Magalhães, sobrinha de José Arnaldo Monteiro e sua mulher Albertina. Devemos também um agradecimento especial ao Museu do Neo-Realismo, pela digitalização das cartas de Alves Redol, o que facilitou o trabalho de transcrição, cuidadosamente realizado por Maria Inês Nemésio, investigadora do CITCEM. A revisão final para publicação beneficiou ainda da reconhecida competência da Paula Montes Leal, secretária e investigadora do CITCEM.

AS CARTAS DE ALVES REDOL PARA FRANCISCO TAVARES TELES: OS ESCRITOS ONDE SE REVELAM ALGUNS ASPECTOS DESCONHECIDOS DA VIDA LITERÁRIA DO ESCRITOR E ALGUNS DOS PROBLEMAS INTERIORES DO HOMEM

ANTÓNIO MOTA REDOL

Nas suas cartas para Francisco Tavares Teles no período 1945-1969, Alves Redol aborda, principalmente, assuntos referentes à preparação e escrita dos seus romances durienses. Mas muitos outros aspectos importantes da sua vida são aflorados nestas cartas, dos quais se podem destacar os referentes à sua obra literária em geral, as suas dúvidas sobre a sua própria escrita e sobre a continuação da sua actividade de escritor, aspectos que respeitam à sua vida profissional, primeiro na firma Redol & Cia, Lda, que fundou com o pai e o cunhado, e, depois, na publicidade – vida profissional que dificultou ou mesmo impediu, em certos períodos, a sua carreira de escritor –, a sua relação com o cinema, as suas dificuldades financeiras, as relações com os editores, a sua experiência de editor, o seu gosto em ler os seus textos aos amigos para os comentarem, alguns projectos editoriais, os seus problemas de saúde, em particular a sua propensão para a depressão, etc.

Mas, sintomaticamente, Redol não fala nunca da sua intensa e variada relação com o universo feminino. Nem se verifica a mais ínfima indicação. É natural que não se sinta à vontade, neste assunto, com este amigo, apesar de íntimo, pois sabe que muitos outros amigos não aprovam a sua excessiva vida amorosa. Tavares Teles pode ser um deles. Aliás, essa intensidade era por ele reconhecida, até em textos publicados, embora muito raramente e quase sempre de forma ambígua. E, embora, no prefácio à 6.^a edição de *Gaibéus*, de 1965, escreva «Eu, que sempre trabalhei com a Primavera», Rogério de Freitas, amigo íntimo que o visitava quase diariamente, afirma no seu depoimento para o livro *Alves Redol – Testemunhos dos Seus Contemporâneos*: «... o António necessitava de estar apaixonado, ou pelo menos muito atraído por alguém para que todas as suas faculdades de escritor e observador da realidade estivessem alerta e o trabalho – apesar de metódico – resultasse e o entusiasmasse» e «Contudo, era-lhe necessário esse apelo, essa excitação, esse interesse mesmo platónico por uma mulher, para que o *élan* surgisse, mola que posta em movimento só terminava quando a obra se encontrasse terminada».

Como também não se refere ao seu relacionamento com a mulher, Maria, de quem nunca se divorciou, e, depois, com Natália. Fala delas de forma circunstancial.

Para a elaboração do texto seguinte seleccionaram-se apenas três daqueles aspectos, que se procuraram enquadrar com informação de outras proveniências, nomeadamente as

cartas de José Arnaldo Monteiro para Tavares Teles, que foi possível consultar. Muitos aspectos ficam esclarecidos nestas últimas cartas.

Um outro aspecto, muitíssimo importante, respeita às grandes limitações que a vida profissional introduzia na sua vida literária, e a que se refere com insistência nestas cartas, não será tratado no presente texto. Tavares Teles trata o assunto nos citados *Testemunhos*.

As cartas de Alves Redol para Francisco Tavares Teles não estão datadas pelo seu autor. Mas isso não sucede apenas com as missivas para este amigo. O escritor não tinha por hábito datar as suas cartas, o que não deixa de ser estranho em alguém que foi guarda-livros e chefe de escritório, acostumado, pois, a que todas as cartas comerciais tivessem a data inscrita.

Também interessa saber que não há conhecimento de Redol ter endereçado um tão grande número de missivas a outros amigos, certamente porque era pouco atreito à escrita epistolar, mas também porque a maioria vivia perto de si. Por outro lado, sabe-se como a polícia política interceptava grande parte da correspondência das pessoas que estavam sob a sua vigilância, o que levava estas a evitarem tal meio de comunicação.

Alves Redol no Douro

Alves Redol foi ao Douro pela primeira vez em 1943, segundo declara numa entrevista publicada em 29 de Março de 1945 em *Vida Mundial Ilustrada*. Foi para recolher elementos para «escrever um livro sobre o Trabalho» em Portugal, projecto que se gorou.

Visitou a mina de carvão de S. Pedro da Cova, fotografando muitas das actividades exteriores ali desenvolvidas, que não as do seu interior. Provavelmente não teve permissão. Mas documentou o trabalho infantil que ali se podia observar. Essas fotografias foram reveladas no Porto, no Bazar Electro-Fotográfico, na Rua Passos Manuel, 12, em Setembro de 1943. Parte delas (8) foram publicadas no catálogo da exposição «Alves Redol – Horizonte Revelado».

Na mesma ocasião, subiu e desceu o rio nos barcos rabelos que transportavam as pipas de vinho. Nessas viagens fotografou as pesadas tarefas dos barqueiros, em especial as «trágicas subidas feitas à sirga e à vara», os momentos de descanso. Confirmou os «perigos dos pontos». Uma dessas fotografias mostra Redol com a equipa completa de um dos barcos em que subiu o rio.

Redol ficou deslumbrado com o Douro, e, nessa ocasião e mais tarde, subiu aos miradouros de Loureiro, de Gervide, do Relógio de Sol, perto de Lamego, do Alto das Monteiras, de S. Salvador do Mundo, onde foi fotografado com Francisco Tavares Teles (uma entrevista que concedeu a este em Setembro de 1947 foi publicada no Número Comemorativo do 35.º Aniversário do Clube Transmontano de Angola em 1948, tendo sido ilustrada com esta fotografia e com aquela outra em que aparece sobre o Pinhão tirando apontamentos). Ficou impressionado com o gigantesco trabalho dos durienses, com a vida sacrificada dos peque-

nos agricultores, dos saibradores, dos cavadores, das vindimadeiras e dos lagareiros. O choque de interesses com os grandes produtores e os especuladores.

Também de Setembro de 1943 são as fotografias do Baixo Douro e do Porto, uma das quais mostra uma mulher transportando um pesado fardo de ramos na Calçada da Corticeira. Uma dessas imagens, um velho duriense consertando a viola, esteve longos anos exposta na casa onde viveu entre finais de 1941 e finais de 1948 e onde ficaram a viver a mulher e o filho quando se deu a separação do casal naquele último ano. Outras mostram a miséria que, então, existia na região. E, ainda, a que se podia observar no Porto. Também algumas destas fotografias foram publicadas no mesmo catálogo.

Numa entrevista a Igrejas Caeiro no programa *Perfil dum Artista*, no Rádio Clube Português, em 28 de Janeiro de 1958, Redol declara que o Douro foi a região do país que mais o empolgou, provavelmente porque a mesma possuía um perfil que se identificava com a sua maneira de ser, por vezes apaixonada, embora fosse uma pessoa muito discreta e muito pouco expansiva. Tratava-se de um arrebatamento interior, que não se manifestava por gestos ou palavras pronunciadas mas por acções. Ou pela escrita.

É muito provável que tivesse tido descrições da região feitas pelo seu amigo Soeiro Pereira Gomes, que era natural de Gestaçô, concelho de Baião, e que terá conhecido em 1939, data a partir da qual tiveram contactos permanentes e muito próximos, dando-se os dois casais, passando férias juntos e sendo Soeiro padrinho do filho de Redol.

José Arnaldo Monteiro, que vivia na Régua, terá sido um dos seus primeiros amigos na região duriense. Não se sabe como se conheceram. Foi este amigo que o terá apresentado a Francisco Tavares Teles.

Alves Redol voltou a estadiar no Douro em início de 1945.

Segundo carta de José Arnaldo Monteiro para Francisco Tavares Teles, de 10 de Fevereiro de 1945, Redol devia chegar ao Douro no dia 15, estando em Porto Manso a 16 ou 17. Em carta de 7 de Fevereiro, José Arnaldo pede a Tavares Teles que escreva aos primos Barbosas para que arranjem cama e comida para o escritor e refere as preciosas informações bibliográficas que Teles prestou. Em carta de 28 de Fevereiro afirma que esteve com Redol em Porto Manso no Sábado 24, lamentando que Teles não tenha podido estar e recordando a tarde do dia 17 em que estiveram os três juntos naquela localidade («Porto Manso é um paraíso próximo») e regista, aludindo ao escritor: «Partiu hoje daqui, de madrugada, com dois barcos que vão carregar vinho».

Numa entrevista ao jornal *A Tarde*, do Porto, publicada em 21 de Fevereiro, o escritor confirma que a sua primeira visita ao Douro foi em Setembro de 1943. O jornal relata que foi encontrar Redol na Ribeira, acabado de desembarcar dum barco rabelo. Nessa viagem, em «Entre-os Rios, com a força da corrente e o espesso nevoeiro – de cortar à faca – o barco bateu num pegão e correu risco de naufrágio». E sobre o rio: «É o maior, o mais rico, o mais variado e o mais dramático dos rios que, nascendo em Espanha, atravessam Portugal. Tenho-o aqui nos olhos. Voltarei a percorrê-lo, sempre de barco, sempre com os barquei-

ros e como barqueiro, duas, três, quatro vezes. Quero decorá-lo». Aqui se manifestava aquela maneira de ser apaixonada e espontânea que Mário Dionísio detectava nos seus romances e de que não gostava.

Em carta para Tavares Teles, com data do correio em Porto Manso de 8 de Março de 1945, Redol refere o seguinte: «Parto hoje para o Porto e sigo depois a Coimbra, onde me esperam obrigações».

São datadas de Fevereiro de 1945 as fotografias que então fez e que mostram cenas de navegação no rio, incluindo o barco a ser controlado com a tripulação dentro de água, num local que parece ser uma zona de rápidos. Numa delas toda a tripulação posa para a fotografia. As datas das fotografias estão no carimbo da casa que as revelou, aposto nas costas. Tal como sucedia com as cartas, Redol não costumava datar as fotografias.

Nesta estadia, Redol contactou estreitamente com os barqueiros de Porto Manso e com os seus dramas e sacrifícios para manter uma actividade que sofria a concorrência do caminho-de-ferro, que mais tarde, por sua vez, sofreria a concorrência destrutiva do transporte rodoviário. Daí resultou o romance *Porto Manso*, a que mais tarde se referiria numa entrevista a *Gazeta Musical e de Todas as Artes* (n.º 18, Janeiro de 1961) como «*Porto Manso*, por exemplo, que vou tentar refundir, é um romance característico do que se não deve fazer em literatura». Na realidade, depois de duas edições nunca mais o quis publicar. Muitos estudiosos discordam, hoje, desta sua opinião.

Contava-se em família que, no final de uma destas presenças no Douro, quando Redol se apresentou numa pensão do Porto sujo e com a barba por fazer recusaram-lhe a entrada, tendo sido necessária a intervenção dum amigo influente na cidade para ser admitido.

Redol podia estar ali tanto tempo (desta vez terá sido mais de três semanas) sem ser em período de férias, porque se despedira em final de 1944 ou início de 1945 do seu emprego na Empresa Municipalista, ex-Procuradoria Geral dos Municípios, onde se supõe que trabalhou desde 1933. Pensava que devido ao êxito das sucessivas edições dos seus livros (*Fanga* esgotara-se em dois meses; todos os romances tinham várias edições), podia viver só da escrita, situação que conseguiu manter durante alguns anos.

Por isso, em *Gazeta Musical e de Todas as Artes* de Janeiro de 1961 escrevia-se: «A.R. é, provavelmente, de todos os modernos romancistas portugueses, o mais lido».

Redol tencionava voltar à região duriense e nas cartas para Tavares Teles há referências dessa intenção ora para Julho, ora para Agosto ou Setembro, mas não há qualquer confirmação.

Não há pois notícia de Redol ter estado no Douro em 1946, atarefado que andava com inúmeras actividades, destacando-se, para além da actividade de escrita, a estreia no Teatro Estúdio do Salitre em 24 de Abril da sua primeira peça de teatro tornada pública numa sala de espectáculos – *Maria Emília* –, a organização da secção portuguesa do PEN Club Internacional e a ida para Paris em Setembro, com o objectivo de fazer um trabalho sobre a Resistência e a nova França. Em Julho, sai o romance *Porto Manso* (que foi impresso nas

Oficinas da Imprensa Libânio da Silva, onde acabou de imprimir-se no dia 12 de Julho), prepara os primeiros passos de um filme que se intitularia *Porto Manso*, de que o jornal *Mundo Literário* chega a informar, em Janeiro de 1947, que se iniciaram os trabalhos. Mas no seu espólio não foi encontrado qualquer guião ou sequer esboço ou apontamento. Também um outro filme com o título *Seara Negra*, cuja acção se passa numa mina, com base na experiência que teve em 1943 na Mina de S. Pedro da Cova, é anunciado. Neste caso existe um guião dactilografado, mostrando que o projecto foi bastante longe.

No entanto, embora pareça que não esteve no Douro em 1946, uma das fotografias do seu espólio, em que está sobre o Rio Douro e o Pinhão a tomar apontamentos, está datada pelo punho do escritor como sendo de 1946. Como já aqui foi dito, Redol não tinha o hábito de datar as fotografias. As poucas que o estão (e também estão legendadas) respeitam a diversos acontecimentos importantes e dispersos ao longo da sua vida e é provável que o tenha feito para uma exposição que se realizou na Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira em final de 1964, a propósito do 25.º Aniversário de *Gaibéus*, iniciativa com vários eventos organizada pela Secção Cultural da União Desportiva Vilafranquense. Esta colectividade tinha uma biblioteca com o seu nome que fora inaugurada em 24 de Junho de 1951 numa outra colectividade designada por Ginásio Vilafranquense, a qual se fundiu alguns anos depois com outras, para dar origem à citada União Desportiva Vilafranquense. A Biblioteca passou, então, para a nova entidade. Aquela inauguração, em 1951, fez parte de uma sessão de homenagem que naquela data que lhe foi feita a propósito do Prémio Ricardo Malheiros que, como se sabe, foi atribuído a *Horizonte Cerrado*. Ora a distância temporal dos acontecimentos (a datação da fotografia será, então, de 1964) pode ter dado origem a um lapso de memória por parte de Redol, que se equivocou a datar a fotografia. Como, aliás, acontece com outra fotografia também tirada no Douro, em que se vê a tripulação dum rabelo.

Foi em meados de Agosto e início de Setembro de 1947 que esteve de novo no Douro. Tinha tido, então, uns dias de férias em Agosto com a mulher (Maria) e o filho na Várzea de Colares, onde também esteve Mário Dionísio, Maria Letícia e Eduarda. É daqui que escreve a Tavares Teles com data do correio de 15 de Agosto, afirmando que «desejo partir na próxima 3.ª feira» (dia 19). Em carta com data do correio de 29 de Agosto, escrita algures na zona do Douro: «No comboio de Domingo aí estarei» (dia 31, no Pinhão). Em carta para Tavares Teles escrita na Régua e com data de correio de 8 de Setembro, Redol despede-se, pois parte para Lisboa e escreve «até dia 23». Pela carta com data do correio de 14 de Setembro de 1947, enviada de Lisboa, onde Redol já voltou, percebe-se que a sua intervenção na entrevista já referida dada a Tavares Teles foi escrita em Lisboa. Nessa entrevista Teles menciona: «Por aqui e nos arredores se demorará o tempo necessário para obter os elementos de que precisa para o seu novo trabalho literário». Os dois ter-se-ão deslocado a vários pontos do Douro, tendo um fotógrafo não identificado captado uma imagem de ambos no monte fronteiro a S. Salvador do Mundo, na Serra de Marzagão, nas proximida-

des de Forneira, concelho de Carrazeda de Ansiães, por cima do Cachão da Valeira. Todavia, nas costas dessa fotografia, que existe no espólio de Alves Redol, Francisco Tavares Teles escreveu: «S. Salvador do Mundo, Setembro de 1947» e com essa identificação a fez publicar na revista do Clube Transmontano de Angola, atrás referida.

No final do mês de Setembro, o escritor volta efectivamente ao Douro, não se sabe se exactamente no dia 23, como dissera a Teles. Em carta de José Arnaldo para Tavares Teles o primeiro pede para que Redol esteja na gare do Pinhão no Domingo 28. Em nova carta para Teles de 6 de Outubro José Arnaldo regista o seguinte: «O Redol seguiu para Lisboa na 5.^a feira» (dia 2 de Outubro). O homem de saúde débil andou numa lufa-lufa de Lisboa para a Régua e para o Pinhão e vice-versal.

Foi numa destas estadias de Agosto/Setembro que foi tirada a fotografia, muito divulgada e já referida (a tal que o escritor datou erradamente de 1946), de Redol tomando apontamentos, vendo-se em baixo o Rio Douro e o Pinhão. Henrique do Amaral, em texto publicado no número de *Vértice* de Nov.-Dez. de 1970 de homenagem ao escritor, transcreve palavras de Tavares Teles em carta que, então, este lhe endereçou: «Sobre esta fotografia eu posso testemunhar e provar que as notas apontadas neste bloco e nesse momento se destinavam a uma crónica para *Vértice*». Esta crónica foi publicada na revista em Outubro de 1947 e, depois, nos *Cadernos Mensais de Estatística e Informação do Instituto do Vinho do Porto*, n.º 95, de Novembro de 1947.

Por sua vez, José Arnaldo Monteiro esteve em Lisboa durante alguns dias em Novembro, passeando o pequeno António, filho de Redol, que levou consigo a visitar pessoas conhecidas ou parentes e a quem fotografou na escadaria da estátua de António José de Almeida e no jardim em frente à Casa da Moeda. É interessante notar que a rua que desemboca na estátua se designa, hoje, Rua Alves Redol. As fotografias estão dedicadas («para o álbum do Tóino»), datadas de Novembro de 1947 e assinadas. Doutra série, mas na mesma ocasião, existe uma fotografia de José Arnaldo, Redol e o filho, no Aeroporto de Lisboa. Numa outra, certamente tirada por José Arnaldo, no mesmo local e na mesma data, vê-se Redol, o filho e um homem que não se consegue identificar, o qual deve ter feito a primeira fotografia.

Em Janeiro de 1948, Redol pretende voltar ao Douro para ler a Tavares Teles as páginas que escreveu de *Horizonte Cerrado* (então *Horizonte Fechado*), mas não há confirmação. Em Março, escreve que pretende ir ao Douro pelas cavas, mas também não há confirmação. As cartas para Tavares Teles nunca se referem ao passado, pelo que não é possível qualquer confirmação do que aconteceu!

De 1948 apenas existem duas cartas de Redol para Tavares Teles e não existem cartas de José Arnaldo para este último. Não houve, perderam-se ou foram destruídas?

As relações Redol/Teles são, então, marcadas pelo envio de livros do primeiro para o segundo vender aos interessados. Também os fascículos de *França*. Existem mesmo documentos comprovativos dos envios e dos custos respectivos. Redol era, agora, editor e dis-

tribuidor dos seus livros e dos que a Editorial Inquérito publicara, pois tendo esta editora uma elevada dívida ao escritor, em direitos e em letras que Redol aceitou – sem se perceber que o tenha feito, a não ser por ajuda ao editor –, é provável que a tenha pago em livros.

Em Janeiro de 1949, Redol refere-se a nova visita, mais uma vez não confirmada. Agora que vai todos os dias a Vila Franca de Xira para trabalhar na firma Redol & Cia. Lda., que fundou com o pai e o cunhado em 1947, não tem tempo para deslocações. Na carta com data do correio de 8 de Outubro de 1949 afirma que irá ao Douro, «mas só à Régua».

Em carta de 13 de Janeiro de 1949 de José Arnaldo para Tavares Teles o primeiro fala duma Comissão Concelhia, devendo tratar-se duma estrutura da candidatura do General Norton de Matos. A 27 escreve que «É no próximo Domingo a sessão de propaganda da oposição aqui na Régua» (dia 30), estando previstas intervenções do Eng. Artur Castilho, do Ten.-Coronel Lello Portela, do Cap. Pina de Moraes e duma senhora do Porto. Esteve previsto que Alves Redol também falasse, mas acabou por não ser incluído, por razões que José Arnaldo não explica: «É uma história que eu lhe referirei no Domingo», assinala na carta para Tavares Teles. O que se terá passado?

A partir de 1950 não há promessas de ir ao Douro, mas na carta com data do correio de 24 de Maio de 1951 diz que pretende ir a Valdigem ou Cambres «para colher os últimos elementos que (lhe) faltam para o terceiro volume». Numa carta de 12 de Junho de 1951 José Arnaldo pede a Tavares Teles para arranjar alojamento para Redol ir àquelas localidades.

Em 1950, na sequência de apelo de Tavares Teles e como ser solidário que sempre foi, Alves Redol tomou uma série de iniciativas de apoio à família do escritor duriense Monteiro Ramalho, referenciadas no texto de Gaspar Martins Pereira inserido neste mesmo volume. Tinha uma longa experiência de organização de eventos culturais de vários tipos e tinha um grande conhecimento dos meios literários e artísticos, quer no teatro, quer no cinema. Noutras ocasiões, chegou mesmo a projectar um grande espectáculo sobre o mar, com teatro, música, poesia, dança e um documentário cinematográfico sobre o Tejo.

Redol nunca esqueceu a preciosa ajuda que Tavares Teles lhe deu na recolha de informação sobre o Douro e em contactos pessoais. Por isso, na carta com data de correio de 8 de Março de 1945 regista o seguinte: «Fico a dever-lhe boa parte do êxito da minha recolha. Não o esquecerei». A ajuda dos Barbosas de Porto Manso e de José Arnaldo também foi importante. Mais tarde, travou conhecimento com o médico Luís Roseira, então casado com uma grande amiga sua, Marta Cristina de Araújo. Roseira era de uma família de vicultores de Covas do Douro, que veio a adquirir a Quinta do Infantado, onde, desde há cerca de trinta e quatro anos, se produzem vinhos de grande qualidade de forma independente.

Redol consultou volumosa bibliografia sobre o Douro, alguma dela em arquivos durienses, nos mais diversos domínios: História, Economia, Sociologia, Tecnologia, Biologia, Cultura, Etnografia. Também na sua biblioteca pessoal tinha alguma bibliografia. Por exemplo, os *Anais do Instituto do Vinho do Porto*, o *Esboço de Uma Bibliografia*, separata dos *Anais do Instituto do Vinho do Porto*, os *Cadernos Mensais de Estatística e Informa-*

ção do Instituto do Vinho do Porto, etc. Além disso, possuía numerosa bibliografia sobre a problemática agrícola nacional, que utilizou no trabalho sobre o Douro e nos trabalhos sobre o Ribatejo, nomeadamente o volumoso *Inquérito Económico-Agrícola*, de 1936, o *Inquérito à Habitação*, de 1941. Estudou, também, a história de Inglaterra e da Alemanha e a luta de interesses entre os dois países, em especial quando esta última quis disputar à primeira o controlo do vinho generoso duriense, já então com fama mundial.

Quando começou a escrever os livros do Ciclo do Port-Wine Redol pensava produzir quatro romances, mas acabou por fazer apenas três. Nos primeiros meses de 1949 o escritor teve um esgotamento, em resultado da grande acumulação de trabalho num corpo que ficou muito enfraquecido com a malária contraída em Angola, que lhe ia provocando a morte. O ano de 1948 terá sido duma actividade muito intensa, publicando a peça de teatro *Forja*, ao mesmo tempo que investigava e escrevia o primeiro romance do Ciclo. Começou a sair em fascículos *A França – Da Resistência à Renascença*, em edição sua, com distribuição de ARS – Editorial Limitada, que se supõe ter participação sua ou ser, mesmo, de sua propriedade. Tem de tratar da edição e toma conta da distribuição, pois encontram-se vários recibos passados por si. Além disso, é Presidente da Assembleia-Geral do Ateneu Artístico Vilafranquense, colectividade que continua a apoiar intensamente, embora resida em Lisboa. E faz conferências. Vai a Wrocław, na Polónia, em Agosto, para participar no Congresso dos Intelectuais para a Paz, no qual estão presentes os maiores escritores, artistas e cientistas de todo o mundo. A luta com a Censura é terrível. Se é de 22 de Julho o carimbo da Censura no original dactilografado de *Forja*, é de 16 de Outubro o de *Horizonte Cerrado*.

Ao mesmo tempo que saiu, em Fevereiro ou Março de 1949, a 1.^a edição deste romance, com capa de Júlio Pomar, em edição do autor – composto nas oficinas de Edições Cosmos e impresso na Gráfica Lisbonense –, publicou-se uma edição em papel especial, de exemplares numerados e assinados pelo autor, com a mesma capa e com seis desenhos de Júlio Pomar. Existe, ainda, um número não conhecido de exemplares da 1.^a edição, com o mesmo papel desta e com os seis desenhos de Pomar.

Romance este que conquista o Prémio Ricardo Malheiros da Classe de Letras da Academia das Ciências, o prémio literário de maior prestígio na época, que lhe é atribuído em 28 de Julho de 1950. Mas a cerimónia de entrega do prémio é em 25 de Janeiro de 1951. Recebe-o das mãos de Egas Moniz, já então premiado com o Nobel da Medicina.

Em consequência deste prémio, Redol foi homenageado num jantar que se realizou no dia 16 de Março de 1951 no Restaurante Chave de Ouro, em Lisboa. Na mesa que presidiu ao jantar estiveram António Sérgio, Ferreira de Castro, Mário Dionísio, Adelaide Félix, e na assistência muitos escritores (Carlos de Oliveira, Alexandre Cabral, Romeu Correia, José Cardoso Pires, etc.), pessoas da Oposição, como Mário Soares, Vasco da Gama Fernandes, Francisco Ramos da Costa, Eng. António Abreu, etc., e também uma delegação do MUD Juvenil, que destacou para falar o então jovem Alexandre Castanheira, activista

de bibliotecas e colectividades de Almada. Recorde-se que anteriormente se referiu uma outra homenagem, pelo mesmo motivo, realizada em Vila Franca de Xira em Junho.

A escrita de *Terra Mártir*, romance que é o segundo do Ciclo e que acabará por sair com o título de *Os Homens e as Sombras*, é um tormento para Redol, como o declara nestas cartas para Francisco Tavares Teles. Chega a anunciar que vai deixar a escrita. O romance tem quatro versões. A sua insatisfação com o que escreve é grande. Além disso, a Censura corta páginas inteiras. A última versão tem o carimbo da Censura de 3 de Janeiro de 1950 («Aprovado com Cortes», escreve o censor), mas só vem a público em Maio de 1951, em edição do autor composta e impressa na Empresa Técnica de Tipografia, em Vila Franca de Xira, onde então trabalha na firma que fundou em 1947 com o pai e o cunhado. No entanto, a edição foi vendida na sua totalidade a Publicações Europa-América, que fez a sua distribuição e, por isso, é frequente aparecerem referências que atribuem a edição a esta entidade.

Por esta altura já estará a escrever o último livro do Ciclo, *Vindima de Sangue*, que só virá a público nos primeiros meses de 1953 (Março ou Abril), em edição do autor e composto e impresso, de novo, na Empresa Técnica de Tipografia. Este romance já deve ter sido escrito no Freixial, localidade do concelho de Loures onde alugou uma pequena casa para poder escrever sossegadamente, o que em Lisboa não conseguia, com as constantes visitas dos amigos. Também deve ser com este romance que começa a utilizar a prática de preparar um plano do livro, assinalando os capítulos, os personagens e as entradas destes com diferentes cores. Assim conseguia aperceber-se da importância real de cada personagem no romance e a sua evolução. Continuou a utilizar sempre esta técnica até ao fim da sua vida. Também existem fichas com a descrição física e psicológica dos personagens dos três romances. Aliás, como é de prever, existe também um volumoso conjunto de apontamentos sobre o Douro, resultado das pesquisas, das conversas e das visitas que fez. E as várias tentativas de escrita do entrecho, dos diálogos. Algumas vezes, uma a duas páginas, apenas.

Depois do trabalho de preparação do Ciclo do Port-Wine Redol terá continuado a visitar o Douro e os seus amigos (mas muito mais raramente), assunto sobre que se pronuncia nas cartas para Tavares Teles. Segundo informação dum Agente da PIDE de 21 de Julho de 1961, existente nos Arquivos daquela polícia em consulta na Torre do Tombo, à volta daquela data Alves Redol esteve em casa de José Arnaldo Monteiro na Régua, com Francisco Tavares Teles, Manuel Lourenço Morais de Carvalho e Luís Roseira, conhecido médico duriense, oposicionista, já referido.

Redol era continuamente vigiado pela PIDE. No Relatório Semanal de 3 a 9 de Fevereiro de 1963, de Raul Rosa Porto Duarte, subdirector da PIDE no Porto, refere-se a estadia do escritor no Clube dos Fenianos Portuenses, para um colóquio sobre a sua obra, em que foi apresentado por Óscar Lopes.

O Relatório Semanal de 19 a 25 de Junho de 1966 apresenta três pontos: I) Visita Presidencial; II) Na cidade do Porto; III) Na restante área desta Delegação. O ponto II)

apresenta dois subpontos: a) Ambiente político-social; b) Escritor Alves Redol. Neste subponto noticia-se o colóquio realizado na Cooperativa Árvore, no Porto, em 17 de Junho, a sessão de autógrafos na Livraria Divulgação, no dia 18, também naquela cidade, e o Colóquio no Sport Club Vianense, em Viana do Castelo, no mesmo dia 18. Para o efeito, foi destacado um «funcionário capaz, para assistir a todos os actos», nas palavras dum responsável portuense daquela polícia. Estes documentos mostram a importância que a polícia política atribuía a Alves Redol, dedicando-lhe mesmo um capítulo à parte no seu Relatório Semanal.

Para além de outros projectos dedicados ao Douro – como uma antologia (segundo informa Gaspar Martins Pereira no texto incluído neste volume e que em carta para Tavares Teles com data do correio de 27 de Novembro de 1957 Alves Redol designa por «projecto de que te falei para a região do Douro») e *um Cancioneiro Popular do Douro*, os quais abandonou, o primeiro porque, entretanto, surgiu uma obra semelhante anunciada por uma conhecida editora e o segundo, de que ainda recolheu algum material, certamente porque não conseguiu prosseguir devido aos afazeres profissionais – iniciou duas peças de teatro localizadas no Douro. Uma delas intitulava-se *Douro* e o 1.º acto, de que chegou a escrever dezasseis páginas na sua escrita miudinha passava-se «em casa de um arrais do Douro». Da outra, elaborou o plano dos três actos, mas nada escreveu.

O projecto do *Cancioneiro Popular do Douro* ainda teve início, com o envio a vários amigos durienses – tal como fez para o *Cancioneiro do Ribatejo* – de uma *Breve Nota para o Recolhedor do Cancioneiro Popular do Douro*, que Francisco Tavares Teles publicou no seu depoimento sobre o amigo em *Alves Redol – Testemunhos dos Seus Contemporâneos*.

Existe, aliás, no espólio do escritor uma folha intitulada *Roteiro do Douro*, que refere documentação e informação a recolher como «Mapas de várias viagens partindo de diversos pontos do país», «Publicidade de hotéis, pensões e casas de pasto; vinicultores; casas de especialidades em doçarias», «Gastronomia e vinhos», «Mapas da parte monumental», «Termas, águas medicinais», «Folclore», etc., mas com a nota «Considerar só a região vinhateira». Tratar-se-á de outro projecto que o escritor começou a preparar, em substituição da antologia? Ou a própria antologia incluiria estas questões?

Redol duvida das suas capacidades de escrita e quer abandonar a actividade de escritor

Como foi dito no início deste texto, as cartas de Alves Redol para Francisco Tavares Teles contêm muito mais informação do que aquela que respeita ao Douro. Redol abre-se muito com ele e confessa-lhe situações e sentimentos que não expressa a outros amigos, embora muitos assuntos da sua vida particular fiquem por abordar.

Por exemplo, Redol confidencia-lhe, por várias vezes, o tormento que está a ser para ele continuar o ofício da escrita. As coisas não lhe saem como pretende, receia que não seja capaz de escrever os romances durienses à altura da grandeza dos trabalhos e dos sacrifi-

cios desenvolvidos pelo povo da região. Chega até a afirmar: «O livro está na mesma – isto é sem uma linha escrita. E parece-me agora que o receio começar, porque nunca será aquilo que desejava oferecer ao Douro. Vencerei esta dúvida?...» (Carta com data do correio de 26 de Novembro de 1947). Nessa mesma carta menciona: «Olho para trás de mim e julgo que tudo o que tenho produzido é falho de interesse. E pergunto por isso mesmo se valerá a pena continuar»; e em 29 de Janeiro de 1948: «Varrida a incerteza perante as proporções da obra, já iniciei o primeiro volume. Tive-lhe medo, sabes?...».

Este «medo» não era novo. No prefácio à 5.^a edição de *Avieiros*, de 1968 – aquela que sofreu uma remodelação profunda em relação às anteriores – confessa: «Ganhei medo ao papel branco. Medo autêntico. Com tantos fantasmas à minha beira, atormentei-me. Longos meses. As primeiras páginas de *Fanga*, o romance que se lhe seguiu, queimaram-me os nervos». Pensa, mesmo, em deixar de ser escritor.

Nas cartas para Teles refere-se a várias contrariedades da sua vida («... talvez até caótica. Está um pouco como o meu espirito» – carta de Novembro de 1947), as quais podem determinar as suas dúvidas em continuar a escrever, entre as quais relações complicadas com o editor em consequência de tiragens falseadas dos seus livros, falta de pagamento de direitos, etc. Ainda o resultado de ter aceite letras de valor muito elevado (300 contos; hoje, mais de uma centena de milhares de euros) que aquele lhe pediu para aceitar (não se percebendo porque o fez, a não ser por desejo de ajuda), o que lhe trouxe problemas graves, porque o editor não pagou e Redol teve de arranjar dinheiro emprestado para cobrir a exigência bancária. Em carta de 29 de Março de 1948 regista que «... no meio desta enorme barafunda em que me coloquei por ter feito um favor dos que ninguém deveria esquecer. De tudo isto só me ficará para mais tarde um vasto material de memória que documentará as relações entre editores e escritores». E ainda: «Os abutres tentaram cair sobre mim, ignorando que eu sou dos que não voltam a cara às tempestades da vida. Contos largos para uma grande conversa...». Em consequência: «O Port-Wine está agora à margem. Não sei quando lhe pegarei tão cedo».

Escritor recebido com grande entusiasmo quando saiu *Gaibéus*, o êxito prosseguiu com *Marés*, *Avieiros*, em especial este romance. *Fanga* foi um grande êxito editorial, esgotando-se a primeira edição em dois meses. Seguiram-se novas edições de todos os títulos. Foi esse sucesso que ditou a sua opção por viver só da escrita. Se a grande maioria da crítica recebia positivamente os seus livros, com entusiasmo nalguns casos, um crítico em particular, João Gaspar Simões, era muito agressivo e desagradável com ele, como o era com todos os neo-realistas. Isso magoava-o. Mas também um amigo, Mário Dionísio, colocava algumas reticências, especialmente na *Ficha 5* em Abril de 1942, sobre *Avieiros*. Ora estas reticências provocavam-lhe dúvidas quanto ao que estava a fazer. Por isso, *Os Homens e as Sombras* (*Terra Mártir* durante muito tempo) teve várias versões. «O segundo volume do ciclo continua na mesma – e se não tivesse escrito o primeiro deixaria o encargo para outros. A empreitada é difícil e sem estímulos torna-se penosa» (Carta com data do cor-

reio de 19 de Agosto de 1949). Pouco depois escreve: «O 2.º volume do ciclo está em ‘cri-sálida’. Esboçado nas suas linhas gerais, com cerca de quatrocentas páginas escritas, tem necessidade de ser refundido na sua maior parte» (Carta com data do correio de 23 de Setembro de 1949).

«O velho abraço para ti – aquele abraço de quem não esquece o carinho e a confiança que vens pondo sempre na minha actividade, mesmo quando eu me obstino em negá-la», afirma na carta com data do correio de 23 de Setembro de 1949, mostrando mais uma vez, dúvidas quanto às suas capacidades.

Em início de 1950, *Terra Mártir* foi entregue na Censura. Esta cortou páginas inteiras, nomeadamente quando Redol descreve um grande comício realizado no Douro no tempo da Monarquia, em protesto pela política governamental ou numa página em que refere a oposição entre os interesses portugueses e ingleses na comercialização do vinho. A última versão ainda teve cortes. Mas: «Entretanto cá prossigo, vencendo os inimigos exteriores e mais este que mora dentro de mim, dizendo-te que ‘heroicamente’ refiz por duas vezes *Terra Mártir* e só agora o considero um romance digno do meu propósito: o de dar ao ciclo o meu melhor trabalho. Alterei quase tudo, para não dizer tudo, e modifiquei-lhe o título que será agora *Os Homens e as Sombras*» (Carta de 1 de Janeiro de 1951). *Os Homens e as Sombras* foi escrito três vezes (Carta de 24 de Maio de 1951).

Repare-se que as dúvidas sobre a sua capacidade para levar por diante a grande obra duriense e sobre continuar a carreira de escritor alternam com momentos de grande determinação. Ao mesmo tempo que pensa deixar de escrever continua a compilar elementos acerca do Douro e aluga uma casa no Freixial, concelho de Loures, para se poder retirar (isolar) para escrever, pois os amigos mais chegados, com visitas diárias, não lhe deixam tempo para trabalhar nos romances. Certamente, estes diferentes momentos têm a ver com as tendências, ora depressivas, ora eufóricas, que analisaremos a seguir.

Em Agosto de 1952 escreve: «*Vindima de Sangue* vai agora a caminho do fim da primeira versão – designaremos deste modo o borrão do romance. Já tem muitas e muitas páginas que considero definitivas, embora outras tantas necessitem de rectificações, mudanças várias e até cesto de papéis».

Por esta altura, há um grande desalento na Oposição, pois muita gente esperava que o regime político construído por Salazar e pelos que o apoiavam caísse com o fim da guerra. Mas assim não sucedeu. Por outro lado, a Guerra Fria tomava foros de se transformar em nova guerra mundial, agora muito mais terrível, pois os adversários tinham a bomba atómica. Estas desesperanças e contrariedades tiveram repercussões importantes dentro do próprio Movimento Neo-Realista. Desencadeara-se a designada por «Polémica interna do Neo-Realismo», com a existência de grupos que se antagonizavam cada vez mais. Alguns pensavam que os romances de Redol tinham graves desvios ideológicos. É desta época (Agosto de 1953) uma carta de António José Saraiva para o autor dos romances do Ciclo do Port-Wine em que, embora elogiando a evolução formal do escritor, põe

reservas ideológicas a *Vindima de Sangue*. Por exemplo: «Não haveria vantagem em tratar certos personagens de *fora para dentro*, seguindo um processo mais de reportagem que de romance psicológico». Como mais tarde uma outra, datada de 12 de Julho de 1955, sobre *Olhos de Água* em que afirma: «Ideologicamente este seu livro é aparentemente inútil; nada adianta na crítica do processo histórico que o neo-realismo se impôs como tarefa».

Com tudo isto não é de estranhar que Alves Redol queira deixar de escrever. Em carta de 1 de Janeiro de 1951 para Tavares Teles assinala: «Estou cansado de viver» e «E vamos lá uma confidência: no momento em que resolvi publicá-lo (*Cancioneiro do Ribatejo*), pensava que tão cedo não viria a escrever e que, portanto, esse volume seria a minha despedida. E não o será?...». E mais adiante: «Cada dia que passa menos apetece escrever e parece-me que vou fazer a vontade a esta gente; mas antes de acabar o ciclo não arrumo a caneta». E com data do correio de 15 Março de 1954: «Perguntas-me por projectos literários, dando-me conta de certa notícia que desconhecia. De concreto nada tenho para te dizer...» e «O que publiquei na *Vértice* é um pedaço inacabado que aqui me vieram arrançar para os amigos não me julgarem morto».

Redol deixara, mesmo, de escrever. Era uma obsessão, quase constante, desde, pelo menos, 1942/1943.

Tendo publicado *Olhos de Água* em Dezembro de 1954, livro que já tinha alinhavado há tempo e que incorporou textos dados à estampa em várias publicações, e publicado o livro infantil *A Vida Mágica da Sementinha* em 1956, cuja primeira versão ou, pelo menos, algumas páginas devem datar de 1948, nada mais publica até 1958. Nem sequer reedições. Confirmando este seu estado de espírito, em Novembro de 1955, numa entrevista para a revista *Eva*, dá respostas vagas sobre novos projectos quando, no passado, dava sempre conta do que estava a escrever e das datas aproximadas de futuras edições.

Importa referir que nestes anos 50 muitos escritores neo-realistas como Mário Dionísio, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira, João José Cochofel, Armindo Rodrigues, José Gomes Ferreira, Afonso Ribeiro, Ilse Losa, Sidónio Muralha, José Cardoso Pires, Mário Braga, Orlando da Costa também nada publicam durante longos anos. Haveria razões comuns a todos estes escritores para deixarem de publicar?

No entanto, em Maio de 1956, Alves Redol recebe uma carta, em italiano, duma leitora búlgara duma tradução de *Fanga* a quem impressionou a figura de Manuel Caixinha, sobre o qual afirma: «... na aspereza da vida não perde a tenacidade de espírito e a pureza de sentimentos». E mais adiante: «Acabei a universidade formando-me em filologia italiana, mas não me dava com a profissão de professora. Isto provocou-me uma doença nervosa... resignava-me a ser um elemento não activo». «Em 1954, li o romance *Fanga*. Isso deixou-me uma profundíssima impressão e induziu em mim confiança mas minhas próprias forças. Comecei a estudar bordado búlgaro, aprendendo com facilidade. Hoje estou a trabalhar e a ganhar... Devo-lhe muito, senhor Redol».

Como pode um escritor ficar insensível a palavras como estas?

Redol sabia que os seus livros tinham mudado a maneira de muita gente ver o mundo, tinham levado muitos a ter uma actividade cívica e mesmo política. Como relata Mário Dionísio, houve pessoas que quiseram aprender a ler para poderem ler os livros redolianos. Uma delas dirigiu-se-lhe. A professora Maria Letícia, mulher de Dionísio, não ensinou a ler no livro *Fanga* uma dessas pessoas?

Esta carta de longe mudou a sua decisão de abandonar a literatura. E voltou a escrever. Disse-o várias vezes em público e em privado. Retomou a escrita e na revista *Eva* saiu, em final de 1957, o conto *Algumas Maneiras de um Homem Sem Família Passar a Noite de Natal*. Em 1958, publicou um dos seus melhores livros, considerado na época o início de uma sua nova fase literária: *A Barca dos Sete Lemes*.

Neste período em que pensa deixar a escrita, afirma numa carta para Tavares Teles com data do correio de 6 de Fevereiro de 1953: «Daqui por uns anos, poucos se lembrarão de mim; e esses serão os amigos». Anos mais tarde, quando já está internado no Hospital de Santa Maria – onde virá a falecer – escreve para José Cardoso Pires, que está em Londres: «Eu serei um dos que morre na incomunicabilidade do seu tempo». Ao que Cardoso Pires responde, em carta de 26 de Novembro de 1969: «Que não queiras, por causa dos teus brios silenciosos, pôr no desabafo tantos e tantos anos, até aqui sem um desvio de consciência política e individual e sem uma pausa de narcisismo oportunista... Mas o Redol de tantas obras lançadas por desejo de testemunhar e tomar o partido dos oprimidos? E o tipo que nunca negou a mão ao camarada? E o escritor que abre um capítulo ao Realismo português? E...».

Era, de novo, Redol a negar-se, a pensar que o que escrevera de nada servira, que não valera a pena!

As tendências depressivas de Redol

Nestas cartas para Francisco Tavares Teles revela-se uma tendência de Redol para a ocorrência de fases depressivas.

Redol era um jovem saudável antes de ir para Angola com dezasseis anos, pois jogava futebol enquanto aluno do Colégio Arriaga no «Grupo Pátria» e num grupo do Rio Seco e foi fundador, com amigos, do Clube União Futebol Académica, em Vila Franca de Xira, o qual parece ter dado origem à filial do Benfica nesta localidade, o Sport Lisboa e Vila Franca, de que foi dirigente mais tarde. Em Luanda, praticou a mesma modalidade nas segundas categorias do Sporting Club de Luanda e no Club Atlético de Luanda. Também foi um dos fundadores da equipa de basquetebol daquele primeiro clube luandense, de que foi o capitão de equipa, participando no primeiro jogo público desta modalidade em Angola no dia 18 de Maio de 1930, em que o adversário do Sporting de Luanda foi a Associação Académica do Liceu Salvador Correia, de Luanda, segundo a propaganda deste jogo divulgada pelo clube organizador.

No final de 1930 contraiu a malária, tendo estado em perigo de vida. Embora sobrevivesse, ficou muito debilitado e regressou à metrópole em Maio de 1931, acusando essa

fraqueza até ao fim da vida. Após regressar só se empregou algum tempo depois, mas tendo de abandonar o trabalho a breve prazo. Para recuperar forças, ia disfrutar os ares puros dos arredores rurais de Vila Franca, estando frequentemente numa casa da Quinta de Baixo onde a futura mulher, Maria dos Santos Mota, e a família passavam férias e fins-de-semana. Aí estiveram, também, sua mãe e irmã, bem como primas de Maria e primos de Redol de Tomar que viviam em casa de António Redol da Cruz, pai do escritor. Dessas estadias existem algumas fotografias, datadas de 1931 por Maria.

Voltando a trabalhar, teve várias recaídas, que lhe limitaram a acção, apesar da imensa actividade cultural que desenvolveu na sua terra. Em várias ocasiões, sessões culturais anunciadas tiveram que ser adiadas ou canceladas. Redol nunca mais pôde praticar desporto, mas foi dos corpos gerentes do Sport Lisboa e Vila Franca, tendo sido, durante algum tempo, conselheiro técnico da equipa de futebol, em cuja qualidade fez algumas deslocções com a equipa a várias localidades, onde ela jogava para o campeonato regional.

Em Novembro de 1935, Redol foi operado durante três horas a uma úlcera no duodeno no Hospital de S. José, pelo Dr. Armando Luzes, mas não foi utilizada a anestesia geral, com máscara de éter ou clorofórmio. Perante uma opção que lhe permitia evitar os efeitos da anestesia geral, Redol preferiu a anestesia loco-regional, pouco antes aprendida pelo cirurgião em Viena de Áustria. O cirurgião, no final, designou-o por «homem de cimento». Na realidade, não o era! Toda a vida se sujeitou a um regime alimentar rigoroso, sem excessos na quantidade ou não ingerindo alimentos de difícil digestão. Enquanto viveu com Maria fez dieta permanentemente. Raramente ingeria bebidas alcoólicas. De facto, a malária afectou-lhe o fígado e foi com um cancro originário neste órgão, mas que depois se espalhou (segundo a opinião do médico que o assistiu nos últimos tempos de vida) que faleceu.

Alves Redol, após a estadia em Angola, tinha, portanto, uma saúde débil.

A tuberculose era uma doença que assolava a família Alves. Redol viu morrer vários tios tuberculosos. Depois de casar, por cima do andar para onde foi viver, um vizinho tuberculizou. O médico ordenou-lhe que mudasse imediatamente de residência. Em Julho de 1938, esteve cerca de duas semanas de férias com Maria em Alpedrinha, apanhando ares que eram considerados purificadores.

Além de tudo isto, num depoimento para o volume *Alves Redol – Testemunhos dos Seus Contemporâneos*, o médico psiquiatra Dr. Joaquim Seabra-Dinis, um dos mais conhecidos à época e que marcou a psiquiatria portuguesa em meados do século XX, escreve: «Ora Alves Redol, na esfera temperamental, sofreu ao longo da vida, com maior profundez depois de casado, oscilações de fundo biológico mais ou menos marcadas a que não eram estranhas outrossim influências externas, em especial meteorológicas, ligadas aos jogos estacionais dos equinócios e dos solstícios ou dos outonos e das primaveras». Refere, mesmo, o que o romancista escreveu no prefácio à 6.^a edição de *Gaibéus* sobre escrever na Primavera; e alude às duas borboletas, a vermelha e a negra, a faceta expansiva e a faceta

depressiva, que caracterizavam a personalidade de Redol e a que este se refere no prefácio a *Teatro I*, de 1966.

Redol consultou Seabra-Dinis inúmeras vezes como doente – tendo sido sujeito a vários tratamentos – e como escritor. Nesta qualidade, queria conhecer melhor os perfis psicológicos que atribuía aos personagens que imaginava. O medo foi um dos assuntos mais discutidos entre os dois, tendo Redol lido vários livros sobre o assunto que o psiquiatra lhe recomendou.

Nas cartas para Tavares Teles alude-se várias vezes a situações depressivas. Assim, em carta com data do correio de 22 de Maio de 1945 Alves Redol, a propósito da sua má relação com a escrita de cartas para os amigos, escreve: «Depois vem um cansaço que tolhe e nos deixa numa espécie de embriaguez que quase insensibiliza». E na missiva de 20 de Outubro de 1947: «Estou esgotado e em breve terei de repousar». E na de 26 de Novembro do mesmo ano: «... talvez até caótica. Está um pouco como anda o meu espírito» e «Não vão bem os sintomas de certas perturbações que me passam pela cabeça». E, depois, na de 13 de Dezembro de 1948: «... os nervos estão já incapazes de dar mais do muito que lhes exijo».

As dúvidas frequentes sobre a sua escrita e a obsessão em deixar de escrever têm, certamente, relação directa com esta tendência depressiva que, como se verifica, tem uma manifestação muito frequente. Vale a pena referir as muitas queixas nestas cartas, para o leitor se aperceber da importância do assunto.

Em carta com data do correio de 26 de Fevereiro de 1949 menciona: «Desculpa a minha falta de notícias, mas um esgotamento tem-me impedido de o fazer, embora cá ande na minha ingrata lida de autor e editor». Por volta de Outubro de 1948 Redol separara-se da mulher e do filho, o que constituía para ele um outro factor de perturbação. Não era a primeira vez. Mas desta, foi em definitivo.

Em 19 de Agosto de 1949, assinala: «Hoje estou mais calmo ou, para melhor dizer, neutralizado por uma apatia que me leva a aceitar com conformação tudo aquilo que noutros momentos me desespera». E em 26 de Fevereiro de 1950: «... não obstante andar bastante doente dos meus nervos e nem ter vontade de me mexer para mim». Em 3 de Abril refere-se a um «esgotamento» e a 17 de Julho «... só hoje, um pouco melhor de saúde e de disposição, arranjo coragem para te responder». E, ainda, em 1 de Janeiro de 1951: «Estou cansado de viver». Em 24 de Maio: «... o peso terrível duma saúde por vezes precária». E em 1 de Agosto: «Estou a tratar-me de um esgotamento, e só agora, mais de um mês decorrido, é que começo a ter conta em mim, apesar de nunca ter abandonado o trabalho em Vila Franca».

Depois de um período de mais escassa correspondência (com apenas quatro cartas de 1953 a 1957, se não se extraviaram algumas), em 14 de Março de 1957 afirma: «A vida teceu à minha volta uma teia apertada que cada dia julgo mais densa». E em 20 de Julho: «... destes anos terríveis que acabo de passar». Por esta altura voltara à escrita e anuncia a conclusão de «um romance longo», que será, certamente, *A Barca dos Sete Lemes*.

Na carta com data do correio de 14 de Outubro de 1963 escreve: «... tenho vivido nos últimos meses sob o domínio de um grave problema que me atormenta os dias e as noites, fazendo de mim um homem dividido e perturbado. São talvez os cinquenta anos; são, certamente, as acumulações de muitos desejos recalçados que, de repente, me pedem conta e me exigem liberdade. Que fazer?!... Decorreram sete meses e ainda me interrogo...».

Não se consegue identificar com precisão a que se refere Redol, mas é claro que a sua tendência depressiva tem aqui uma intervenção muito importante. Sabe-se que lhe surgiram graves problemas neste período, não só de natureza política, pois esperaria ser preso a cada momento (o que acabou por suceder no dia 30 desse mês de Outubro), como de natureza financeira, com a falência da firma Redol & Cia, Lda, de que era sócio, recorde-se. Supõe-se que as suas relações com a companheira de então, Natália, não seriam as melhores. Aliás, vieram a separar-se em inícios de 1964, por iniciativa de Natália, que não aceitou uma relação amorosa que Redol mantinha, apesar de ter suportado muitas outras ao longo da sua vida em comum. Essa separação afectou-o profundamente, pois Natália terá sido a «mulher da sua vida». Tudo parece indicar que a personagem de Gracinda dos romances durienses, mulher livre e determinada – «Neste ciclo, Redol apresenta-nos uma das mulheres mais fortemente desenhadas da sua obra: Gracinda, mulher telúrica, na qual o desejo se revela como uma força condutora, desde a oferta explicitamente ao amor de Francisco, viúvo de sua irmã, ao final trágico na luta que enceta mais por ele do que por consciência pessoal», escreve Helena Neves em artigo publicado no número 2/3 da revista *Nova Síntese* –, seja inspirada nesta mulher. Também tudo indica que a ela se dirige esta dedicatória publicada em *O Muro Branco*, de 1966 (recorde-se que a maioria das romances de Alves Redol, desde *Gaibéus*, são dedicados, sobretudo a amigos ou familiares): «Agora, que nos labirintos da vida se confundiram a tua voz e a ternura insubmissa com que alumiaste o nosso encontro, agora, sim, agora posso dedicar-te um romance».

Em carta com data do correio de 31 de Maio de 1965, Redol continua a queixar-se e regista: «A minha saúde cá vai aos tombos, mais por razões psicológicas do que por outras». E em 12 de Abril de 1966: «A minha vida, porém, flutua um tanto ao sabor de correntes contraditórias, a que me entrego, não vá fatigar-me em demasia na luta de as dominar mais ao gosto dos meus pendores, acabando exausto e incapaz de me aproximar da minha meta».

Nas cartas de José Arnaldo Monteiro para Tavares Teles também se aborda, embora esporadicamente, esta faceta de Redol. Assim, na carta de 12 de Setembro de 1949, o primeiro escreve: «Agradeço que me tenha mandado notícias de Redol, e só é pena que não sejam óptimas. O abatimento e o desânimo devem ser porém coisa de ocasião. Tudo há-de passar, creio-o». E em 2 de Julho de 1951: «Veja se move o Redol, se consegue trazê-lo cá acima para nos dar um pouco de ânimo, ou ganhá-lo também».

A tendência depressiva de Alves Redol era, até agora, um dos aspectos mais ignorados da sua vida, apenas afluído no depoimento do psiquiatra Joaquim Seabra-Dinis no

volume citado e subentendida em textos autobiográficos, mas sem que lhe compreendêssemos toda a importância. Certamente que a constante dúvida sobre a sua capacidade literária, revelada nas cartas e que tentámos escalpelizar, tem a ver com esta tendência.

Nestas cartas para Francisco Tavares Teles essa faceta revela-se com toda a nitidez, surpreendendo como um homem com tal perfil psicológico foi capaz de realizar uma obra literária tão extensa, em tão poucos anos e de tão grande exigência de investigação em diferentes domínios. E como foi capaz de transmitir a tantos leitores uma mensagem de esperança em dias melhores e da necessidade de lutar por esses dias.

A. MOTA REDOL, MAIO DE 2013

NO TEMPO EM QUE OS AMIGOS AINDA TROCAVAM CARTAS

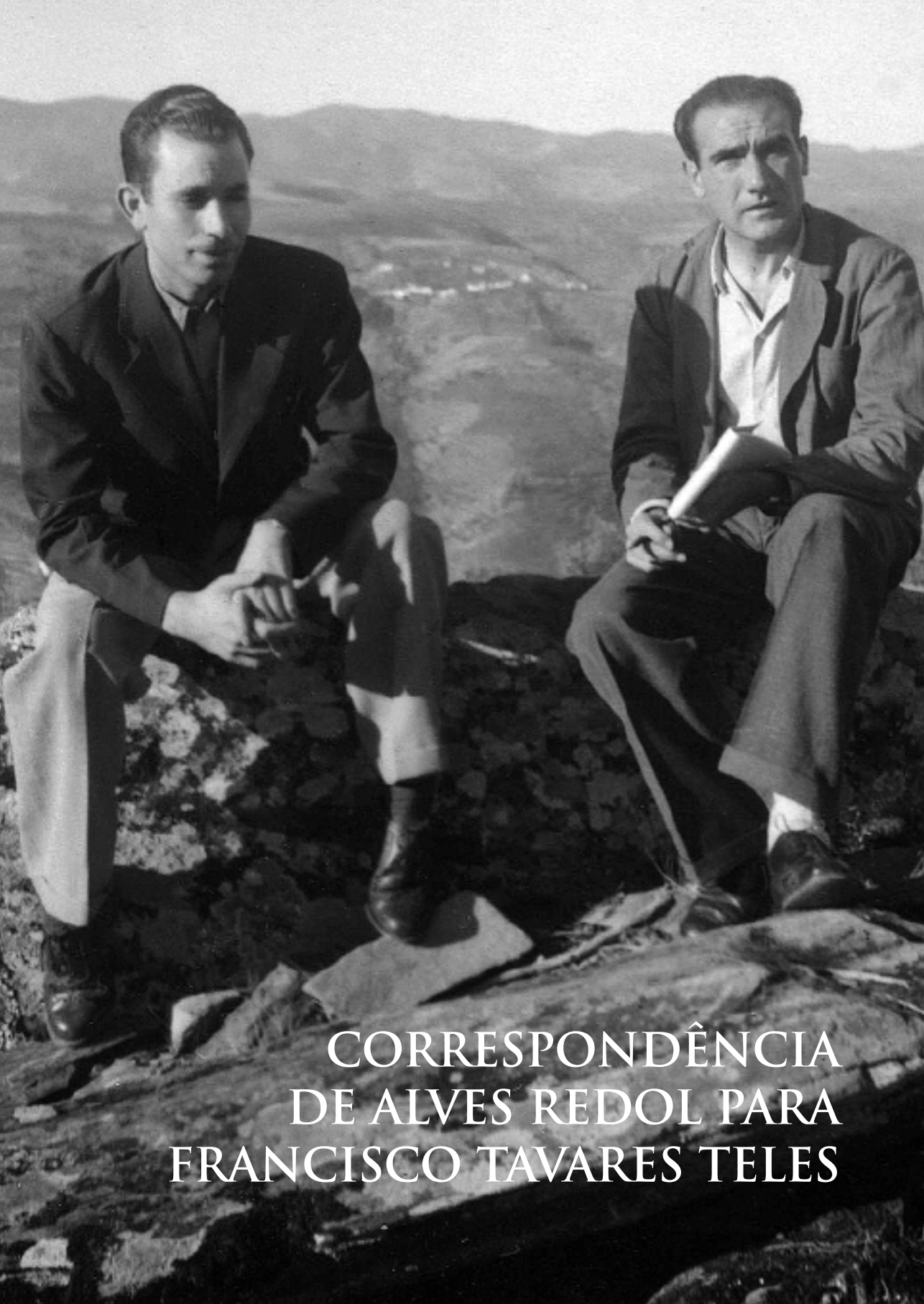
ANTÓNIO TAVARES-TELES

Herdei do meu pai toda a correspondência (naquele tempo ainda se escreviam cartas!) que manteve com muitos dos seus amigos mais chegados, entre eles alguns grandes escritores da época, infelizmente quase todos votados ao esquecimento. Com efeito o que seria hoje, por exemplo, de Manuel Mendes, não fora Mário Soares e a sua Fundação (à qual de resto doe as cartas dele para o meu pai)? E o que seria de Alves Redol, não fora o trabalho do Museu do Neo-Realismo, aliado ao empenho (quase a tempo inteiro) que à divulgação da sua vida e obra vem consagrando o seu filho António? Ambos – Manuel Mendes e Alves Redol – dos melhores amigos do meu «velho» que, mesmo meio desterrado no Douro, soube contudo manter um círculo de amizades notável, que não só o ajudaram a viver com os seus livros como a partilhar, nos difíceis tempos de Salazar e da Pide, os ideais (naquele tempo também ainda havia ideais!) e lutas que os animavam. Em primeiro lugar, o caríssimo Redol.

De toda essa correspondência, a que manteve com este último – dezenas e dezenas de cartas – foi contudo aquela que mais estimulou e mais curiosidade, interesse e até cobiça (intelectual, diga-se) despertou junto de alguns estudiosos, quer do atrás citado neo-realismo, quer da obra do autor de, para além dos contos, das peças de teatro e dos ensaios e recolhas etnográficas que produziu, dezasseis romances (desde *Gaibéus* ao *Barranco de Cegos*, desde a *Fanga* à *Barca dos Sete Lemes*). Mas em vão: o «velho» nunca cedeu e apenas mais tarde, já em 1975, me deixou publicar alguns excertos dessas cartas, aliás por ele seleccionados, num pequeno trabalho centrado sobre o Douro, região à qual de resto Redol dedicou quatro dos dezasseis romances: *Porto Manso* e os três tomos do *Ciclo Port-Wine*. Mas só após a sua morte, em 1992 – Redol morrera em 1969 –, pude então aceder a todas elas, tendo aliás também eu resistido a diversas solicitações no sentido de serem estudadas, anotadas, prefaciadas e publicadas.

Até que surgiu este projecto da responsabilidade do Gaspar Martins Pereira que, tendo por ele indiscutível competência, seriedade, admiração por Redol, amor ao Douro e até o necessário conhecimento pessoal, e principalmente de outiva, do meu pai, de acordo com o António decidimos avançar. Por meu lado, sobretudo como um reviver da grande amizade que os uniu e das figuras que, cada um à sua maneira, para mim representaram. Mas igualmente como uma homenagem a ambos: um, meu pai, e o outro quase – pelo menos, um meu irmão mais velho.

Recordando-os com profunda saudade.



CORRESPONDÊNCIA
DE ALVES REDOL PARA
FRANCISCO TAVARES TELES

[Porto Manso, 2 de Março de 1945]

Caro Amigo

Dispuseram-se os acontecimentos para que falhasse a minha tentativa de ir ao Pinhão dar-lhe um abraço. Como o rabelo em que iniciei a viagem da Régua não se mostrava muito capaz de atingir o Pinhão, resolvi servir-me do comboio de Covelinhas para riba e, finalmente, tudo se gorou. Acabei por voltar a Porto Manso um tanto irritado com o desagradável percalço Ficarà para outro dia.

Quero antes agradecer-lhe todas as suas gentilezas, pedindo-lhe para, no caso de aqui vir sábado ou domingo, me trazer a conta dos géneros que fez o favor de arranjar⁷⁹. Na hipótese contrária, peço-lhe que ma indique pelo correio, pois já é vergonhoso não a ter rogado há mais tempo.

Gostei de ler o seu jornal⁸⁰, havendo só a lamentar que não possam continuar a sua publicação. O artigo sobre o rabelo é curioso e o autor mostrava grandes possibilidades⁸¹.

Já li os livros do Monteiro Ramalho⁸² – os da sua autoria e os de João Correia⁸³. Quero, de facto, agradecer-lhos e gostaria de o visitar, embora preferisse fazê-lo, podendo anunciar-lhe que me interessaria pela sua reedição. É difícil, porém, consegui-lo. O público está voltado para outra literatura e só certos autores conseguem escapar à mão implacável do tempo.

Singularmente bem escritos, acusam, contudo, essa preocupação do difícil que os escritores de hoje renegam e o público aplaude. O livro está a amplificar a sua expansão, conquistando camadas que nunca tinham tacteado as capas dum romance.

Isso mesmo, talvez, pela universalização que se procura conseguir.

Os livros de Ramalho restringem essa possibilidade, voltando-se em demasia também para a natureza, enquanto os homens ficam simples pretextos para a sua invocação. As

⁷⁹ Francisco Tavares da Silva Teles (1917-1992) tinha um armazém de géneros e mercearia no Pinhão, de sociedade com seu irmão José Tavares Teles, sob a firma «Tavares Teles & Irmão». Informação de António Tavares Teles.

⁸⁰ *O Pinhão: jornal comemorativo do 10.º aniversário da fundação da freguesia do Pinhão*. Número único: Julho de 1943. Director e editor literário: Francisco Tavares Teles.

⁸¹ Cf. MONTANO, Loureal – *Barcos Rabelos*. «O Pinhão», Julho de 1943, p. 13. Provavelmente, Loureal Montano seria um pseudónimo de Evaristo Monteiro Ramalho.

⁸² Evaristo Monteiro Ramalho (1862-1949), jornalista, crítico de arte e escritor, natural de Barqueiros, concelho de Mesão Frio, era casado com uma prima de Francisco Tavares Teles. Na sua juventude, fez parte, tal como o irmão (o pintor António Ramalho), do célebre *Grupo do Leão*, em Lisboa. Publicou, entre outros livros, *Histórias da Montanha* (1886), *D. Tarouco* (1893) e *Folhas d'Arte* (1897). No final da vida, retirou-se para a sua terra-natal, onde morreu pobre, deixando a viúva e uma filha em condições difíceis. Cf. OLIVEIRA, B. Vieira de – *Breve Monografia do Concelho de Mesão Frio*. Mesão Frio: Câmara Municipal de Mesão Frio, 2002, p. 176.

⁸³ João de Araújo Correia (1899-1985), médico e escritor da Régua. Publicou, entre outros livros, *Sem Método* (1938), *Contos Bárbaros* (1939), *Contos Durienses* (1941) e *Terra Ingrata* (1946). BIGOTTE-CHORÃO, João – *Para conhecer um clássico*. In BRAGA-AMARAL, José (org.) – *O mestre de nós todos. Antologia de João de Araújo Correia*. Porto: Campo das Letras, 1999, p. 9-12; BIGOTTE-CHORÃO, João – *O mundo de João de Araújo Correia*. In CORREIA, João de Araújo – *Contos e Novelas*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007, p. 7-19.

Histórias da Montanha são superiores ao *D. Tarouco*. O *Barco Perdido*⁸⁴ é a mais notável afirmação do belo talento de Monteiro Ramalho. Aí o drama humano esmaga o ambiente.

Falaremos mais em detalhe.

Agradou-me saber a atenção merecida pelo seu pedido sobre a *Volta ao Mundo*⁸⁵.

Um grande abraço, do muito amigo

Redol



[Porto Manso, 8 de Março de 1945]

Meu caro Amigo

Saúde.

Não é desta que vou visitá-lo ao Pinhão. Parto hoje para o Porto e sigo depois a Coimbra, onde me chamam obrigações.

Inimigo – sei lá porquê! – da correspondência, não quero abalar sem lhe agradecer todas as gentilezas, atenções e favores. Fico a dever-lhe uma boa parte do êxito da minha recolha. Não o esquecerei.

Intimo-o a procurar-me em Lisboa, quando lá for. Não o desculpo se o não fizer.

Recomende-me a sua esposa⁸⁶ e beije o seu filho⁸⁷ – grata missão anh?!

Um grande abraço, do

amigo muito grato

Alves Redol

Alves Redol – Av. Berna n.º 56 r/chão

Lisboa

⁸⁴ O *Barco Perdido* é um dos contos incluídos no livro de Monteiro Ramalho, *Histórias da Montanha* (Porto: Lugan & Geneloux, 1886, p. 129-144).

⁸⁵ Trata-se do livro de Ferreira de Castro, *A Volta ao Mundo*, publicado pela Empresa Nacional de Publicidade em 1942.

⁸⁶ Maria Celeste Pereira Guedes Teles (1914-2004).

⁸⁷ António Tavares Teles (1942-...).

[Lisboa, 22 de Maio de 1945]⁸⁸

Meu querido Amigo

Não há desculpas que justifiquem o meu silêncio. Só uma dúvida se deve ressaltar – a de que não tenha ficado sensibilizado com a sua carta, espelho bem vivo da sua estima.

Gostaria alguma vez de ter tempo para me interrogar acerca desta apatia que me invade quando penso escrever cartas. Quando as começo essa apatia dissipa-se, pelo gosto de conviver com amigos que me são queridos e que têm todo o direito de pensar de mim o pior possível. Para tanta amabilidade – sua, dos Barbosas⁸⁹ e do José Arnaldo⁹⁰ – eu só tenho correspondido com agravos que me não estão na alma nem no temperamento⁹¹. É um pouco por esta vida absorvente de quem estuda, lê e escreve. Depois vem um cansaço que tolhe e nos deixa numa espécie de embriaguez que quase insensibiliza.

Faço-o meu embaixador perante o Barbosas – desculpe a incompreensível nomeação.

Folgo muito com a chegada de seu tio⁹², com a certeza de que se resolverão alguns dos problemas que o meu amigo tinha para lhe apresentar. Não sei se em Junho vou arribar ao Douro. Julgo mais natural fazê-lo em Setembro. Contudo, gostaria de assistir à apanha do milho em Porto Manso, às descamisadas e aos bailaricos. Em que mês o fazem por aí? Julho ou Agosto?

Ainda não comecei a escrever o romance dos barqueiros. Estou a estudar-lhe os pormenores da efabulação e da técnica a empregar. Quero fazer o meu melhor livro. Por esse motivo já não terei tempo de concorrer ao 1.º prémio «Douro»⁹³. Guardá-lo-ei para o segundo.

O artigo do defensor da Casa do Douro e dos grandes proprietários é pitoresco. Nem o conselho de me ir documentar ao Alto Douro merece agradecimentos, pois, como o amigo sabe, tenciono fazê-lo quando chegar o momento próprio. Não tenho pressa de chegar. Sabendo que chego, isso me basta. Embora a certeza não me colha em pasmaceira ou mandria.

⁸⁸ No verso do envelope: «Do: Alves Redol / Av. Berna, 56 r/c / Lisboa».

⁸⁹ Redol refere-se, certamente, a José Barbosa de Oliveira e seus familiares, de Porto Manso, parentes de Tavares Teles. Ligado a uma família de antigos arraís (em que se distinguiu o célebre António de Oliveira Dias, conhecido no seu tempo como o «almirante do Rio Douro», arrais e compadre do barão de Forrester), José Barbosa de Oliveira forneceu não só apoio à estadia do escritor em Porto Manso mas também informações preciosas sobre a navegação dos rabelos no Douro

⁹⁰ José Arnaldo Monteiro (?-1964), da Régua.

⁹¹ José Arnaldo Monteiro, Francisco Tavares Teles e José Barbosa de Oliveira foram os grandes amigos e informadores de Redol nestas suas primeiras incursões pelo Douro, o que justifica que o escritor lhes tenha dedicado o romance *Porto Manso*.

⁹² O «tio» António Rodrigues Tavares, tio de Francisco Tavares Teles, era um grande armazenista (importador e distribuidor) de produtos de mercearia no Rio de Janeiro e personalidade muito influente na colónia portuguesa, tendo ocupado diversos cargos em diversas instituições, como o de presidente do Clube de Regatas Vasco da Gama (1948-1950), presidente do Rotary Clube do Rio de Janeiro (1961-1962) e presidente do Real Gabinete Português de Leitura (1972-1986). Informação disponível on-line: <<http://www.semprevasco.com/conteudo/conteudo.php?id=1375>>. Consulta realizada em 16.03.2013.

⁹³ Redol refere-se, provavelmente, ao Prémio Literário Alto Douro. O prémio só seria lançado pelo Instituto do Vinho do Porto em 1948, mas decerto já se anunciava nas tertúlias da Régua.

Todos os seus como passam? O famoso miúdo continua forte e desembaraçado como desejo? O meu mexido como a idade manda e a ascendência ajuda.

Espero vê-lo em Lisboa. Dentro em breve? Não esqueça comunicar-me.

Abraços a todos os amigos. Recomendações a Monteiro Ramalho, Barbosas e sua família.

Um grande abraço do amigo desleixado, mas sempre amigo

Alves Redol



[Lisboa, 22 de Setembro de 1946]

Querido Amigo

A escravatura a que nos obriga este trabalho de escriba impede-me sempre que cumpra os mais elementares princípios da cortesia para com os amigos. E para o fim ficam sempre os mais dedicados.

Acabar o *Cancioneiro do Ribatejo*, preparar um volume misto de que fui incumbido e trabalhar afanosamente na adaptação ao cinema do *Porto Manso*⁹⁴ foram tarefas que me obrigaram a um esforço insano, antes da minha partida para França e Itália. Ligo 3.^a feira, 24. A partir de 27 estou à sua disposição em Paris, no Hotel des Étrangers, 2 – Rue Racine – Paris (VI).

A sua carta veio colocar-me um problema que de há algum tempo se avantajava nas minhas preocupações. Um dia falaremos no assunto.

Cumprimentos aos seus.

Um grande abraço do

amigo muito grato

Alves Redol

⁹⁴ Em resposta a esta carta, Francisco Tavares Teles escrevia a Redol, em carta de 29 de Setembro, enviada para Paris: «Como calcula, eu já sabia da provável adaptação ao cinema do *PORTO MANSO*. Tinha lido nos jornais umas notícias mais ou menos vagas sobre o assunto, isto depois do nosso amigo José Arnaldo me ter falado da sua estadia na Régua com uns técnicos que vieram saber das possibilidades de realização do filme. Hoje tenho a certeza dessa realização e é com enorme prazer que o constato. Depois dum livro escrito com tanta sinceridade, um filme que tem, consequentemente, de ser honesto, é ouro sobre azul. Perdoe-me o inocente lugar-comum». Porém, se se confirmam as diligências para a adaptação do romance *Porto Manso* ao cinema, a verdade é que o filme nunca chegou a realizar-se.

[Paris, 8 de Novembro de 1946]⁹⁵

Prezado Amigo

Agradecimentos pela sua carta e artigo jornal [*sic*]⁹⁶. Ignoro até este momento quais as reacções da imprensa portuguesa acerca do livro, assim como nada sei sobre um celebrado prémio Douro que seria atribuído este ano ao melhor livro sobre a região⁹⁷.

Respondo-lhe dum quarto do hotel, situado no Quartier Latin, bairro de estudantes e de reaccionários, batendo o queixo de frio, à espera do aquecimento que só chegará lá para o dia 15, se a proprietária do hotel resolver fazê-lo. Tenho trabalhado imenso para o livro que aqui vim escrever⁹⁸ e ainda estou bem longe de atingir o fim dos trabalhos preliminares. Nesta cidade de confusão tudo tem de ser moroso, mesmo para quem luta contra todas as tentações que se oferecem aos turistas.

As minhas impressões só lhas darei quando voltar a Portugal – talvez dentro de um mês – pois nem sequer tenho escrito algumas crónicas que daí me pediram. O plano do meu livro é vasto, o dinheiro não abunda e o tempo conta em francos. Mas falaremos muito quando nos encontrarmos. Conversaremos sobre todos os seus conhecidos e também sobre outros que nasceram mais recentemente.

Há muito tempo que nada sei do José Arnaldo. Espero que esteja bem.

Cumprimentos a todos os amigos e seus familiares.

Um grande abraço do muito e sempre amigo

Redol

⁹⁵ Carta dactilografada.

⁹⁶ Redol referia-se ao artigo de Francisco Tavares Teles, *Porto Manso*, publicado no semanário *Notícias do Douro*, da Régua, em 29 de Setembro de 1946. Na carta datada desse mesmo dia, em que lhe enviou o artigo, Tavares Teles escreveu: «No *Notícias do Douro*, da Régua, de que sou solícito correspondente no Pinhão, e ao qual, por facilidade de expressão, chamo o *pasquim* e outros mais irreverentes ainda chamam o *pastelão*, publiquei no número de hoje a notícia sobre o *PORTO MANSO* que lhe envio. Para ele peço a sua amável benevolência. A minha ideia ao publicar isso foi sacudir a gente duriense da sua modorra anti-literária, mostrando-lhe um livro e um autor. Um livro, evidentemente, que falasse na sua terra. Daí, o jeito da notícia, as transcrições parciais e talvez abundantes. Desculpe-me essa sacholada na sua horta, mas não foi por mal...». (sublinhados e maiúsculas no original).

⁹⁷ Em resposta a esta carta, em 13 de Novembro de 1946, Francisco Tavares Teles enviou a Redol três recortes de jornal com críticas muito favoráveis a *Porto Manso*. Na sua carta, Tavares Teles esclarece o amigo sobre o Prémio Alto Douro: «Do prémio Alto Douro nada se sabe. Ainda não deve ter sido atribuído. Se entretanto eu souber alguma coisa, imediatamente lho comunico».

⁹⁸ Tratava-se do livro *A França – da Resistência à Renascença*, que Redol viria a publicar em fascículos, a partir do início de 1948.

[Várzea de Colares, 15 de Agosto de 1947]⁹⁹

Meu caro Amigo

Boa saúde para si e todos os seus.

É desta vez que me disponho a fazer o romance do seu Alto Douro.

Tenho aí no Pinhão uma pensão ou taberna onde se arranje uma tarimba e umas sopas? Agradeço a sua resposta para aqui, na volta do correio, pois desejo partir na próxima 3.ª feira.

Cumprimentos a todos os seus.

Um grande abraço, do

amigo muito grato

Alves Redol



[29 de Agosto de 1947]¹⁰⁰

Meu caro Teles

Saúde!

Obrigado pelas suas indicações, tanto mais preciosas quanto demoradas se apresentam as possibilidades de ir para Valença¹⁰¹.

No comboio de domingo aí estarei. Vou agora até ao Moledo para dar uns retoques na peça de teatro¹⁰² e também na flebite.

Se algum correio aparecer, será melhor retê-lo por uns dias.

Cumprimentos aos seus e aos amigos.

Um abraço, do

amigo grato

Alves Redol

⁹⁹ Bilhete-postal. No remetente: «Alves Redol / Casa do Ferrador / Várzea de Colares». Data do carimbo de recepção no Correio do Pinhão: 16 de Agosto de 1947; a data do carimbo de emissão do Correio de Colares é parcialmente ilegível.

¹⁰⁰ Sem envelope. Data acrescentada posteriormente no topo da carta.

¹⁰¹ Provavelmente, Redol teria procurado uma casa para se instalar em Valença do Douro, terra da família de Albertina, mulher de José Arnaldo Monteiro. No espólio de Alves Redol, existem várias fotografias tiradas em Valença do Douro, em Setembro de 1947, onde, além do escritor, aparecem Francisco Tavares Teles, José Arnaldo Monteiro e mulher. Essas e outras fotografias de Redol no Douro poderão ter sido tiradas por Arnaldo Monteiro, irmão de José Arnaldo, que foi Chefe da Secretaria da Casa do Douro e era um reconhecido fotógrafo amador da Régua. Informação de Maria da Luz Monteiro de Almeida Magalhães.

¹⁰² Redol trabalhava na tragédia *Forja*, publicada em 1948.

[Peso da Régua, 8 de Setembro de 1947]¹⁰³

Meu caro

Parto hoje para o Porto, onde me demorarei um a dois dias por causa da peça. Depois seguirei para Lisboa.

Alguma coisa que haja para mim, envie-ma para o meu endereço da Berna.

Um grande abraço de agradecimento e até 23.

Recomende-me aos seus e a todos os amigos – em especial seu irmão¹⁰⁴ e Marinho¹⁰⁵. Recebi entrevista¹⁰⁶. Mando-lha de Lisboa

Disponha, do

amigo grato

Redol

[Lisboa, 13 de Setembro de 1947]¹⁰⁷

Meu caro Amigo

Desculpe o papel em que lhe escrevo, mas a pressa é tal que não hesitei.

Essa gente da Pensão Douro é única neste mundo – muita correspondência para aí foi e nada lhe entregaram. Peço-lhe o favor de lha exigir, pois minha mulher remeteu para aí toda a correspondência que aqui tinha para mim.

Envie para Alves Redol – Av. Berna 56 r/c Lisboa.

Cumprimentos aos seus e aos amigos.

Um abraço, do

Redol

¹⁰³ Bilhete-postal. No remetente: «Alves Redol / Av. Berna, 56 r/c / Lisboa». Mas tem o carimbo de emissão do Correio de Peso da Régua; a data do carimbo de emissão é parcialmente ilegível; a data do carimbo de recepção do Correio do Pinhão é 9 de Setembro de 1947.

¹⁰⁴ José Tavares Teles.

¹⁰⁵ José Marinho (1904-1975), natural do Porto mas vivendo em Lisboa desde 1940, foi um dos grandes filósofos portugueses do século XX. Opositor ao regime, foi afastado do ensino público em 1937. Costumava passar algumas temporadas em casa de uma prima em Caíde. Do outro lado da estrada, o pai de Francisco Tavares Teles, Aníbal Soares da Silva Teles, tinha uma quintinha, onde reunia, por vezes, a família, de que resultaram relações de amizade entre os Tavares Teles e os Marinhos. Informação de António Tavares Teles. Sobre a vida e a obra de José Marinho: RIVERA, Jorge Croce (org.) – *José Marinho, 1904-1975: «todo o pensar liberta»: exposição comemorativa do centenário do nascimento*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2004.

¹⁰⁶ Refere-se, certamente, à entrevista enviada por Francisco Tavares Teles, para ser publicada na revista do Clube Transmontano de Angola. Redol enviaria as suas respostas a essa entrevista na carta de 14 de Setembro (ver adiante).

¹⁰⁷ No verso do envelope: «Alves Redol / Av. Berna, 56 r/c / Lisboa».

[14 de Setembro de 1947]¹⁰⁸

Meu caro

Mal alinhavada aí vai a entrevista dentro do prazo estabelecido. Não sei se corresponde ao que pretendia, mas é o que agora saiu. Pode publicar à vontade as fotografias que quiser, pois no *Vértice* não sai nenhuma das que aí se fizeram.

Já fez o favor de arrancar a minha correspondência das mãos da D. Peregrina? Mande-a para Lisboa, e com a maior urgência – desculpe! –, pois há entre ela algumas cartas preciosas.

Até breve.

Recados aos seus e aos amigos.

Um grande abraço, do

amigo muito grato

Redol



[Lisboa, 14 de Outubro de 1947]

Caro Amigo

Boa saúde para si e para todos os seus.

Depois de longas pesquisas lá consegui arranjar uma *Fanga* numa livraria da província. Julgo que já a deve ter recebido.

Se vir o Marinho diga-lhe que estou a tratar de saber em pormenor o que ele pretende – depois lhe transmitirei directamente o que apurar.

Junto uma má tradução da tragédia dos escravos do Amazonas¹⁰⁹.

Novidades? Ando à volta do material duriense. Ainda tudo atravessa uma fase de nebulosa que não me permite dizer o que daí sairá. A disposição também não é das melhores.

Cumprimentos aos seus e aos amigos. Beijos ao António.

Um grande abraço do

Amigo sempre igual¹¹⁰.

Alves Redol

¹⁰⁸ Sem envelope. Data acrescentada posteriormente no topo da carta.

¹⁰⁹ Publica-se esse texto, certamente com tradução de Alves Redol, no final deste volume.

¹¹⁰ No original, «s. =».

[Lisboa, 20 de Outubro de 1947]¹¹¹

Meu caro Amigo

Boa saúde por aí.

Cá ando à volta de um mundo de personagens e de factos para alinhar os meus romances do *Port Wine*. Estou quase esgotado e em breve terei de repousar.

Terá possibilidade de me prestar os seguintes esclarecimentos?

Quando chegou o caminho-de-ferro ao Pinhão?

Qual o meio de transporte mais usual, das estações de caminho-de-ferro para as quintas, antes das camionetas e automóveis? Nome desses carros?

Como se explicava por aí, às crianças do povo, o nascimento doutros infantes? Vinham de França, traziam-nos alguma ave ou que outra fantasia lhe ofereciam?

Sabe alguns pormenores, por algum velho daí, das consequências das cheias de 1909 no Pinhão?

Perdoe o questionário. São pormenores de que preciso confirmação directa, embora os ande à cata por várias fontes.

O último número do *Vértice* não trouxe a crónica do Douro. Espero que venha no próximo.

O seu rapaz? Matemático ainda?

Cumprimentos aos seus e aos amigos.

Um grande abraço, do

amigo muito grato

Alves Redol



[Lisboa, 6 de Novembro de 1947]

Meu caro

Retardado sempre, mas nunca azedo, como o vinho de más tripas.

Foram-me preciosas as suas indicações.

Ainda não comecei a escrever o primeiro volume do Douro, o que não admira, porque se a região para dar um cacho de uvas precisa do saibramento e depois essas mil e uma canseiras que o trabalhador aguenta, é natural que um romance do país do vinho se assemelhe em tratos e fadigas.

Estou a saibrar – calcule!

¹¹¹ No verso do envelope: «Do: Alves Redol / Av. Berna, 56 r/c / Lisboa».

É uma trabalhadeira pasmosa, fatigante... Todos os dias lhe dou quatro horas de atenção e ainda pouco sei. Só um propósito me dá alentos – o de fazer um romance que seja entre os meus livros o que o Douro é entre os vinhos: um romance «generoso».

Logo que haja alguma coisa para ser vista, diga-me, por favor. Conto aí aparecer ainda este mês, mas não sei exactamente quando. Os «cobres» andam curtos e as despesas aumentam, apesar do nosso ministro das faturas nos encher com palavras.

Os seus como passam? O seu Tonito que continue dedicado às matemáticas, porque bem precisamos no futuro de gente muito positiva.

Cumprimentos a sua esposa, mano Zeca e mais família.

Um grade abraço,

do amigo grato

Redol



[Lisboa, 26 de Novembro de 1947]

Meu caro Teles

Muito grato pelas tuas indicações – já é bem tempo de acabarmos com cerimónias – e pelos recortes que julgo possuir num dos livros do João Correia.

Li agora a crónica do Douro publicada no *Vértice*¹¹² e digo-te sinceramente que me desiludiu. Tenho a impressão que a censura meteu foice por ali, mas assim mesmo considero-a dispersiva, talvez até caótica. Está um pouco como anda o meu espírito.

Não vão bem os sintomas de certas perturbações que me passam pela cabeça. A minha vida é uma triste realidade, contra a qual não tenho forças para reagir ordenadamente. Precisava duma grande calma que não possuo – a calma dum estratega que tudo pensa e resolve a frio.

O livro está na mesma – isto é sem uma linha escrita. E parece-me agora que o receio começar, porque nunca será aquilo que desejava oferecer ao Douro. Vencerei esta dúvida?...

Olho para trás de mim e julgo que tudo o que tenho produzido é falho de interesse. E pergunto por isso mesmo se valerá a pena continuar.

Desculpa o arrazoado. Cumprimenta de minha parte os teus e os amigos. Beijos ao teu filho.

Um grande abraço, do muito amigo

Alves Redol

O José Arnaldo está aqui comigo. Escrevo-te enquanto aguardo que acorde – deve estar maçado da viagem.

¹¹² REDOL, Alves – *Crónica do Douro*. «*Vértice*», vol. IV, n.º 51, Outubro de 1947, p. 397-400.

[Lisboa, 27 de Janeiro de 1948]

Meu caro Teles

Escrevo-te no intervalo do meu trabalho no *Port Wine*. Vencida a incerteza perante as proporções da obra, já iniciei o primeiro volume. Tive-lhe medo, sabes?... Não calculas o que isso representa!

Foi uma batalha dura que conto vencer, lembrando-me que as obras-primas não abundam e eu sou dos que não podem atingir essa meta. Queria oferecer ao Douro um monumento e dou-lhe alguns volumes – fique tudo pela boa vontade.

Quando der volta completa à primeira forma, irei aí para te ler e iniciar depois o trabalho definitivo.

Conto neste momento dar os seguintes títulos aos quatros volumes – será melhor dizer aos hipotéticos quatro volumes.

1.º – *Esganados*

2.º – *Sangue dos homens* ou *Horizonte fechado*

3.º – *Estrela a Estrela*

4.º – *Raízes na terra*

Dizem-te alguma coisa só por si?

Gostaria que me informasses das épocas em que plantam o bacelo e depois fazem o enxerto, a fim de confrontar pelos meus apontamentos.

Novidades por aí? Teu irmão e família? Os teus? Já com a prole aumentada?

A *França* (o fascículo bem entendido)¹¹³ saiu há dias. Julgo já teres recebido.

Em breve darei mais notícias.

Cumprimentos a todos. Beijos ao «matemático»¹¹⁴.

Um grande abraço, do teu amigo muito grato

Alves Redol



[Lisboa, 29 de Março de 1948]

Meu caro

Mais atarefado do que nunca, farto, por força, aos amigos. Mas tu és dos que perdoam e agora bem preciso de perdão, no meio desta enorme barafunda em que me coloquei por ter feito um favor dos que ninguém deveria esquecer.

¹¹³ A *França* – da *Resistência à Renascença*, que Redol começara a publicar em fascículos, na Editorial Inquérito.

¹¹⁴ António, filho de Francisco Tavares Teles, então com cinco anos.

De tudo isto só me ficará para mais tarde um vasto material de memória que documentará as relações entre editores e escritores, neste malfadado país por obra dos homens.

Estou agora editor da *França* e, possivelmente, dos outros meus livros¹¹⁵. Os abutres tentaram cair sobre mim, ignorando que eu sou dos que não voltam a cara às tempestades da vida. Contos largos para uma grande conversa...

O *Port Wine* está agora à margem. Não sei quando lhe pegarei tão cedo, embora conte levá-lo comigo quando aí for pelas cavas. Peço-te que me avises de data certa, pois agora não posso perder um minuto.

Muitas felicitações por mais um rapaz¹¹⁶. Cumprimento tua mulher pelo facto, pois o dia de amanhã precisa de durienses com fibra como os teus rapazes.

Um grande abraço, do amigo grato

Alves Redol



[Lisboa, 7 de Julho de 1948]¹¹⁷

Meu caro Teles

Se antes faltava o tempo, agora é um desastre.

Original para a *França*, tipografia, papéis, gravuras, pessoal, cobranças, etc., etc., etc... desorganizam-me tudo. Já não tenho projectos com possibilidades de serem cumpridos.

Apesar do descalabro, vou fazendo milagres, de boa vontade e tempo, para o *Port Wine*. Estou a revê-lo e só espero uma aberta da edição de *A França* para subir ao Douro e ler-vos o *Horizonte Fechado*.

Quanto a editor nada resolvi. A Ibérica tem boa vontade, mas não dispõe de grandes possibilidades financeiras, para se lançar a um trabalho largo de minha obra, como ela precisa e eu também. A Minerva, de Lisboa, também me falou, mas apresenta os mesmos inconvenientes.

Já te enviei o 4.º fascículo e o 1.º que pedes.

¹¹⁵ Alves Redol refere-se a problemas com Eduardo Salgueiro, dono da Editorial Inquérito, que publicou vários livros seus desde 1944, entre os quais duas edições de *Porto Manso* (1946). As relações com o editor devem ter-se rompido no início de 1948, o que obrigaria Redol a tomar em mãos a edição dos restantes fascículos de *A França*, bem como a distribuição dos outros seus livros. Fê-lo, durante cerca de ano e meio, através da ARS Editorial, mas não conseguimos apurar se Redol era o único proprietário desta efémera editora ou se envolveria outros sócios. Cf. REDOL, António Mota – *A história do ceifeiro rebelde. Uma biografia de Alves Redol*. In SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assírio & Alvim, 2011, p. 273-274 e 283.

¹¹⁶ Refere-se ao nascimento de Manuel, segundo filho de Francisco Tavares Teles e de Maria Celeste Teles.

¹¹⁷ Envelope de ARS – Editorial / Rua dos Douradores, 100 – 4.º D – Telefone 33457 – LISBOA. Em baixo: «A França – da Resistência à Renascença – por Alves Redol».

Espero que todos os teus estejam famosos de saúde. Por minha casa o mesmo ambiente de «céu aberto».

Um abraço afectuoso, do teu dedicado

Alves Redol



[Lisboa, 3 de Agosto de 1948]¹¹⁸

Meu caro Teles

Boa saúde para todos.

Muito grato pela tua carta. Amanhã, possivelmente, seguirão os fascículos e os livros que pediste. A *Fanga* está esgotada. Penso tentar reeditá-la na próxima época.

Saudades à Vista Alegre¹¹⁹.

Veremos se poderei aparecer pelas vindimas.

A *Forja* já entrou no prelo.

Desculpa as linhas curtas, mas o trabalho é cada vez mais e o tempo falta.

Estou a passar o *Horizonte Fechado* para nova revisão.

Cumprimentos aos amigos e a tua mulher. Beijos aos miúdos. Um abraço ao José.

Um grande abraço, do

amigo grato

Alves Redol



[Lisboa, 11 de Outubro de 1948]

Meu caro Teles

Um abraço.

O *Horizonte Fechado* já foi entregue na censura. Espero resolução para começar o trabalho de editor. A *Forja* fica pronta no fim do mês.

Outro assunto: o famoso Rolls-Royce.

Estou disposto a entrar na sociedade do automóvel e pronto a oferecer os 35 contos ao homem. Querem vocês fazer a sociedade?¹²⁰

¹¹⁸ Envelope de ARS – Editorial / Rua dos Douradores, 100 – 4.º D – Telefone 33457 – LISBOA. Em baixo: «A França – da Resistência à Renascença – por Alves Redol».

¹¹⁹ Quinta da Vista Alegre, em Lamego, onde se situa, actualmente, o Hotel de Lamego. A quinta foi comprada, em 1948, pelo «tio António» (tio de Francisco Tavares Teles), António Rodrigues Tavares, o influente negociante do Rio de Janeiro. Alves Redol terá visitado a quinta, nessa ocasião, com Francisco Tavares Teles. Informação de António Tavares Teles.

¹²⁰ O «famoso Rolls-Royce» era mesmo um impecável Rolls-Royce, que integrava o riquíssimo recheio da Quinta da Vista Alegre, quando esta foi comprada pelo «brasileiro» António Rodrigues Tavares. O negócio fora efectuado no Rio, e nem o

Tem calma.
Cumprimentos aos amigos e à tua mulher.
Um grande abraço, do
teu velho
António

Junto as 3 crónicas.



[Lisboa (?), 13 de Dezembro de 1948]¹²¹

Meu caro Teles

Desculpa este silêncio malcriado, mas os afazeres multiplicam-se e os nervos estão já incapazes de dar mais do muito que lhes exijo.

Para o automóvel precisava de tempo, disponibilidades para aí chegar com mecânico capaz e algum dinheiro¹²² – e tudo isso me falta neste momento.

Vou enviar-te os livros. Incluo 5 *Fangas* – não sei se te interessa algum exemplar da edição ilustrada.

O *Horizonte Cerrado* vai sair nos primeiros dias de Janeiro. Já está na tipografia e vai em bom andamento. Quando te calhar diz quantos desejas para aí. Vou fazer edição em papel especial, autografado por mim, de 100 exemplares¹²³ para vender a 70\$00 cada. Se alguém quiser manda dizer para te guardar.

Os rapazes e a tua mulher? Eu estou sozinho vai para dois meses. O conflito sempre latente agravou-se e tive de decidir assim. Agora precisava de poder recomeçar... E é tão difícil recomeçar!¹²⁴

Estou a preparar-me para te visitar em Janeiro.

Cumprimentos aos teus e aos amigos.

Um grande abraço, do

Redol

comprador nem os vendedores, herdeiros do anterior proprietário, sabiam da existência do automóvel. Apesar de ser «um homem rico e até sofisticado», António Rodrigues Tavares «achava descabido andar de Rolls-Royce no pobre Portugal de então», preferindo conduzir o seu Oldsmobile, que trazia do Brasil, no vapor (só mais tarde passaria a fazer a viagem de avião, alugando carro em Portugal). Por isso, desfez-se do Rolls-Royce, oferecendo-o ao procurador português do anterior proprietário, quando ele lhe disse: «o Senhor Comendador havia-mo prometido...». Seria esse «procurador» o «homem» que queria vender o automóvel por 35 contos. Alves Redol mostrou-se interessado em participar na compra do carro, mas o negócio não chegou a efectivar-se. Informações de António Tavares Teles e Manuel Tavares Teles.

¹²¹ O envelope não tem carimbo com data e local de emissão, mas presume-se, pelo conteúdo da carta, que tenha sido remetida de Lisboa; o carimbo de recepção dos Correios do Pinhão tem a data de 14.12.1948.

¹²² Cf. nota 120.

¹²³ Esta «edição de luxo» foi ilustrada com desenhos de Júlio Pomar.

¹²⁴ Redol refere-se à separação de sua mulher, Maria dos Santos Mota (também conhecida como Virgínia Mota), que ficou a viver com o filho, António Alves Redol, então com 5 anos. Segundo seu filho, «Redol sempre foi um apaixonado pelas

[Lisboa, 26 de Fevereiro de 1949]¹²⁵

Meu caro Francisco

Desculpe a minha falta de notícias, mas um esgotamento tem-me impedido de o fazer, embora cá ande na minha ingrata lida de autor e editor.

Descontei no recibo de agora os 30\$00 que indicaste e vou enviar-te na próxima semana o *Horizonte*. No correio de hoje remeti 1 exemplar para ti da edição de luxo.

Ando com saudades do Alto Douro e de vocês, mas não sei ainda quando poderei tirar uns dias para me meter a caminho.

Tentei iniciar o 2º volume do ciclo; detive-me, porém, por todos os motivos que te aponto. Logo que leias o *Horizonte*, diz com toda a franqueza o que te parece. Sinto uma enorme angústia por quanto faço; preciso por isso mesmo de ouvir opiniões sinceras e amigas – por tal motivo mais exigentes ainda.

Cumprimentos aos teus e aos amigos. A Natália¹²⁶ recomenda-se.

Um grande abraço, do

Redol

[Lisboa, 28 de Abril de 1949]¹²⁷

Meu caro Teles

Muito e muito obrigado pelas tuas notícias com pormenores de 1915¹²⁸.

Ainda não voltei a pegar na *Terra Mártir*¹²⁹, porque a vida não me deixa lugar para as coisas que me dão real prazer. Vamos ver quando será possível.

mulheres. E tinha uma maneira de ser e de falar que seduzia as mulheres. Desde cedo teve problemas com isso. Depois de casado em 1936, manteve essa tendência. Maria não gostava e reagia. Como homem conhecido que era, algumas mulheres tentavam seduzi-lo. Claro que não resistia. Por final de 1948 deixou a casa do casal. Já o fizera antes, provavelmente antes do meu nascimento. Suponho que o meu aparecimento terá sido uma tentativa de se moderar. Lembro-me dos conflitos conjugais por causa das mulheres».

¹²⁵ Envelope e papel de carta timbrados, de ARS – Editorial / Rua dos Douradores, 100 – 4.º D – Telefone 33457 – LISBOA.

¹²⁶ Após a separação, Redol passou a viver com Natália Cruz, funcionária do Grémio dos Armazenistas e Exportadores de Azeite, que seria a sua companheira durante cerca de quinze anos, até 1963. Segundo António Mota Redol, filho do escritor, o relacionamento já durava há alguns anos. Natália terá sido para Redol «a mulher da sua vida, talvez a Gracinda dos romances sobre o Douro». Cf. REDOL, António Mota – *A história do ceifeiro rebelde. Uma biografia de Alves Redol*. In SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assírio & Alvim, 2011, p. 303. António Tavares Teles, que a conheceu bem, pois chegou a viver em casa de Redol, descreve-a como uma mulher «picante, morena, salerosa, muito lisboeta». Além disso, era «desempoeirada, aguerrida, atirada para a frente». Informação de António Tavares Teles.

¹²⁷ Envelope e papel de carta timbrados, de ARS – Editorial / Rua dos Douradores, 100 – 4.º D – Telefone 33457 – LISBOA.

¹²⁸ Redol refere-se a notícias sobre os motins que ocorreram no Douro em 1915, que virá a abordar no terceiro volume do «Ciclo Port Wine», *Vindima de Sangue*.

¹²⁹ Título inicial do segundo volume do «Ciclo Port Wine», que seria publicado com o título *Os Homens e as Sombras*.

O teu tio¹³⁰ e os seus chegaram bem? Pensei em ir visitá-lo, mas não arranjei disposição. Se aí for ao Douro, aproveitarei a viagem.

Junto a guia do volume que mandei para Guimarães.

Se entretanto souberes algum pormenor de 1915 manda, por favor.

Estou com toda a atenção posta na ideia de recomeçar.

Viste o *Diário de Lisboa*¹³¹? Já me falaram nos *Cadernos do Instituto*¹³², mas nada sei, porque não recebi os últimos números publicados.

E por hoje cumprimentos aos teus e beijos para os rapazes.

Um grande abraço, do

teu amigo

Alves Redol



[Lisboa, 14 de Maio de 1949]¹³³

Meu caro Francisco

A melhor saúde para todos. Muito e muito obrigado pelas informações de 1915.

Conforme pedes aí vai a conta consignação:

10 <i>Forja</i>	líquido	128\$00
Nota n.º 12 (2 <i>Gaibéus</i> , 2 <i>Marés</i> , 2 <i>Avieiros</i> , 2 <i>Porto Manso</i> e 5 <i>Fanga</i>)	líquido	224\$00
Nota 26 A (34 <i>Horizonte</i>)		<u>740\$00</u>
		1.092\$00

Quando mandares alguma coisa do que já tenhas vendido, peço-te para remeteres a Vila Franca de Xira¹³⁴, em meu nome.

¹³⁰ Trata-se do «tio António» (António Rodrigues Tavares), que teria acabado de chegar do Rio de Janeiro, onde, por esta altura, vivia um ano e meio em dois, passando os restantes seis meses em Portugal, justamente na sua Quinta da Vista Alegre, em Lamego. Informação de António Tavares Teles.

¹³¹ Redol refere-se, certamente, ao artigo de crítica literária da autoria de Artur Portela, intitulado *Ciclo Port Wine. Horizonte Cerrado*, de Alves Redol, publicado no *Diário de Lisboa*, ano 29, n.º 9.479, de 20.04.1949.

¹³² *Cadernos mensais de estatística e informação do Instituto do Vinho do Porto*. O interesse de Redol prendia-se com a atribuição do Prémio Literário Alto Douro.

¹³³ Envelope e papel de carta timbrados, de ARS – Editorial / Rua dos Douradores, 100 – 4.º D – Telefone 33457 – LISBOA.

¹³⁴ Por esta altura, Redol repartiria a sua actividade entre Lisboa e Vila Franca. Em Lisboa, mantinha a gestão dos negócios da ARS Editorial, mas por pouco tempo. Pelo inverso, a actividade comercial e industrial em Vila Franca de Xira tomar-lhe-ia cada vez mais tempo. A sociedade familiar Redol & Cª, criada em Novembro de 1947, em que o escritor se associara ao pai, António Redol da Cruz, e ao cunhado, Luís Eugénio Ferreira, para comercializar materiais de construção civil, desenvolveu-se muito a partir desta altura, exigindo-lhe maior trabalho na respectiva contabilidade, que estava a seu cargo. Em breve, à loja de materiais de construção civil juntar-se-ia uma fábrica de mosaicos, manilhas de cimento e outros materiais de construção.

Ainda não consegui recomençar o trabalho na *Terra Mártir*. A vida é cada vez menos o que nós desejamos que ela seja.

Desculpa a brevidade e talvez a secura. Mas estou a mexer em números e nada feito nestas condições.

Cumprimentos a todos. Beijos aos teus rapazes.

Um grande abraço

do amigo grato

Alves Redol



[Lisboa, 23 de Maio de 1949]¹³⁵

Meu caro Francisco

Muito e muito obrigado pela tua carta e só lamento que nesta altura não possa aí dar um salto para trabalhar nessa preciosa colectânea de artigos e notícias do Alto Douro. As viagens como sabes estão dispendiosas e não posso agora empreender essa visita que tão grata me seria. Estou, contudo, a arrumar as minhas coisas e a juntar uns dinheiros dispersos – obrigado pelo teu vale – para depois tirar 2 ou 3 semanas e ir de abalada ao Pinhão.

Será possível nessa altura conseguir a documentação que aí tens? Confio no teu tacto diplomático e no amor pelo Douro desse amabilíssimo colaborador.

Espero atirar-me à *Terra Mártir* na próxima semana. Se falares ao Zé Arnaldo lembra-lhe para apertar com o João Carlos Guedes¹³⁶ para se conseguir o relatório por ele prometido.

Os *Cadernos*¹³⁷ nada disseram sobre o *Horizonte*; logo que o façam te transmitirei.

Escrevo-te apressadíssimo e por isso sou breve.

Cumprimentos aos teus e aos amigos. Beijos aos rapazes.

Um grande abraço, do

amigo grato

Alves Redol

Cf. REDOL, António Mota – *A história do ceifeiro rebelde. Uma biografia de Alves Redol*. In SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assírio & Alvim, 2011, p. 273 e 278.

¹³⁵ O carimbo com data e local de emissão é ilegível, mas presume-se, pelo conteúdo da carta, que tenha sido remetida de Lisboa; o carimbo de recepção dos Correios do Pinhão tem a data de 24.05.1949.

¹³⁶ Trata-se de João Carlos Guedes, de Cambres, que participou no motim de Lamego de 1915 e que deveria possuir um exemplar do *Relatório dos acontecimentos ocorridos na cidade de Lamego, no dia 20 de Julho de 1915, apresentado pelo sindicante,...* Dr. António Sérgio Carneiro, Juiz de Direito da comarca do Mogadouro e publicado no semanário lamecense «A Tribuna». Lamego: J. R. Santos, 1916. Segundo esse relatório, bastante parcial, João Carlos Guedes teria sido mesmo um dos líderes do motim de Lamego. Em finais dos anos quarenta, João Carlos Guedes era funcionário da Casa do Douro, na Régua, segundo nos informou Carlos Fernando Bráz de Magalhães, que se recorda de ele lhe ter mostrado a cicatriz de uma bala que o atingira numa perna durante o motim de Lamego.

¹³⁷ *Cadernos mensais de estatística e informação do Instituto do Vinho do Porto*.

[Lisboa, 19 de Agosto de 1949]¹³⁸

Meu caro Francisco

Recebi as tuas cartas e relação de livros do Monteiro Ramalho, entre os quais há volumes que, segundo julgo, devem obter bons preços em França. Agradeço-te que me digas o estado de todos os de Balzac e Zola, a fim de escrever imediatamente para Paris.

Quanto à outra relação de que falas, manda-a passar aí, mesmo com possíveis erros que eu a emendarei para o mesmo efeito.

Já não estranhas a minha falta de notícias e nem vale a pena repetir o que vastas vezes tens escutado. Esta é a terceira carta que te escrevo e as anteriores tive de as rasgar antes de as meter no correio. Hoje que estou mais calmo ou, para melhor dizer, neutralizado por uma apatia que me leva a aceitar com conformação tudo aquilo que noutros momentos me desespera, alinho estas palavras sem cor nem préstimo e espero que as receberás sem alterações.

O segundo volume do ciclo continua na mesma – e se não tivesse escrito o primeiro deixaria o encargo para outros. A empreitada é difícil e sem estímulos torna-se penosa. É que isto de fazer literatura a pensar em pagamentos de renda de quarto e de comida é tarefa superior a um cérebro já cansado e que não pode achar repouso.

Mas desta crise que atravesso algo tem de resultar. E depois se verá o quê.

Manda a lista e as informações que peço e recomenda-me a tua mulher e aos amigos. Beijos para os dois famosos mancebos.

Um grande abraço, do

amigo grato

Redol



[Lisboa, 23 de Setembro de 1949]

Meu caro Teles

Boa saúde para todos.

Venho a aguardar a tal relação de livros que o teu amigo me devia entregar, o que até hoje não sucedeu.

Penso ir a França na 1.^a quinzena de Outubro e poderia levar 4 ou 5 volumes para experiência. Talvez 2 «Balzacs», *L'Argent*, de Zola, 1 Flaubert e 1 Michelet ou Taine (preferência as 1.^{as} edições). De lá te diria o que oferecem e depois se resolveria melhor a sorte

¹³⁸ Carta dactilografada.

dos outros volumes de que levarei a relação. Julgo ser a melhor forma de conseguir bons preços para os livros desse infeliz Ramalho, espelho de quantos se abalançam nesta terra ingrata à tentativa de a tornar eterna.

Recebi convite do José Arnaldo para ir ao Douro, mas não é possível fazê-lo por agora, uma vez que tenciono, como te digo, ir deabalada a Paris para arrancar algum dinheiro aos meus editores franceses. Sempre o mesmo problema!

O 2.º volume do ciclo está em «crisálida». Esboçado nas suas linhas gerais, com cerca de quatrocentas páginas escritas, tem necessidade de ser refundido na sua maior parte. A tarefa é a mais pesada de quantas me tenho proposto realizar – e as condições piores do que nunca. Contudo, não publicarei nada mais, sem que o ciclo do Alto Douro seja, dentro das minhas débeis possibilidades, o melhor que eu possa produzir. Não para glória minha que a não ambiciono, mas por gratidão e homenagem a essa terra heróica.

A minha angústia é maior quando penso, ou melhor, quando julgo possível fazê-lo a uma altura, embora modesta, e encontro os obstáculos das preocupações económicas a arrancarem-me as melhores horas e as mais vivas energias deste cérebro já um pouco fatigado.

Mas os limites da minha capacidade de trabalho hão-de alargar-se, por força. E ou o ciclo *Port-Wine* será o melhor produto do meu labor, até ao momento da sua publicação, ou se quebrará a pena modesta, mas honrada, de um escriba português do século XX.

O *Boletim do Instituto* nada disse por enquanto. E acho bem o seu silêncio, porque a hora não é de compromissos e o prémio Alto Douro está à espera doutro «Sousa Costa», mundano e acomodaticio, para glorificação¹³⁹.

Cumprimentos aos teus – sem esquecer teus tios.

Beijos aos rapazes e recados especiais de afecto e gratidão para tua mulher.

O velho abraço para ti – aquele abraço de quem não esquece o carinho e a confiança que vens pondo sempre na minha actividade, mesmo quando eu me obstino em negá-la.

Um grande abraço de irmão, acredita.

Alves Redol

Escreve: Alves Redol

Vila Franca de Xira

¹³⁹ Redol referia-se aos *Cadernos mensais de estatística e informação do Instituto do Vinho do Porto*. Quanto ao Prémio Literário Alto Douro, no valor de 15.000\$00, criado pelo Instituto do Vinho do Porto em 1948 e atribuído, logo nesse ano, ao escritor Sousa Costa (1879-1961), pelo romance *As Filhas do Pecado*, não voltaria a ser atribuído. PEIXOTO, Fernando – *Do corporativismo ao modelo interprofissional: o Instituto do Vinho do Porto e o sector do vinho do Porto (1933-1995)*. Porto: CITCEM/ /Afrontamento, 2011, p. 362.

[Lisboa, 8 de Outubro de 1949]

Meu caro Teles

Devo ir à Régua na próxima semana; mas só à Régua. Tempo contado e impossibilidade de te ir abraçar. De lá, porém, te avisarei e se houver um automóvel que me leve, rápido, ao Pinhão não deixo de aparecer.

Desculpa não te ter remetido ainda os livros que pediste. Afazeres, muito trabalho no *Port-Wine* e alguma preguiça para outras coisas.

Recebi carta e livros da filha do Monteiro Ramalho. Veremos o que posso conseguir. Quando voltar espero fazer uma tentativa para as auxiliar na sua dolorosa crise. Preocupame o facto, acredita.

Se nos encontrarmos agora, falaremos mais do assunto, para me orientares no que devo fazer sem que sofram qualquer melindre.

Estou a pôr vária correspondência em dia e o tempo é curto.

Cumprimentos aos teus e aos amigos, em especial para tua mulher. Beijos aos rapazes.

Um grande abraço, do

Redol



[Lisboa, 31 de Dezembro de 1949]

Meu caro Teles

Só hoje disponho de calma e de tempo para te dar notícias; espero que cheguem aí encontrando todos com a melhor saúde.

Voltei de França com os 5 volumes da biblioteca do Monteiro Ramalho, em virtude dos preços oferecidos serem muito baixos. Cheguei à conclusão de que o conjunto de livros franceses poderia obter uma soma melhor do que a venda isolada.

E o que há feito quanto ao restante?

Se ainda tiverem todo o Balzac, gostaria que me dissessem por quanto o vendem, pois talvez eu próprio ficasse com a colecção. Agradeço me digas para onde devo enviar os 5 volumes em meu poder.

O leilão feito aqui em Lisboa, por escritores e artistas, é uma hipótese que ofereço – estará a família interessada? Tratarei do que for necessário com o maior empenho e dar-te-ei pormenores do que penso depois do vosso assentimento. É claro que nada posso garantir quanto aos resultados. Nesta paz morta tudo pode falhar.

Acabei o 2.º volume do ciclo. Mantenho dúvidas quanto à sua imediata edição, uma vez que a venda de livros está quase completamente represada. É provável que me lance à tarefa do terceiro volume, aguardando para a edição de *Terra Mártir* melhores dias ou melhor oportunidade financeira da minha parte.

É tudo.

8/10/49

Meu caro Teles

Bravo in a Beira né próxima semana; mas só a Beira.
 Tempo contado e impossibilidade de te ir abraçar. Se há, porém,
 te encontros e se houver uma oportunidade que me leve, talvez, ao Porto
 não deixo de aparecer.

Genêrulo não te tem sentido ainda o livro que pediste.
 Defezes, muita trabalho no Port Wine e alguns negócios para com
 crises.

Acabei com o livro do João de Brito Romalho. Vendo
 o que posso conseguir. Quando voltar expus fazer uma tentativa
 para as melhorias na minha dolorosa crise. Quando me o facto, me-
 dita.

Se me mencionares agora, talvez mais do assunto, para me
 orientares no que devo fazer ou que não fazer alguma coisa.

Estou a pôr várias correspondências em dia e a tempo d'antes.
 Sempre te os deus e aos amigos, em especial para tua
 vida. Beijos aos rapazes.

Com amor, de



Beijos aos rapazes e cumprimentos a tua mulher e demais amigos.
Um grande abraço, do
teu dedicado
António



[Lisboa, 2 de Fevereiro de 1950]

Meu caro Francisco
Boa saúde para todos.

Aqui estou a dar-te conta do meu projecto para se auxiliar a família do Monteiro Ramalho e para o qual já iniciei os primeiros passos.

No Salão principal da Sociedade Nacional de Belas Artes far-se-á em dia a determinar uma venda de livros de autores contemporâneos que assinarão as suas obras, acrescidas de um mínimo de 5\$00 pelo autógrafo, além do desconto máximo que se obterá dos respectivos editores.

Cada escritor terá o seu *stand* de vendas, do qual serão caixeiros uma ou duas atrizes do nosso teatro, cinema e rádio, para chamar ainda não só os seus admiradores como o público em geral. Deste produto metade reverterá a favor da família de Monteiro Ramalho e a outra parte para as escolas mantidas pela Voz do Operário.

Num outro *stand* leiloar-se-ão os livros da biblioteca do escritor duriense e cuja receita se destinará totalmente para os seus. Admite-se ainda a possibilidade de um *stand* onde os artistas plásticos venderão desenhos seus com distribuição de receita da primeira forma indicada.

Que te parece?

Vai ser uma trabalhadeira para fazer andar toda esta gente e ainda suportá-la nos seus cabotinismos, susceptibilidades e exigências. A tentativa, porém, pode resultar e devemos sempre correr os riscos, mesmo para hipóteses.

Quando a biblioteca for necessária, escrever-te-ei para combinarmos a melhor maneira de a transportar. Por agora necessito já de cada um dos volumes do Monteiro Ramalho e ainda jornais ou revistas em que haja colaboração sua. Se existir por aí algum retrato pintado pelo irmão¹⁴⁰, também é conveniente a sua remessa.

Espero as tuas notícias já com a opinião da filha do teu parente.

Terra Mártir está na censura; espero ir buscá-lo amanhã e não achar aborrecimentos de monta¹⁴¹. A edição deve ficar para Setembro, salvo qualquer milagre inesperado.

¹⁴⁰ O pintor naturalista António Monteiro Ramalho Júnior (1859-1916).

¹⁴¹ Tratava-se, provavelmente, de uma segunda apreciação do romance pela Censura, já que uma primeira versão tinha sido entregue, em Dezembro, à Direcção dos Serviços da Censura, que o sujeitaria a diversos «cortes», o que foi comunicado a

Vou remeter, em separado, outro volume da *Fanga*.
 Cumprimentos aos amigos. Beijos aos teus rapazes e recados a tua mulher.
 Um grande abraço, do
 amigo grato
Alves Redol

Recebi há dias um exemplar da tradução checa de *Porto Manso*. Está uma edição simpática¹⁴².

Escreve para:
 Avenida Duque de Loulé n.º 111 – 1.º
 Lisboa



[Lisboa, 26 de Fevereiro de 1950]

Meu caro Francisco

Cá vou dando os passos necessários para a venda dos livros do Monteiro Ramalho, mas tudo é moroso. Por cada insignificância, uma montanha de burocracias. E só posso contar comigo. Gente que dê o nome ainda se arranja, embora nem todos o façam. Mas quem se mexa, é quase um milagre.

Aguardo resolução da Sociedade Nacional de Belas Artes acerca da sala, para o que também não faltam obstáculos: datas livres, reuniões com a direcção, etc., etc. Contudo, vou persistindo, não obstante andar bastante doente dos meus nervos e nem ter vontade de me mexer para mim.

Gostaria que viesses a Lisboa pela furgoneta, apesar de não me ser possível aproveitar a tua oferta.

Desejo que tua mulher e os rapazes passem bem. Recomenda-me aos amigos e mais família.

Um grande abraço, do
Redol

Recebi inéditos do Monteiro Ramalho. É possível que no volume de Março do *Ver e Crer* saia um conto seu – *Lenda*¹⁴³. Assim o tratei e passei à máquina.

Redol em Janeiro. Cf. REDOL, António Mota – *A história do ceifeiro rebelde. Uma biografia de Alves Redol*. In SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assírio & Alvim, 2011, p. 137 e 277; veja-se, também, on-line: <<http://ephemerajpp.com/2011/12/04/censura-relatorio-no-4278-25-de-janeiro-de-1950-relativo-a-terra-martir-de-alves-redol/>>. Consulta realizada em 04.02.2013.

¹⁴² REDOL, Alves – *Pfířtav Manso*. Praha: řeskoslovenskř Spisovatel, 1949. Tradução de Milada Flíederová (que tinha traduzido *A Selva e Terra Fria*, de Ferreira de Castro).

[Lisboa, 15 de Março de 1950]

Meu caro Francisco

Tardei na resposta à tua carta, porque queria mandar-ta já com algumas indicações concretas acerca do que penso fazer em favor da família do Monteiro Ramalho.

Consegui hoje, mas até a resposta a tive de ir buscar, a adesão da Sociedade Nacional das Belas Artes que cede os seus salões para o dia 30 deste mês. É apertadíssimo, mas se não a agarro pelos cabelos, nada feito até ao fim do ano. Escrevi hoje à tua parente, pedindo-lhe para remeter os volumes da biblioteca; é possível que necessite de alguma ajuda para os portes do caminho-de-ferro. Põe-te em contacto com ela.

Mãos à obra, portanto, embora das pessoas (cinco comigo) que fazem parte da comissão, tenha recebido uma adesão incondicional, mas com o sublinhado de que não me podem auxiliar por falta de tempo. Vou escrever amanhã a cerca de 50 artistas de teatro, do cinema e da rádio, para nos darem a sua adesão como caixeiros dos autores contemporâneos que irão no dia 30 autografar os seus livros. A receita destes não vai para as escolas da Voz do Operário, mas para o fundo de solidariedade da S. N. B. A., pois doutro modo teria que pagar as salas.

Conto já com a adesão dos seguintes escritores: Ferreira de Castro¹⁴⁴, Assis Esperança¹⁴⁵, Loureiro Botas¹⁴⁶, Armindo Rodrigues¹⁴⁷, Maria Lamas¹⁴⁸, Romeu

¹⁴³ *Ver e Crer* (Lisboa, 1945-1950), revista mensal de divulgação cultural, dirigida por José Ribeiro dos Santos e Mário Neves.

¹⁴⁴ Ferreira de Castro (1898-1974) era um dos mais prestigiados escritores do seu tempo, autor de importantes obras, como *Emigrantes* (1928), *A Selva* (1930), *Terra Fria* (1934), *A Volta ao Mundo* (1944), *A Lã e a Neve* (1947). Chegou a ser director do jornal *O Diabo*, em 1935, e participou em diversas actividades da Oposição, nomeadamente no Movimento de Unidade Democrática. Cf. SALEMA, Álvaro (org.) – *Ferreira de Castro. A sua vida. A sua personalidade. A sua obra*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1974. Ferreira de Castro foi um dos amigos (com João de Barros e Assis Esperança) a quem Redol dedicou, em 1951, *Os Homens e as Sombras*.

¹⁴⁵ António Assis Esperança (1892-1975), escritor e jornalista, publicou diversos livros, como *Vertigem* (1919), *Gente de Bem* (1929), *O Dilúvio* (1932), *Servidão* (1946), *Pão Incerto* (1960). Participou em diversas actividades da Oposição democrática. Foi um dos fundadores do Pen Club Português, a cuja direcção pertenceu, desde 1947, tal como Alves Redol. Foi também um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Escritores, tendo integrado a sua primeira direcção. Cf. MARREIROS, Glória Maria – *Quem foi quem? 200 algarvios do século XX*. Lisboa: Colibri, 2000, p. 185-186.

¹⁴⁶ José Loureiro Botas (1902-1963), escritor e jornalista, ligado aos círculos da Oposição democrática, publicou *Litoral a Oeste* (1940), *Frente ao Mar* (1944), *Maré Alta* (1952), *Barco sem Âncora* (1963), entre outros livros. Cf. SARAIVA, António José; LOPES, Óscar – *História da Literatura Portuguesa*. 11.ª ed. Porto: Porto Editora, 1979, p. 1075.

¹⁴⁷ Armindo José Rodrigues (1904-1993), médico, poeta e tradutor, ligado ao movimento neo-realista, publicou, entre outros livros, *Voz Arremessada ao Caminho* (1943), *A Esperança Desesperada* (1948), *Beleza Prometida* (1950). Foi um dos fundadores do Pen Club Português. Foi militante do Partido Comunista Português. Cf. ROCHA, Ilídio (coord.) – *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*. Vol. 4. Mem Martins: Publicações Europa-América/Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, 1997, p. 201-202.

¹⁴⁸ Maria Lamas (1893-1983), escritora e jornalista, participou em muitas actividades da Oposição democrática ao Estado Novo, tendo pertencido ao Movimento de Unidade Democrática. Militante feminista, foi presidente do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas e directora da revista *Mulheres*. Foi presa diversas vezes por motivos políticos, exilando-se em Paris

Correia¹⁴⁹, Cardoso Pires¹⁵⁰ e José Gomes Ferreira¹⁵¹. Vou falar a mais uns vinte. Espero levar a maioria e na 5.ª feira inicio as minhas passadas para conseguir a publicidade nos jornais.

O leilão deve ser feito por artistas (homens) do teatro e da rádio. Disponho já da adesão dalguns artistas plásticos que oferecem desenhos para serem vendidos e estou a preparar uma pequena exposição do grupo a que os Ramalhos pertenceram e entre as suas obras o grande quadro de Columbano, *O grupo do Leão*¹⁵². Este quadro não é conhecido de muita gente e pode ser um chamariz.

É tudo por agora.

Quando vens a Lisboa pela furgoneta? Nessa altura entrego-te as coisas que vieram do Monteiro Ramalho para aqui e de pouco me serviram.

nos anos sessenta. Publicou uma obra vasta e polifacetada, que inclui diversos romances, livros infantis, poesia, ensaio e tradução (nomeadamente *Memórias de Adriano*, de Marguerite Yourcenar, que conheceu em Paris). Destaque-se os seus livros *As Mulheres do meu País* (3 vol. 1948-1950) e *A Mulher no Mundo* (1952). Cf. FIADEIRO, Maria Antónia – *Maria Lamas. Biografia*. Lisboa: Quetzal Editores, 2003.

¹⁴⁹ Romeu Correia (1917-1996), escritor e jornalista ligado ao movimento neo-realista, destacou-se como dramaturgo, tendo escrito, entre muitas outras obras, *Sábado sem Sol* (contos, 1947), *Trapo Azul* (romance, 1948), *Gandaia* (romance, 1952), *Casaco de Fogo* (teatro, 1953), *Desporto-Rei* (romance, 1955), *O Céu da minha Rua* (teatro, 1955), *Sol na Floresta* (teatro, 1957), *O Vagabundo das Mãos de Ouro* (teatro, 1960). Militante anti-fascista, participou activamente na dinamização de colectividades populares de Almada. CASTANHEIRA, Alexandre – *Romeu Correia, um neo-realista esquecido*. «Nova Síntese: textos e contextos do neo-realismo», n.º 4. 2009, p. 127-136; Cf. ROCHA, Ilídio (coord.) – *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*. Vol. 4. Mem Martins: Publicações Europa-América/Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, 1997, p. 632-633.

¹⁵⁰ José Cardoso Pires (1925-1998), escritor ligado aos meios de Oposição ao Estado Novo, autor de uma vasta obra literária, de que se destacam, durante os anos quarenta a sessenta, *Os Caminheiros e Outros Contos* (contos, 1949), *Cartilha do Marialva* (ensaio, 1960), *O Render dos Heróis* (teatro, 1960), *O Hóspede de Job* (romance, 1963), *O Delfim* (romance, 1968). Cf. JÚDICE, Nuno – *Pires, José Cardoso*. In BARRETO, António; MÓNICA, Maria Filomena (coord.) – *Dicionário de História de Portugal*. Vol. 9. Porto: Livraria Figueirinhas, 2000, p. 87-88.

¹⁵¹ José Gomes Ferreira (1900-1985), poeta e ficcionista, colaborou em diversas revistas, como a *Presença* e a *Seara Nova*, tendo publicado diversos livros de poesia, como *Longe* (1921), *Poesia I* (1948), *Poesia II* (1950), *Elétrico* (1956), *Poesia III* (1961, Grande Prémio da Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores) e *Poesia IV* (1962). Publicou também, entre outras obras de ficção, *O Mundo dos Outros – histórias e vagabundagens* (1950), *O Mundo Desabitado* (1960), *Os Segredos de Lisboa* (1962), *Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo* (1963). Participou nos movimentos de Oposição ao regime salazarista. Foi o autor da letra do hino do MUD Juvenil – *Jornada* –, musicado por Fernando Lopes Graça. Cf. TORRES, Alexandre Pinheiro – *Vida e Obra de José Gomes Ferreira*. Lisboa: Bertrand, 1975.

¹⁵² *O Grupo do Leão*, a que pertenceram Evaristo Monteiro Ramalho e seu irmão António Ramalho, pintor, era uma tertúlia de artistas e intelectuais que se reunia na *Cervejaria Leão de Ouro*, em Lisboa, nos anos oitenta do século XIX. Essa tertúlia boémia, que integrava pintores como Silva Porto, José Malhoa, Columbano, Rafael Bordalo Pinheiro, António Ramalho, Ribeiro Cristino e outros, além de escritores e jornalistas (Ramalho Ortigão, Bulhão Pato, Evaristo Monteiro Ramalho, Alberto de Oliveira, Abel Botelho, Mariano Pina, entre outros), foi retratada no quadro de Columbano Bordalo Pinheiro, *Grupo do Leão*, em 1885. Cf. FRANÇA, José-Augusto – *A Arte em Portugal no século XIX*. 2.ª ed. Vol. 2. Lisboa: Livraria Bertrand, p. 23-27.

Não sei se sabes que fiz publicar no *Ver e Crer* um conto dele¹⁵³. Logo que mo paguem, enviarei o dinheiro para a família.

Um grande abraço, do
Redol



[Lisboa, 20 de Março de 1950]¹⁵⁴

Meu caro Francisco

Aqui te espero, neste quarto improvisado em habitação, à hora que indicas na tua carta, para te abraçar e conversarmos.

Recebi hoje um postal da tua prima.
Cumprimentos aos teus, beijos aos rapagões.
Um grande abraço, do
Redol



[Vila Franca de Xira, 3 de Abril de 1950]¹⁵⁵

Meu caro Francisco

Acabou a tarefa e só o meu esgotamento me impediu de te escrever mais cedo. Até ao fim foi tudo como pudeste adivinhar durante a tua estadia – sozinho. E se tanto consegui, só não pude de facto agarrar no público e levá-lo ao salão das Belas Artes. A tarde foi verdadeiramente desoladora – quase ninguém. Só durante a noite houve um pouco de maior frequência. Decididamente os portugueses estão só interessados por três paixões: os três FFF – Fátima, Fado e Futebol.

Não se emociona nem exulta com o prémio Nobel para o sábio Egas Moniz¹⁵⁶, nem acarinha os seus artistas nem os seus escritores. Que mais será preciso para se verificar que falhou desastrosamente aquilo a que se tem chamado «a política de espírito».

¹⁵³ O conto *Lenda*, de Monteiro Ramalho, publicado nas *Histórias da Montanha* (Porto: Lugan & Genelioux, 1996, p. 125-128), foi reeditado na revista *Ver e Crer* (n.º 56, Março de 1950, p. 17-19), precedido de uma nota, certamente escrita por Alves Redol, sobre o «escritor esquecido»: «O nome de Monteiro Ramalho quase caiu no esquecimento. Irmão do pintor António Ramalho – um dos do “Grupo do Leão”, de que ele próprio foi um dos fundadores e cronista – completaria este ano os seus 90. Mas morreu esquecido, perdido na província e na miséria, rodeado de livros, de recordações e de necessidades. Deixou três obras – *Histórias da Montanha*, *D. Tarouco* e *Folhas de Arte* – além de apontamentos, crónicas e alguns contos inéditos. A página que dele aqui se dá tem um colorido pictórico que fica bem a par dos quadros que nos legaram os seus companheiros do famoso grupo de artistas» (*Ver e Crer*, n.º 56, p. 17).

¹⁵⁴ Bilhete-postal. No remetente: «Do: Alves Redol / V. F. Xira». Mas o carimbo de emissão é do Correio de Lisboa.

¹⁵⁵ No verso do envelope: «De: Alves Redol / Vila Franca de Xira».

¹⁵⁶ Egas Moniz (1874-1955) tinha sido galardoado com o Prémio Nobel da Medicina no ano anterior.

Para avaliá-los posso dizer-te que Ferreira de Castro vendeu oito volumes, Assis Esperança onze, Gaspar Simões¹⁵⁷ um, Paço d'Arcos¹⁵⁸ três, etc., etc. Eu vendi vinte e quatro, talvez por simpatia pela minha iniciativa.

Vieram algumas artistas: Irene, Laura Alves, Maria Cristina, Nina e Simone Monteiro, Leónia Mendes (estas de tarde) e à noite Madalena Sotto, Julieta Castelo, Josefina Silva, Lucia Mariani, Maria de Lourdes e Isabel de Carvalho. Os locutores da tarde e da noite não faltaram.

Os resultados práticos, digamos, não foram de todo para desgostos: uma totalidade de receita um pouco além de 8.500\$00. Entregaram-se 500\$00 à mãe do arquitecto de que te falei, pelo Fundo de Solidariedade da S. N. B. A., despenderam-se cerca de 500\$00 em toda a organização, incluindo mais de 200\$00 em contribuições para o Estado – também nisto o fisco aparece – e para a família do Monteiro Ramalho ficou a quantia de 7.516\$00 de que remeti 7.300\$00, ontem mesmo, em vales de correio. Dos restantes 216\$00 és tu devedor: livros para ti, José Arnaldo e Balsa¹⁵⁹ que vou enviar pelo correio.

Esquecia um pormenor; esqueço-me de muitos, certamente: a receita total do dia 30 não chega a 8.000\$00. Mas como no dia seguinte havia lá um espectáculo teatral, aproveitei os intervalos e como tinham sobejado volumes fui eu próprio vendê-los, no que fiz cerca de 700\$00. Ficaram ainda talvez 200 livros para a venda dos quais interessei Ilse Losa¹⁶⁰ para um leilão no Porto. Aguardo a sua resposta para lhos enviar.

Como emprestaste 300\$00 às tuas parentes, peço-te o favor de fazeres contas com elas no que respeita aos 216\$00.

O livro que o Dr. Correia¹⁶¹ pretendia foi vendido, sem que eu reparasse, por menos do que ele oferecia – 75\$00, mas não podia estar em todos os lados.

¹⁵⁷ João Gaspar Simões (1903-1987), romancista, dramaturgo, tradutor, historiador da literatura e crítico literário, escreveu, entre outras obras, *Eça de Queirós, o Homem e o Artista* (1945), *Vida e Obra de Fernando Pessoa – História duma Geração* (2 vol., 1950), *O Vestido de Noiva* (teatro, 1952), *Marcha Nupcial* (teatro, 1964), *História da Poesia Portuguesa – Das Origens aos Nossos Dias* (3 vol., 1955-1959), *História do Movimento da «Presença»* (1958), *História do Romance Português* (3 vol., 1969-1978). Cf. ROCHA, Ilídio (coord.) – *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*. Vol. 4. Mem Martins: Publicações Europa-América/Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, 1997, p. 177-179.

¹⁵⁸ Joaquim Paço d'Arcos (1908-1979), romancista, poeta e dramaturgo, publicou, entre outros livros, *Crónica da Vida Lisboa* (6 romances, 1938-1956), *Neve sobre o Mar* (novelas, 1942), *Poemas Imperfeitos* (poesia, 1952), *O Ausente* (teatro, 1944), *Carnaval e Outros Contos* (conto, 1958), *O Braço da Justiça* (teatro, 1964), *Memórias duma Nota de Banco* (romance, 1962). Cf. ROCHA, Ilídio (coord.) – *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*. Vol. 4. Mem Martins: Publicações Europa-América/Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, 1997, p. 364-366.

¹⁵⁹ Trata-se de Albano Balsa, do Pinhão, amigo de Francisco Tavares Teles. No jornal *O Pinhão*, de Julho de 1943, Albano Balsa escreveu o artigo *Alto Douro* (p. 3).

¹⁶⁰ Ilse Lieblich (1913-2006), de origem judaica, natural da Alemanha, fixou-se, em 1934, no Porto, onde casou com o arquitecto Arménio Losa, naturalizando-se portuguesa e adoptando o nome do marido. Por esta altura, Ilse Losa iniciava a sua carreira literária, com a publicação dos romances *O mundo em que vivi* (1949) e *Histórias quase esquecidas* (1950), tendo também publicado o livro infantil *Faisca conta a sua história* (1949). Cf. TEIXEIRA, Ramiro – *Losa, Ilse*. In COELHO, Jacinto do Prado (dir.) – *Dicionário de literatura portuguesa, brasileira, galega, africana, estilística literária. Atualização*. Vol. 2. Porto: Figueirinhas, 2002, p. 486-487.

¹⁶¹ O médico e escritor João de Araújo Correia, da Régua.

Estou satisfeito apesar de tudo. Consola-me ter conseguido mais 5.500\$00 do que o máximo que haviam oferecido pela biblioteca; a venda no Porto, se se fizer, pode dar mais 500\$00.

Volto para a cama a refazer o «cadáver». Desculpa não ser mais longo.

Cumprimentos a todos e em especial a tua mulher.

Beijos aos rapazes.

Um grande abraço, do

amigo de sempre

Redol



[Vila Franca de Xira, 17 de Julho de 1950]

Meu caro Francisco

A tua carta chegou-me há cerca de dez dias e só hoje, um pouco melhor de saúde e de disposição, arranjei coragem para te responder. Tu já estás habituado a estas minhas repetidas provas de má-criação e não estranhas, portanto, nem as levas a mal, estou certo disso.

Recebi os quadros e peço-te que me envies o endereço do snr. Carlos de Sousa¹⁶² para lhe agradecer a lembrança. Antes, porém, que eu o faça, apresenta-lhe os meus recados de gratidão.

Dentro de dias te mandarei 3 *Porto Manso* e 5 *Horizonte*, além de 2 *Avieiros*. A demora deve-se ao facto de ter de arrebanhar alguns volumes do romance da tua terra maravilhosa.

Vamos agora aos livros do leilão: os de Balzac comprei-os por 66\$00 ou 68\$00; quanto aos do Assis é o preço de venda ao público com mais 5\$00 por cada autógrafa, tal era a «taxa» cobrada pelos autores em proveito da família do Ramalho. Tua prima escreveu-me ultimamente e ainda não lhe respondi. Vou agora diariamente a Vila Franca tratar dos meus assuntos comerciais e deves calcular com que disposição o faço. Abalo de Lisboa cerca das 9 horas (levanto-me às 7) e chego aqui cerca das 19 horas. Depois é comer e repousar para não ir mais abaixo de saúde.

A literatura, coitada, é que exulta com este meu afastamento, pois já não podia mais com os meus atropelos à sua dignidade.

Gostaria de te desejar muita frescura, mas já sei que para quem reside no Pinhão um tal voto aumenta ainda o suplício.

¹⁶² Carlos de Sousa trabalhava, na altura, como agente técnico, nos escritórios-oficinas da CP do Pinhão. Sobrinho do grande aquarelista Alberto de Souza, produziu algumas cópias de retratos e caricaturas, entre as quais os retratos que enviou a Alves Redol. Informação de António Tavares Teles.

Quando visitares os rapazes dá-lhes beijos meus. Cumprimenta tua mulher e os teus.
Como passa agora a mulher do José?

A Natália recomenda-se.

Um grande abraço, do
sempre amigo

Alves Redol

Junto uma circular para veres se há por aí quem se interesse. O projecto é bom.



[Lisboa, 5 de Setembro de 1950]

Meu caro Francisco

Já não há desculpas que me lavem deste pecado de não responder prontamente aos amigos.

Espero que o calor do Alto Douro te não afronte e a família vá pelo melhor.

Junto a guia dos livros enviados.

Parto hoje para umas férias ao estrangeiro, um misto de repouso e de trabalho para a minha vida em Vila Franca. Levo para lá saudades tuas, já que tu as não podes dar pessoalmente.

Depois te escreverei.

Agora não me sobeja um minuto para o que ainda me falta. Vou no automóvel de um amigo para ficar mais barato e uma nuvem negra de afazeres tolda-me os olhos.

Cumprimentos a tua mulher e beijos para os rapazes.

Um grande abraço, do

Redol



[Vila Franca de Xira, 1 de Janeiro de 1951]

Meu caro Francisco

Penso em vocês constantemente – e lembro-me aqui das tuas primas de Porto Rei [*sic*] que devem estar desiludidas comigo – e não arranjo nem tempo nem disposição para uns breves instantes de conversa, embora por carta.

Vila Franca absorve-me, a vida vai dura para os escritores e para os homens como eu, e os anos começam a pesar. A pesar terrivelmente...

Recebi encantado o retrato do Manuel, um famoso rapaz para quem espero o resultado dos nossos sacrifícios de hoje. E o dia de amanhã bem precisa de moços como ele, alegres, bem temperados e inteligentes. Se não fora ver os teus e o meu, e todos os outros rapazolas e raparigas que parecem dizer-me constantemente que esperam alguma coisa de mim, eu, por mim, já nada mais faria. Estou cansado de viver...

Entretanto cá prossigo, vencendo os inimigos exteriores e mais este que mora dentro de mim, dizendo-te que «heroicamente» refiz por duas vezes *Terra Mártir* e só agora o considero um romance digno do meu propósito: o de dar ao ciclo o meu melhor trabalho. Alterei quase tudo, para não dizer tudo, e modifiquei-lhe o título que será agora *Os Homens e as Sombras*, reservando o outro, o primitivo, para o 3.º volume. A publicação deve ainda demorar, porque não me abunda o dinheiro e não procuro editor.

Tenho no prelo o *Cancioneiro do Ribatejo*¹⁶³. É um amor antigo que não podia abandonar. E vamos lá uma confidência: no momento em que resolvi publicá-lo, pensava que tão cedo não viria a escrever e que, portanto, esse volume seria a minha despedida. E não o será?...

Logo que Vila Franca me permita, irei começar o 3º volume do ciclo para depois, talvez, me entregar a um repouso muito longo. Cada dia que passa menos apetece escrever e parece-me que vou fazer a vontade a esta gente; mas antes de acabar o ciclo não arrumo a caneta. Já agora meto-me em brios neste país sem brios.

Uma visita ao Douro é que é mais difícil. A minha actual vida em Vila Franca não me permite afastamentos e tão cedo não os prevejo. Contudo cá a tenho nos meus projectos e isso já é alguma coisa.

O meu rapaz vai menos mal.

Beijos ao Manuel e ao António e cumprimentos para tua mulher, família e amigos. Saudades da Natália.

Um abraço amigo, do

Redol



[Lisboa, 1 de Fevereiro de 1951]¹⁶⁴

Meu caro

Escrevi-te há algumas semanas e estranho a tua falta de notícias. Espero que não seja a doença a causadora do teu silêncio.

Ou estás aborrecido com a minha demora nas respostas? Já sabes que não é por menos amizade, mas por instintiva aversão pelas cartas.

¹⁶³ O *Cancioneiro do Ribatejo: a Vida do Povo Cantada pelo Povo*, organizado e prefaciado por Alves Redol, foi publicado em Vila Franca de Xira, pelo Centro Bibliográfico, com a data de 1950, mas, como revela esta carta, só deve ter saído no início de 1951.

¹⁶⁴ Bilhete-postal. No remetente: «António Redol / Vila Franca de Xira».

Os teus como passam? Espero que bem.
 O meu rapaz lá vai com regular saúde e alguma disposição para o estudo.
 Cumprimentos a todos. Beijos para os rapazes.
 Um grande abraço, do
 amigo certo
Redol



[Lisboa, 7 de Abril de 1951]¹⁶⁵

Meu caro Francisco

Lá estou eu novamente em falta, mas já não vale a pena insistir nas desculpas.

De tudo isto para ti haverá uma compensação, consequência da tua amizade: é que o segundo volume do *Ciclo* vai sair ainda este mês. O trabalho de edição e os afazeres de Vila Franca, aliados à leitura de jornais de 1915 e diários das Câmaras dessa época – material para o terceiro volume – tomaram-me o tempo e as preocupações.

Por este correio segue o *Cancioneiro* para ti e mais os 12 volumes que requisitaste (passe o termo).

Espero que os rapazes vão melhores e que tudo comece a correr à medida dos teus desejos e necessidades. O meu também não anda famoso, o que de resto nele não é para estranhar.

É possível que vá ao Porto daqui a algum tempo, para servir de testemunha num casamento de um amigo que casa por procuração, e, nessa altura, subirei até ao Douro só para vos abraçar.

Até lá muitos cumprimentos, saudades e abraços,

Do amigo de sempre

António



[Lisboa, 24 de Maio de 1951]¹⁶⁶

Meu caro Francisco:

Respondo em conjunto às tuas cartas, um pouco mais liberto dos afazeres sem conta que me tolhem os movimentos para exercer um dos prazeres maiores que trago sempre no coração e que, talvez por isso mesmo, vou adiando para além do razoável: o de escrever aos

¹⁶⁵ Carta dactilografada.

¹⁶⁶ Carta dactilografada.

amigos como tu e contar-lhes dos meus projectos, dizer-lhes das alegrias e pesares desta vida ingrata de escritor em terras de Portugal.

Este adiamento, por vezes longo, cria-me desgostos, como o de sentir uma certa frieza da parte do José Arnaldo, de quem há muito não recebo uma linha. Mas só quem possa avaliar a minha vida – as exigências de ganhar o dia-a-dia, para mim e para a casa do meu filho; os 60 quilómetros quase diários das minhas idas a Vila Franca; os mil problemas do pequeno comércio e indústria portugueses, com os casos de consciência que se ligam às exigências de quem é obrigado a meter por este caminho para se não vender; o peso terrível duma saúde por vezes precária etc., etc... E depois de tudo isto a literatura que são as minhas maiores cartas para todos os amigos, e onde eu lhes digo tudo aquilo que não posso dizer-lhes individualmente. Avalias, com certeza, o que tem sido o trabalho deste ciclo, que prometi a vocês dois, e a mim próprio, constituir o melhor da minha obra. O encadeamento dos aspectos mais diversos – os afectivos, os documentais, os económico-políticos e sociais, os psicológicos –; tudo isto uma enxurrada de problemas que não posso largar ao deus-dará, tudo pesado, medido e ponderado em vários ângulos, enjeitando, muitas vezes, páginas e páginas que me traíram o conjunto, como neste *Os Homens e as Sombras* que foi escrito três vezes. O material vastíssimo que tenho reunido e feito fichas daria, só por si, vários volumes. Há poucas semanas ainda li todos os jornais políticos de 1914 e 1915, os diários das sessões da Câmara dos Deputados e do Senado desses mesmos anos, e também recolhi os elementos para o enquadramento do problema do Douro nos grandes acontecimentos mundiais dessa época: desde as memórias do ministro inglês Grey¹⁶⁷ às do embaixador russo em Paris¹⁶⁸, aos problemas balcânicos, à Tríplice Aliança, à política francesa e alemã, às manobras dos *trusts* internacionais. Nada neste mundo sucede por acaso – e então em problemas desta natureza – e é preciso vasculhar, apontar e fazer a interpretação de tão complexo manancial, de modo a que possa surgir aos leitores algum tanto do que é a verdade. A megalomania inglesa de ser senhora dos mares, um caminho-de-ferro distante do Cairo ao Cabo, a ocupação francesa de Marrocos, justificam aspectos da crise duriense. E onde está escrito e fundamentado este aspecto particular do grande todo que são os manejos imperialistas?!...

É preciso catar no meio duma floresta quase virgem os elementos para tudo isso. Têm de se ler páginas de Teixeira Gomes¹⁶⁹ – nosso ministro em Londres –, extractos de comícios no Ribatejo, saber quem são certos homens que afirmam certas coisas, e por que é que

¹⁶⁷ Edward Grey (1862-1933), Ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha entre 1905 e 1916, escreveu, entre outras obras, as suas memórias políticas (*Twenty-Five Years, 1892-1916*, 2 vol. Londres: Stokes, 1925).

¹⁶⁸ Alexander Petrovitch Iswolsky (1856-1919), Ministro dos Negócios Estrangeiros da Rússia entre 1906 e 1910 e embaixador russo em Paris entre 1910 e 1917. As suas memórias, *The memoirs of Alexander Iswolsky, formerly Russian minister of foreign affairs and ambassador to France*, foram traduzidas por Charles Louis Seeger e publicadas em Londres, em 1920.

¹⁶⁹ Manuel Teixeira Gomes (1860-1941) foi embaixador de Portugal em Londres entre 1911 e 1918 e Presidente da República entre 1923 e 1925. Em 1950, Urbano Tavares Rodrigues (1923-2013), amigo de Redol, tinha publicado *Manuel Teixeira Gomes (Introdução ao estudo da sua obra)*, na editora Portugalíia. É provável que Redol tenha lido então esse estudo.

as afirmam, compreender, ou procurar compreender, os liames que vão de uns para os outros, até aos que estão ocultos e se não mostram nunca.

E a preparação para chegar a este sentido de compreender que não há problemas isolados?! Quantos anos são precisos?! Quantas décadas para quem não teve cultura paga por outrem, e que só aos doze anos leu pela primeira vez um livro emprestado, porque na casa onde nasceu e viveu até aí não se sabia o que era um livro quanto mais uma biblioteca?!...

Reparo agora que estou a falar demasiado no que tenho conseguido, eu que tantas vezes descreio em mim! Mas esta carta que meti à máquina para te dar notícias minhas levou-me ao passado e às canseiras sem conta que nunca enjeitei para chegar até onde estou aos 39 anos, embora devesse fazer mais e realizar melhor.

Depois vem-me logo a pergunta: realizar melhor como, se desde os 16 anos nunca comi um naco de pão que não fosse ganho por mim?...

A tua amizade desculpa, bem o sei, o que outros poderiam julgar um enfartamento de vaidade. E não é disto que se trata, mas antes o reconhecimento de como o trabalho constante, a vontade de ser útil e o espezinhar a todas as horas de quase todas as solicitações, podem fazer de um pobre indivíduo um escritor, mesmo precário, como eu sou.

A opinião que me mandaste deu-me alentos para continuar. Trabalho agora o terceiro volume – *Terra Mártir* ou *Vindima de Sangue?* – do qual já devo ter escrito cerca de 1/6 daquilo a que se pode chamar o primeiro rascunho. O caminho está cheio de dificuldades mas conto vencê-las. Veremos se com êxito.

Até hoje só li uma crítica do *Jornal de Notícias* acerca do segundo volume e nada mais¹⁷⁰. Não admira, porque do *Cancioneiro* que representa 14 anos de muita canseira, só saíram três ou quatro apontamentos sem relevo. Aproveito para te dizer que deste livro te vou eu próprio enviar mais 6 exemplares que me pedes. Quanto *A França*, atendendo a que se destina a uma oferta em que tens empenho, vou remeter-te o único exemplar que posuo com encadernação especial, idêntica às que fiz para oferecer em França – é toda em carneira e não pagarás mais por isso.

De *Os Homens e as Sombras* não fiz eu a remessa, por se tratar de edição que vendi à Europa-América na totalidade. Do que me dizes quanto à segunda edição não debes estranhar. A primeira foi de 1.500 exemplares que já se venderam, e agora está á distribuição a segunda que é de 2.500.

Perguntas-me quando irei ao Douro. Abalaria agora mesmo, se me fosse possível. Necessito até de passar uns dias perto de Valdigem ou Cambres para colher os últimos elementos que me faltam para o terceiro volume. Estou a tomar balanço para fazer a viagem. Não haverá por aí um dono de automóvel que venha a Lisboa e não se importe de transportar um homem de má-nota?!... Seria um empurrão para me decidir.

¹⁷⁰ Trata-se da nota *Os Homens e as Sombras, romance de Alves Redol*, assinada por A. M. e publicada na secção «Livros» do *Jornal de Notícias*, em 17 de Maio de 1951 (ano 63, n.º 342, p. 3).

Entretanto, continuo com o propósito firme de a empreender de qualquer maneira. Podes saber como me arranjarei para dormir e comer em qualquer das aldeias de que te falo?

Responde quando puderes e cumprimenta tua mulher e os amigos. Os teus rapazes que me desculpem também o pensar neles muitas vezes e nunca concretizar o que desejo; mas eles mais tarde me desculparão. Beija-os por mim.

A Natália recomenda-se.

Um abraço afectuoso do

António

Escreve para Vila Franca de Xira. Vou mudar de «cortiço» em Lisboa e ainda não sei para onde a ventania me atira.



[Vila Franca de Xira, 16 de Junho de 1951]¹⁷¹

Meu caro Teles

Muito obrigado pelas tuas cartas.

Procurarei o teu tio na 3.^a feira próxima e espero resolver as minhas coisas para estar uns dias no Alto Douro.

Serei o portador dos 6 *Cancioneiros*. Quanto à *França*, já me tinham vendido o tal volume e, portanto, terás de aguardar mais uns dias. Vou mandar fazer a encadernação.

Falaremos depois pessoalmente de tudo quanto nos aprouver.

Beijos para os teus rapazes. Cumprimentos a tua mulher, irmão e mais família.

Um grande abraço, do

amigo grato

Redol



[Vila Franca de Xira, 1 de Agosto de 1951]

Prezado Amigo

Grato pela tua carta.

Continuo sem saber quando poderei voltar ao Douro – e já lá vão tantos meses!

Estou a tratar-me dum esgotamento, e só agora, mais de um mês decorrido, é que começo a ter conta em mim, apesar de nunca ter abandonado o trabalho de Vila Franca. Mas isto não se compadece com esgotamentos.

As notícias são poucas – como a saúde e a disposição.

¹⁷¹ No verso do envelope: «Do: Alves Redol / Vila Franca de Xira».

Quando vires o Zé¹⁷² diz-lhe que vou escrever; com uma mudança de quarto perdi a carta dele e tenho de desistir de a encontrar.

Boa saúde de todos os teus.

Um grande abraço, do

amigo certo

António



[Vila Franca de Xira, 10 de Março de 1952]¹⁷³

Meu caro Francisco

Quero escrever-te mais longamente, mas tenho de deixar esse desejo para mais uns dias.

Alarmou-me, porém, a tua carta no que respeita ao Zé Arnaldo. De nada sei, pois há muito que me não escreve. Que se passou que tão duramente podia atingir o nosso querido Amigo?

Fico ansioso para lhe escrever depois.

Um grande abraço, do

Redol



[Vila Franca de Xira, 27 de Agosto de 1952]¹⁷⁴

Meu caro Francisco

Já é velha esta história de ser preguiçoso em dar notícias. A verdade é que os Amigos têm motivo para me considerarem, pelo menos, malcriado.

Folguei com as boas novas que me deste, acerca dos teus e em especial de tua mulher, pessoa que merece uma profunda simpatia por tudo quanto se adivinha nela – trabalhadora, carinhosa para ti e para os filhos, lhana no trato para com os teus amigos ou simples conhecidos.

Por ela, e também por ti, e ainda por todos nós, fiquei radiante.

A minha vida é agora, e ainda, a mesma destes longos meses que não me deixam uma folga para subir até ao Douro e abraçar os amigos. Espero, porém, dar um esticão a tudo isto e abalar um dia até aí.

¹⁷² José Arnaldo Monteiro.

¹⁷³ Envelope timbrado, de «Redol & C.ª, L.da / 66, Rua Dr. Miguel Bombarda, 70 / Vila Franca de Xira / Materiais de construção / Azulejos e Louças Sanitárias / Instalações e Materiais para Água e Luz / Fábrica de: Manilhas de cimento – Mosaicos – Colunas para Iluminação – Postes de cimento para linhas aéreas – Artigos sanitários e domésticos de marmorite – Placas e lambris de mármore e marmorite / RECIL – Produtos de cimento / Vila Franca de Xira».

¹⁷⁴ Papel de carta timbrado, de «António Alves Redol / Vila Franca de Xira».

Vindima de Sangue vai agora a caminho do fim da primeira versão – designaremos deste modo o borrão do romance. Já tem muitas e muitas páginas que considero definitivas, embora outras tantas necessitem de rectificações, mudanças várias e até cesto de papéis. Gostaria de o publicar no fim deste ano, embora já não me posso queixar muito da perda de qualidades de trabalho, pois fiz o argumento, sequência e diálogos de *Nazaré* e mais recentemente a sequência e diálogos de *Vidas sem Rumor* que começou ontem à noite a ser filmada¹⁷⁵.

Da primeira há uma certa diferença entre o que escrevi e o que o público vai ver. Nos papéis secundários desapareceram certas cenas que levaram corte por má interpretação ou deficiências de realização. A obra fica, em meu entender, mais dramática do que a desejava, uma vez que esses apontamentos de poesia interior de dois personagens e de graciosidade de três outros lhe fazem perder um certo equilíbrio que procurei dar-lhe. Apesar de tudo não é, de modo algum, uma concessão nem ao baixo gosto nem ao comercialismo. Há, por vezes, em *Nazaré* momentos francamente bons.

Veremos na exibição.

Uma fita só está pronta quando entra em convívio com as plateias, cuja alma colectiva lhes dá mais vigor ou as desqualifica. Isto parece um absurdo mas é um facto insofismável.

E é tudo – que é pouco.

Exultei com os teus rapazes. Não apertes muito com o António; às vezes cansamo-los depressa e depois quando mais é preciso eles não podem... Dá-lhes muitos beijos.

Vou escrever ao Zé Arnaldo.

Cumprimentos a tua Mulher e aos Amigos.

Um grande abraço, do
amigo certo

Redol



[Vila Franca de Xira, 19 de Novembro de 1952]

Meu caro Francisco

Espero que vás suportando com o maior estoicismo o frio implacável que adivinho daqui, junto da janela e ao sol como um gato – não direi irmão daqueles que usam laçarote de seda e guizo, mas um dos outros que, depois de ganhar o almoço, dormitam, por momentos, à mornice da soalheira.

¹⁷⁵ Os filmes *Nazaré* e *Vidas sem Rumor* foram realizados por Manuel Guimarães. O primeiro foi estreado ainda em Dezembro de 1952, mas suspenso pouco depois (conferir carta de 6 de Fevereiro de 1953) pela Censura, que lhe impôs extensos cortes antes da reposição. Quanto a *Vidas sem Rumor*, cujas filmagens começaram em Agosto de 1952, só viria a estrear em Setembro de 1956, após profundas alterações impostas pela Censura. Cf. AREAL, Leonor – *Cinema Português. Um País Imaginado*. Vol. 1: *Antes de 1974*. Lisboa: Edições 70, 2011, p. 290 e 300-309.

Ando em revisão do 3.º volume do ciclo, contente algumas vezes, descontentíssimo noutras, embora a tipografia comece esta semana a imprimir-los. Mas até ao fim há «espinhos» por arrancar, ficando ainda com a certeza de que tantos outros permanecem, como a avisar o pobre escriba que a literatura já se não pode fazer por amorismo.

Acabo, porém, o ciclo com a impressão de que deixei nele o melhor que consegui até hoje – e lembro-me quase todos os dias, eu que sou um falhado de memória, naquilo que te prometi ao iniciá-lo. Tive vontade – sincero desejo mesmo – de subir até ao Douro e fazer uma leitura contigo e o Zé Arnaldo. Sinto, contudo, que, no silêncio deste nosso Amigo para com as minhas cartas, há qualquer facto que não sei explicar, mas que me tirou o estímulo de vos visitar. Escrevi-lhe por duas vezes, exprimi-lhe o meu gosto de saber notícias suas, e até agora nada.

Doença? Afazeres?

Tudo é possível!

No que respeita a *Nazaré* só em Dezembro será estreada. Ficou, por fim, pior um pouco do que te dizia nas minhas últimas impressões, embora não tanto como certa carta minha – amarga e dorida – te fez adivinhar. É uma fita monótona, sobretudo; com culpas de todos os que nela intervieram – e minhas, claro! que não quis barafustar e fazer questões, obrigando-os a cumprirem melhor aquilo que lá pus. Houve, porém, um dramático debate na minha consciência, em que um certo tipo ponderado, que todos temos conosco, acabou por impor as suas razões. E a fita aí vai para o público que se queixará de mim, sentindo que o enganei, ou que ajudei a enganá-lo.

E é tudo por hoje.

Da Europa-América nada disseram ainda acerca dos livros que lhes devolvestes e me per-tencem. Eu vou aguardando que se confessem, até que passe o tempo suficiente para os julgar.

Cumprimentos a tua mulher e beijos para os rapazes. Com um abraço ao António que já começará a preferir os beijos das cachopas – e ainda bem!

Um grande abraço do sempre Amigo

Redol



[Vila Franca de Xira, 6 de Fevereiro de 1953]

Meu caro Teles

Ando sempre em dívida para contigo e não há maneira de pôr em dia esta nossa correspondência. Mas tu já sabes que não o faço por menos amizade e o facto reconforta-me.

Queria escrever-te já com *Vindima de Sangue* na rua, mas a tipografia trabalha em rodas de granito e não sei quando o volume chegará ao fim. Espero que chegue antes da primavera oficial. E depois me dirás das tuas impressões acerca do conjunto do ciclo.

Agora trabalho nas provas e nos afazeres profissionais, propriamente ditos, embora no cartão de identidade esteja averbada a minha qualidade de «escritor».

Em princípio, estou a admitir uma viagem a Bragança, lá para Abril, pois insistem comigo para conhecer a região. Já tenho cicerone que me parece, só por si, um óptimo material para observação.

A *Nazaré* deve ter voltado aos cinemas esta semana – uns cortes da censura – e porquê? – e aí fico misturado com uma obra que não me agrada, mas que não posso enjeitar.

Um dia falaremos em pormenor.

Quanto à conferência o tempo não me chega para a preparar, além de que tenho a certeza de que nada de novo posso dizer, ou, melhor, sei dizer. Se aceitasse o encargo por cortesia, começava o meu martírio, com a plena convicção de que, no fim, ficariam eles tão desencantados como eu. Não tenho o prazer da palavra, como sabes. Prefiro ouvir e a presença de muita gente confrange-me.

Ainda há pouco me convidaram para inaugurar uma biblioteca e acabei por faltar. Sabes que os anos além de envelhecerem também abrem os olhos. E a verdade é que não sou, efectivamente, um expoente literário, para me permitir prelecções do alto duma mesa que fica sobre um estrado. E os cabotinismos se ficam mal aos génios são ridículos nos simples escritores da minha igualha.

Continuo a escrever porque me faz falta e não por supor que estou a criar uma glória literária. Daqui por uns anos, poucos se lembrarão de mim; e esses serão os amigos.

Espero, é claro, que não suponhas tudo isto como um mau pronúncio de evasão ou de renúncia; mas a expressão duma muito clara certeza do que valho.

Notícias dos teus? Folgo com o que me dizes do António.

Cumprimentos à tua Mulher e aos amigos.

Um grande abraço, do

sempre grato

Redol



[Lisboa, 31 de Julho de 1953]

Meu caro Francisco

À espera desde Março de poder subir ao Alto Douro, fiquei sem te dar notícias e de me ter por umas horas mais perto de ti e dos teus. A realidade, porém, força-me a perceber que além de muita outra coisa que hoje me falta, perdi também a «pequena liberdade» de me deslocar até à Régua e ao Pinhão de vez em quando.

Reconhecê-lo magoa-me e outros pesares se lhe juntam sempre. Entre eles o da lembrança muito viva do teu irmão agora falecido¹⁷⁶, cujos olhos ansiosos e ao mesmo tempo

¹⁷⁶ Trata-se de Aníbal, o irmão mais novo de Francisco Tavares Teles, falecido no Brasil. Informação de António Tavares Teles.

sonhadores e profundos não esquecem a quem os encontrou alguma vez. A vida empurrou-o para o Brasil, querendo forçá-lo a um destino que não era o seu. Todos os dias este sistema trai milhares de homens em todo o mundo – e não é esse o ódio menor que tenho para lhe oferecer. [...]

E por isso a tua notícia me doeu, apesar do pouco convívio que tive com ele. Há rostos que vejo todos os dias e a que a todas as horas esqueço; o do teu irmão está aqui à minha beira com a sua mão magra sobre o meu ombro, a olhar comigo para o jornal que tenho sobre a secretária e que me recorda esse crime ignóbil que matou o casal Rosenberg.¹⁷⁷

Triste momento o que vivemos, em que há homens que precisam de matar inocentes para se julgarem dignos da missão confiada pelos «trusts». Triste momento e consoladora coragem a de dois semelhantes nossos que defrontaram a morte com orgulho, sem se dobrarem à sórdida mesquinhez dos que esperavam uma palavra sua por um fio ligado às suas celas. Nunca se desceu tanto para se tentar perceber a alma humana; e bem poucos seriam capazes de com o seu desprezo e o seu silêncio cobrirem de tamanho ridículo um general-fantoches de que tantos esperam a salvação dos seus interesses.

Voltei a largar esta carta e só agora lhe pego, cerca de um mês depois, para a meter no correio, embora me quisesse alongar. Há sempre tanto para dizer!

Mas aí vai assim mesmo com muitos beijos para os rapazes e recados amigos para tua Mulher.

Um grande abraço, do
Redol



[Lisboa, Janeiro de 1954]¹⁷⁸

Querido Amigo,

Apertado entre betão e contabilidades, cada vez mais longe, de facto, e sempre mais perto, por angústia, da literatura, já nem tempo me fica para cumprir deveres, mesmo que sejam os mais gratos. Arranco-me da cama às sete da manhã para me encafuar numa camioneta até Vila Franca donde volto à noite sem coragem para um gesto. Fica-me ainda

¹⁷⁷ Provavelmente, o *Diário de Lisboa* de 20 de Junho de 1953, que ocupa cerca de metade da última página com a notícia da execução dos Rosenberg. Julius e Ethel Rosenberg, judeus comunistas americanos, foram condenados à pena de morte por crime de espionagem (acusados de fornecer informações sobre segredos atômicos americanos aos soviéticos, durante a II Guerra Mundial) e executados em 19 de Junho de 1953, na prisão de Sing Sing, em Nova Iorque. Cf. MOURRE, Michel – *Dicionário de História Universal*. Vol. 3. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998, p. 1191.

¹⁷⁸ Carta dactilografada. Sem envelope. Data inscrita à mão, *a posteriori*. Pelo conteúdo, pode depreender-se que a carta teria sido remetida de Lisboa.

o espírito para repreender o manga-de-alpaca que não escreve aos amigos e os obriga, naturalmente, a duvidar da sua estima de sempre.

Hoje, arrancado a Lisboa e às preocupações que estão ligadas à casa onde vivo, aqui estou a dar notícias aos que mais prezo e têm razões para me desprezar.

A saúde não é famosa mas também não é precária. Anda nesta mediania tão portuguesa em tudo o mais, como no comércio que tu conheces e na indústria que eu abomino. A literatura vai na mesma e até o futebol que ganhou as honras de arte, de ciência e de única preocupação portuguesa não anda também por melhores caminhos. Isto já me parece uma barca velha sem possibilidades de navegar que flutua sem se saber como.

E a crise autêntica ainda não chegou, embora se aproxime.

Mercê de uma birra em que ando empenhado, tenho escrito uns tantos contos e crónicas, mais para não me sentir morto do que por lhes reconhecer algum mérito. Ignoro-lhe o préstimo que talvez não seja diferente das canetas que os prisioneiros fazem na cadeia para vender. E aqui estão os limites da minha vida.

Abalar até ao Douro para conversarmos dois ou três dias já é gosto que nem sequer posso acariciar. Sinto-o quase tão longe como Paris ou Londres.

E é tudo por hoje. Pouco mais do que lamúria, dirás tu.

Peço-te que dê um grande abraço ao teu rapaz mais velho pela gentileza do desenho. E que persista, pois estou certo que para Ele a vida será diferente da nossa. Vale sempre a pena meter por caminhos difíceis.

O outro que se contente com um beijo dum amigo velho que ainda não desesperou de ir ao Douro como quem vai a Paris ou a Londres.

Recados para a Mãe.

E para ti, querido Amigo, as saudades de sempre,

Redol



[Lisboa, 15 de Março de 1954]¹⁷⁹

Meu caro Francisco

Estanharás duas cartas no mesmo sobrescrito quando uma demora o tempo que tu sabes. Mas tudo se explica, se te disser que a dactilografada a cinzento está escrita vai para três meses; depois atirei-a para junto doutros papéis por achá-la demasiado queixosa. E as semanas passaram, entretanto, dando sempre razão, e cada vez mais, às minhas lamúrias.

Mando-ta agora sem alterações.

¹⁷⁹ Carta dactilografada.

Antes que me esqueça, peço-te que digas às tuas primas de Barqueiros¹⁸⁰ que o Domingos Monteiro¹⁸¹ parece decidido a reeditar um dos livros do Monteiro Ramalho, segundo me informou o Pedro da Silveira¹⁸². Elas que lhe escrevam a propor essa nova edição, sem que de mim falem. Como sabes, ele tem uma editorial e admira muito o teu parente.

Perguntas-me por projectos literários, dando-me conta de certa notícia que desconhecia. De concreto nada tenho para te dizer; continuo a pensar que gostaria de ser escritor, arranjo umas horas de mês a mês, à espera que o tempo se encarregue de decidir do seu destino.

O que publiquei na *Vértice*¹⁸³ é um pedaço inacabado que aqui me vieram arrancar para os amigos não me julgarem morto. Além dessa guardo cerca de uma dúzia mais, feitas ao sabor da máquina. E é tudo.

Em romances não pensarei tão cedo, pois a indústria não se dá com a literatura desse género.

De há muito que não recebo notícias do Zé¹⁸⁴, a não ser por uma carta da Albertina¹⁸⁵ a quem devo escrever dentro de dias. Peço-lhe [sic] que o abraços logo que o encontres.

Espero que a tua saúde e a dos teus continue bem. Recados para todos e muitos beijos para os rapazes.

Um abraço amigo, do

Redol



[Lisboa, 24 de Setembro de 1954]

Meu caro Francisco

A história repete-se e não vale a pena gastar os mesmos argumentos, para desculpar o longo silêncio deste Amigo que nasceu com a fobia das epístolas – o que talvez não seja rigorosamente exacto, pois bem me lembro de muitas e longas cartas que escrevi noutros tempos. Mas para compreenderes esta espécie de inibição, sempre te direi que um edi-

¹⁸⁰ A viúva do escritor Eva-risto Monteiro Ramalho e sua filha Maria José.

¹⁸¹ Domingos Monteiro (1903-1980), advogado e escritor natural de Barqueiros, autor, entre muitas outras obras, de *O Mal e o Bem* (1945), *O Caminho para Lá* (1947) e *O Primeiro Crime de Simão Bolandas* (1965), era responsável pela Sociedade de Expansão Cultural, que fundou em 1948. Cf. BIGOTTE-CHORÃO, João – *Viajar com... Domingos Monteiro*. Vila Real: Direcção Regional de Cultura do Norte, 2008.

¹⁸² Pedro da Silveira (1922-2003), poeta açoriano, residente em Lisboa desde o início dos anos cinquenta, autor, entre outras obras, de *A Ilha e o Mundo* (1953) e *Sinais de Oeste* (1962). Ver OLIVEIRA, Álvaro – *Pedro da Silveira (1922-2003) – um breve perfil*. «Boletim do Núcleo Cultural da Horta», n.º 13, 2004, p. 75-80. Em 2006, o *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* dedicou a Pedro da Silveira um número especial (n.º 15).

¹⁸³ REDOL, Alves – *Uma vila sem génio nem beleza*. «Vértice», vol. 13, n.º 123, Nov.-Dez. 1953, p. 652-654.

¹⁸⁴ José Arnaldo Monteiro.

¹⁸⁵ Maria Albertina Ferreira de Almeida Monteiro, mulher de José Arnaldo Monteiro.

tor checoslovaco espera correspondência minha desde Fevereiro, outro tanto sucedendo a um escritor da mesma nacionalidade que deseja escrever um ensaio sobre a minha obra¹⁸⁶.

As horas para pensar e escrever são escassas, e embora espere todos os dias mudar o sistema, respondendo de pronto aos Amigos, o vício do adiamento anda-me no sangue e o mal permanece.

Depois vem ainda o agravo de não querer deixar que o escritor morra e eis-me a defender as horas curtas com unhas e dentes. É altura, pois, de te anunciar que acabei agora mais um livro – o que eu chamo um feixe de cartas para os Amigos.

Entrará no prelo dentro de alguns dias e espero fazê-lo sair em Novembro, mês em que há 15 anos me estreei como romancista. O facto não merece relevo, mas não me fica mal assinalá-lo com mais um volume, embora modesto como os demais.

Trata-se de um punhado de histórias diversas, passadas numa vila da Borda d'Água, com o aspecto particular de as ter cerzido com uns capítulos em jeito de crónicas, o que lhe dá o ar de um pequeno romance, sem personagens dominantes.

O Lima de Freitas¹⁸⁷ vai ilustrá-lo e intitulei-o *Olhos d'Água* – nome que não herdou de qualquer das histórias do volume e no qual incluo um conto já teu conhecido e um outro bastante modificado e que também julgo já teres lido.

Ainda não há muitos dias acarinhei a ideia de ir até ao Douro, metê-lo na mala e juntar-me contigo e o Zé¹⁸⁸ para o ouvirem. Mas o trabalho profissional rapa-me todos os sonhos.

Irás lê-lo dentro de 2 meses, se te quiseses dar à canseira.



Folguei muito em saber dos progressos dos teus rapazes, a quem peço mil perdões por não lhes escrever, agradecendo-lhes o retrato e as razões que te dão para sentires orgulho nas suas qualidades. Fala-lhes de mim sempre que te lembres deste velho Amigo ingrato, mas sempre sinceramente Amigo.

O mais velho com os seus rasgos de escritor e desenhador parece nortear-se por boa senda, cada vez mais difícil de seguir pela rapaziada. Mas os homens ainda não acabaram e a vida está por eles. Os nossos rapazolas o saberão dizer algum dia...



O teu pequeno poema vale pela emoção contida que penetra mais fundo do que a gritada. E se lhe não falta o ritmo, a justeza das palavras empregadas, e se sentimos que tudo ficou dito, que mais é preciso para que seja um poema?

¹⁸⁶ Provavelmente, Zdeněk Hampejs, especialista em literaturas românicas, que traduziu *Fanga* para checo (em 1951), bem como outras obras de vários autores portugueses, entre as quais *Os Lusíadas*, de Camões. Informação de António Mota Redol.

¹⁸⁷ Lima de Freitas (1927-1998), pintor, ilustrador e ensaísta (destaquem-se as obras *Pintura incômoda*, de 1965, e *Almada e o Número*, de 1977), esteve ligado, inicialmente, ao movimento neo-realista, mas a sua obra polifacetada percorreu outras correntes estéticas, como o surrealismo, o realismo fantástico, etc. Ver FREITAS, Lima de – *50 anos de pintura*. Lisboa: Hugin Editores, 1998.

¹⁸⁸ José Arnaldo Monteiro.

Se ficamos junto do poeta, como eu fiquei mais perto de ti ao lê-lo, tudo está bem.



Estou a olhar para o relógio e a escrever-te. Vou para junto de um grupo de poetas e escritores que sonha editar-se, procurando contacto com os seus leitores. Apesar de escravo das horas – cheguei do trabalho às 20 horas e amanhã preciso de me levantar às 7 para voltar à lida – não posso faltar.

O meu livro será talvez o primeiro que os prosadores darão ao público.

Depois te darei pormenores...

E por agora, além das saudades da Natália, os beijos para os rapazes e um cumprimento muito amigo para tua Mulher, duas perguntas:

– E o Zé?!...

– E o António?!...

Nada sei de ambos nem das companheiras. O último partiu para a praia, prometeu mandar o endereço e tal qual como o homónimo de Lisboa nem uma letra.

E agora para ti, um grande, um enorme abraço, do
sempre dedicado

Redol

O teu tio nunca vem a Lisboa de carro? Se lhe não desagradasse a minha companhia num retorno a Lamego¹⁸⁹, serei capaz de uma fuga – de me deixar levar num rapto.

É possível?!...



[Vila Franca de Xira, 18 de Novembro de 1955]¹⁹⁰

Meu caro Francisco

É envolvido por papelada com preços, facturas e letras que te dou notícias rápidas, mais para te garantir a boa amizade de sempre do que para te dizer alguma novidade grata.

«Tenho de escrever ao Teles...» pensava todos os dias. E hoje, amanhã... Talvez à espera de milagre de alguma Santa mais jovem das que conhecemos, e que toda virilidade me arrancasse daqui; ou de um bambúrrio qualquer; que um ou outro me permitissem dizer-te alegremente: – Dentro de dias aí estarei no Douro para te abraçar e aos rapazes, já liberto desta estúpida prisão onde me deixei meter e que não me oferece disposição nem tempo para voltar ao papel branco.

¹⁸⁹ Refere-se ao «tio António» (António Rodrigues Tavares, tio de Francisco Tavares Teles), negociante do Rio de Janeiro, que, como referimos, passava algumas temporadas na sua Quinta da Vista Alegre, em Lamego. Informação de António Tavares Teles.

¹⁹⁰ Papel de carta timbrado, de «António Alves Redol / Vila Franca de Xira».

Esse, ao menos, ganha com isso. Outros que o sujem melhor do que eu.

Mas a hipótese desejada não chegou; ainda se a vislumbra-se!...

E assim continuo, trabalhando em Vila Franca e dormindo em Lisboa, ao contrário de anos passados, como se uma fada embirrenta se desse ao entretém de me deixar esta pena de ver todos os dias os mesmos caminhos, as mesmas árvores e o mesmo céu, a mim que adoro o desconhecido e a variedade.

Por que me deixei prender assim?!...

Os Pais já velhos a precisarem da minha presença e um Filho afastado de mim a necessitar de dinheiro para se fazer um homem. E estas fraquezas humanas a determinarem a minha vida.

É claro que será justa uma interrogação: – mereceriam os livros hipotéticos que ainda pudesse fazer o sacrifício daqueles?

Custa-me responder, porque a resposta está na vida que levo.

Não há, portanto, nem livros nem hipóteses. Algumas ideias moribundas, alimentadas por artifício...

Um grande abraço ao António pelos seus primeiros passos nas Letras, deste velho camarada ainda não desiludido de que os escritores são precisos. E outro ao Manuel.

Recados a tua Mulher de mim e da Natália, que me fala muitas vezes da tua amizade.

E para ti, meu caro Chico, um abraço e a promessa de que tudo farei para voltar a ser, o
Alves Redol



[Vila Franca de Xira, 14 de Março de 1957]¹⁹¹

Meu caro Francisco

Custava-me escrever-te com a amargura a devorar as palavras que te dissesse. E andava com a esperança de te dar boas notícias, sabendo bem que a tua amizade exultaria com elas. Mas os meses passaram, concebi projectos, alcancei promessas e volto a sentir que por agora tudo está na mesma, nesta vida sem interesse que sou forçado a aceitar, talvez porque a mereço.

Dia a dia, dolorosamente, vejo sumir-se o escritor. E o facto transtorna-me, não porque me julgue talhado para deixar uma grande obra, mas por desejar que os amigos que em mim acreditaram não se arrependessem tanto da sua crença. Gostava de justificar alguns dos atributos que julgaram ver em mim. E nada mais.

A vida teceu à minha volta uma teia apertada que cada dia julgo mais densa – e digo assim para não supores que o desespero me atingiu de todo e nada mais posso fazer. Meti

¹⁹¹ Carta dactilografada. No verso do envelope: «Do: Alves Redol / Vila Franca de Xira».

por um caminho difícil e não me deixam voltar atrás. A selva onde entrei, fecha-se sobre os nossos passos e parar é impossível. Tive a insensata pretensão de lá meter o homem, deixando o escritor de fora, julgando possível que o primeiro, ao sair de lá, libertasse o segundo para sempre. E agora vejo os dois atolados no pântano.

Para não me sentir inteiramente frustrado, teimo há uns meses em escrever um novo romance, que tentaria ajudar-me a suportar este peso. Um livro modesto que me reanimasse. E nem isso surge. De rastos, cheio de ânsias de voo, mas sem asas, o pobre arrasta-se ante a voragem do tempo. E há três anos que escrevi *Olhos de Água*. Entretanto, só a *Sementinha*¹⁹² de que enviei dois exemplares para os teus filhos.

É pouco. É tanto como nada.

Percebes agora a razão do meu silêncio?

E todos os dias, acredita, falo contigo sobre estas coisas. Tu és dos amigos com quem mantenho um contacto permanente, daqueles que eu gostava de satisfazer, criando algo de mais vivo e de mais profundo.

Tu e os teus?

Escreve quando puderes e sempre.

Um grande abraço afectuoso, do

Redol



[Póvoa de Santa Iria, 20 de Julho de 1957]¹⁹³

Meu caro Chico,

Depois de escrever a carta para o teu rapaz¹⁹⁴, resolvi juntar esta outra para ti, pois sempre te quero dizer que regressei à literatura, disposto a enfrentar as horas más que ela oferece a quem não goza dos grandes favores do público. Não sei se para sempre, mas por algum tempo, ao menos, o que será uma desintoxicação destes anos terríveis que acabo de passar.

Deitei-me ao trabalho com tamanho ardor, que nem cartas tenho escrito. E algumas bem necessárias eram.

As duas que hoje escrevo são as primeiras, agora que pus fim na última página de um romance longo, cuja revisão vou começar¹⁹⁵. Estás agora no Pinhão? Escreve a dizê-lo, pois

¹⁹² *A Vida Mágica da Sementinha – Uma Breve História do Trigo*, livro infantil publicado em 1956.

¹⁹³ Carta dactilografada. No verso do envelope: «Do: Alves Redol / Rua Pedro Ivo n.º 11 – 3.º D.to / Lisboa».

¹⁹⁴ Sobre esta carta de Redol a António Tavares Teles, que frequentava então o Liceu de Vila Real e ensaiava os primeiros passos nas letras, veja-se o testemunho de TELES, António Tavares – *Hoje não vou jantar a casa do António*. In MARINHO, Maria José; REDOL, António Mota (org.) – *Alves Redol, Testemunhos dos seus Contemporâneos*. Lisboa: Caminho, 2001, p. 278-282.

¹⁹⁵ Trata-se do romance *A Barca dos Sete Lemes*, que seria publicado no início de 1958.

é possível que aí deite – finalmente, caramba! – para passar uns dias nessa minha terra do Douro.

Teremos muito que falar, certamente.

Um grande abraço, do velho amigo dedicado

Redol



[Bucelas, 6 de Agosto de 1957]¹⁹⁶

Meu bom Francisco,

Apresso-te a dar notícias, não só para agradecer a gentileza amiga de todos os TELES, mas para te informar de que aceito a sugestão para só deitar aí em Setembro. Aproveitarei as vindimas, se a data coincidir com as minhas possibilidades.

Abraça o António e o Manuel¹⁹⁷ e diz ao primeiro que a sua carta merece uma conversa longa entre nós. Desde já, porém, quero sublinhar que o meu pedido de uma crítica mais larga da sua parte, não se destinava a ouvir realçar as possíveis virtudes do meu livrinho, mas a pedir reparos, pois é com eles que o trabalho do escritor pode melhorar.

Só mais um pormenor: tratei o António menos intimamente, porque ele já é um homem e só deverei tratá-lo por tu se ele usar do mesmo tratamento para comigo. Não te parece?

Será assunto para resolvermos na minha ida.

Pede-lhe desculpa de não lhe escrever agora. Mas esta dirige-se a todos vós, embora endereçada ao patriarca – santo patriarca!

Abraços para todos e até breve.

Para ti, mais um, do

velho amigo

Alves Redol



[Lisboa, 3 de Setembro de 1957]

Meu caro Francisco

Muito à pressa venho dizer-te da minha impossibilidade de partir contigo para o Douro. Ainda não acabei o romance e devo entregá-lo este mês ao editor. Preciso de dinheiro e só posso recebê-lo contra a entrega do original.

¹⁹⁶ Carta dactilografada.

¹⁹⁷ António Tavares Teles e Manuel Tavares Teles, filhos de Francisco Tavares Teles, que teriam então 15 e 9 anos.

Se não houver contrariedades, irei para aí na segunda quinzena de Setembro.
Cumprimentos aos teus.
Um grande abraço, do
Redol



[Lisboa, 27 de Novembro de 1957]¹⁹⁸

Meu caro Francisco,

Tardio sempre nas notícias, encharcado de pasmaceira, abúlico, às vezes, aqui estou a falar-te agora dessa impressão que colhi há dois meses em contacto contigo e os teus.

Estão a encher-se-me os olhos de lágrimas.

Agora já passou. Vou ser breve, não sei porquê; mas acho que as coisas importantes devem dizer-se em poucas palavras. Senti no vosso convívio a impressão de maior encanto que até hoje uma família me deu. Poucos poderão dizer como tu, que criaste, sabendo chamar os outros a essa obra, um ambiente de amor, de carinho, de camaradagem; do clima que todos os homens deveriam ter à sua volta para poderem sentir-se orgulhosos da nossa condição. Mereces todos os favores da vida, porque soubeste construí-la. Desde a tua namorada – a tua mulher é um fenómeno! – aos teus dois rapazes, tão desiguais e tão de vocês os dois, à tua ternura vigilante por todos eles e ao encantamento deles por ti, tudo, mas tudo, me mostrou como deverá ser uma família, não só de hoje, porque vocês, os quatro, constituem a família dos homens de amanhã.

És um autêntico percursor. Podes erguer bem a tua cabeça para quem quer que seja.

Devia escrever ao António¹⁹⁹, mas acho que neste momento só te quero pedir para que lhe mostres esta carta, desataviada, sem recorte, mas que levei tempo a escrever, porque durante estes longos dias me pensei exaltado com o prazer que vocês todos me deram. Afinal, tudo está exactamente no mesmo sítio – cada um de vocês muito perto de mim, como aqueles a quem irei recorrer algumas vezes, quando sentir que não vale a pena viver.

Não devemos hoje falar de mim.

Muitos abraços para vocês todos, mais um beijo para o Manuel²⁰⁰,
do velho Amigo dedicado

Redol

¹⁹⁸ Carta dactilografada. No topo da carta, foi acrescentada, *a posteriori*, a data de 3 de Março de 1958, que coincide com a do carimbo do envelope que lhe está apenso. No entanto, pela análise do conteúdo da carta, facilmente se percebe que a mesma data de finais de 1957, dois meses depois de Redol ter estado em casa dos Tavares Teles, no Pinhão, na época das vindimas. O envelope desta carta deve ter sido trocado com o da carta seguinte, o que terá levado à troca das respectivas datas.

¹⁹⁹ António Tavares Teles, filho de Francisco Tavares Teles.

²⁰⁰ Manuel Tavares Teles, filho de Francisco Tavares Teles.

[Lisboa, 3 de Março de 1958]²⁰¹

Meu caro Chico,

Muita saúde para todos e a mesma compreensão para estes meus quase inexplicáveis silêncios, que pretendo justificar a mim próprio e ficam sem defesa quando começo a alinhar razões.

A saída do romance²⁰² com entrevistas pela rádio e nos jornais, assinatura de exemplares, uma palestra com debate num clube de cinema e conversa, muita conversa, gastaram-me os dias, levaram-me a adiamentos e põem-me perante ti e os teus nesta ingrata atitude de perceber que nada disso impedia de te escrever. Talvez, porém, me compreendam, se souberem que há quase dois meses que não vejo a minha mãe, aqui tão perto e tão desejosa da minha visita. A verdade é que estou cheio de saudades dela e nunca mais consigo, nem me resolvo, a cortar com todos estes fios que me tolhem e a meter-me num comboio ou camioneta para avançar até Vila Franca.

Estive em Janeiro (9 dias) e em Fevereiro, quase todo o mês, na Nazaré, para onde volto dentro de dois dias (escreve para a Pensão Central) a recolher material, ainda não sei bem para quê. Os blocos enchem-se, já ali me movo como em terra minha, mas estou longe de chegar a qualquer resultado. E porquê a Nazaré? Ficou-me uma ferida com essa fita falhada²⁰³, e mal falada, e, sentindo que em Lisboa os dias se gastavam sem proveito nem glória, resolvi em meia hora embrenhar-me naquele mundo, na ânsia de tirar uma desforra do combate perdido com o Cinema. E esta é uma grande razão. Quando me cheira a livro sou como os irmãos Arrenegas da *Barca* quando lhes cheirava a saias: vou atrás dele e só sossego quando o sinto conquistado.

Notei este facto estranho da nossa literatura: não temos realmente um romance da nossa gente do litoral com excepção da *Batalha sem fim* do Aquilino²⁰⁴, mas que é mais um romance dum sonho de libertação pela via dum tesouro de frades do que uma efabulação realista e significativa dos nossos pescadores do alto-mar, a quem o Branquinho escreveu um *Mar Santo*²⁰⁵, chamando-lhe romance, mas ninguém acreditou que o era. No meio de belos apontamentos, a acção perde-se na bizzarria de diálogos demasiado carregados de regionalismo, curiosos, sem dúvida, mas deslocados daquela forma de expressão literária. Daqui o meu interesse em voltar, além da tal ferida duma fita que foi uma fita bem portuguesa, ape-

²⁰¹ Carta dactilografada. No verso do envelope: «Do: Alves Redol / Pensão Central / Nazaré». No topo da carta, foi acrescentada, *a posteriori*, a data de 27 de Novembro de 1957, que coincide com a do carimbo do envelope que lhe está apenso. No entanto, pela análise do conteúdo da carta, facilmente se percebe que a mesma data de Março de 1958, após a edição do seu novo romance. Redol refere-se à sua estadia, em Janeiro e Fevereiro, na Nazaré. O envelope desta carta deve ter sido trocado com o da carta anterior, o que terá levado à troca das respectivas datas.

²⁰² *A Barca dos Sete Lemes*.

²⁰³ *Nazaré* (1952), do realizador Manuel Guimarães (1915-1975), com argumento de Alves Redol.

²⁰⁴ *A Batalha sem fim*, romance de Aquilino Ribeiro (1885-1963), publicado em 1932.

sar de certos momentos bem conseguidos pelo realizador, ou, para melhor dizer, de certos momentos que nem o realizador conseguiu anular, de tal maneira tudo aquilo é cinema.

A Nazaré parece ter sido até hoje só propícia ao Teatro: *Tá-Mar*, de Cortez²⁰⁶, *Mar*, de Torga²⁰⁷, e *A Promessa*, de Bernardo Santareno²⁰⁸, que é, sem dúvida, a mais bela de todas. Estou ansioso por vê-la no palco, só esperando que o Teatro Experimental do Porto a traga a Lisboa. Não gosto do final e quero saber se a razão me pertence com essa opinião. O teatro lido presta-se a equívocos, como sabes.

Pois vamos ver o que trago da Nazaré além de uns belos dias vividos com uma gente cheia de contrastes²⁰⁹.

Desisti por enquanto daquele projecto de que te falei para a região do Douro, uma vez que a Bertrand começou a publicar uns volumes (saiu o Minho) que vão um pouco, talvez só em título, na esteira do que pensava fazer. Foi uma coincidência dos demónios, pois a minha libertação da indústria baseava-se particularmente nessa iniciativa para que tinha editor e muita esperança²¹⁰. Fiquei um tanto transtornado com o facto. Os dinheiros estão curtos e as despesas andam largas. Acabo de receber um convite para ir ao Japão e arrependo-me com a certeza de que os meus cabedais mal me chegam para ir a Madrid.

Mas passemos adiante.

A crítica da tua parente do Brasil²¹¹ acerca da *Sementinha* é muito agradável para o autor. É um belo estímulo que não deixarei de guardar, embora me pareça difícil poder voltar a uma edição semelhante, pois aquilo custa os olhos da cara e as vendas têm sido até agora um tanto fracas. Não ganhei ainda para a décima parte do que lá gastei.

²⁰⁵ *Mar Santo*, novela de Branquinho da Fonseca (1905-1974), publicada em 1952.

²⁰⁶ *Tá-Mar*, peça teatral de Alfredo Cortez (1880-1946), publicada em 1936.

²⁰⁷ *Mar*, peça de teatro de Miguel Torga (1907-1995), publicada em 1941.

²⁰⁸ *A Promessa*, peça de teatro de Bernardo Santareno (1920-1980), publicada em 1957 e levada à cena, nesse mesmo ano, pelo Teatro Experimental do Porto. Cf. LISTOPAD, Jorge – *Artes do Espectáculo: Teatro*. In *Portugal 45-95 nas Artes, nas Letras e nas Ideias*. Lisboa: Centro Nacional de Cultura, 1998, p. 181.

²⁰⁹ Alves Redol publicaria, em 1959, *Uma Fenda na Muralha*, retratando o quotidiano dos pescadores da Nazaré.

²¹⁰ Redol refere-se à colecção *Antologia da Terra Portuguesa*, lançada pela Bertrand, de que tinham saído, em 1957, os volumes sobre o *Minho* e *Trás-os-Montes e Alto Douro*, organizados por Luís Forjaz Trigueiros (1915-2000) e Amândio César (1921-1987), respectivamente.

²¹¹ Tratava-se, segundo informações de Manuel Tavares Teles e António Tavares Teles, da sua prima Carmen Lúcia Resende de Oliveira (n. 1941), filha de Nice Resende e de Arnaldo Monteiro de Oliveira, primo direito de Francisco Tavares Teles e sócio da firma importadora de António Rodrigues Tavares, A. Tavares & C.^a, no Rio de Janeiro. Redol não se enganaria relativamente aos dotes literários da jovem, que viria a ganhar reconhecimento na recente literatura brasileira (Cf. COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de – *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Vol. 2. S. Paulo: Global Editora/Fundação Biblioteca Nacional/Academia Brasileira de Letras, 2001, p. 1181), com livros como *Flores raras e banalíssimas: a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop* (1995), *Trilhos e quintais* (1998) e *Diga Toda a Verdade – Em Modo Oblíquo* (2012). O seu livro *Flores raras e banalíssimas* inspirou o filme *Flores Raras*, do realizador brasileiro Bruno Barreto, apresentado em festivais de cinema e sessões especiais em diversos países, no primeiro semestre de 2013 (em Portugal, foi exibido em sessão especial, inserida na mostra «Première Brasil», no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém, em 7 de Junho de 2013, com a presença da Ministra da Cultura do Brasil, Informação disponível on-line: <<http://www.ccb.pt/sites/ccb/pt-PT/Programacao/Cinema/Pages/floresrarasjunho2013.aspx>>. Consulta realizada em 07.06.13).

A moça tem na verdade que se lhe diga! Sabe servir-se das palavras, dando-lhe um belo sabor. Sente-se que há nela um toque literário, bem capaz de a levar longe se ela quiser trabalhar, não ir pelo mais fácil, e se aprender logo de início que a vida do escritor é árdua, de fracas compensações materiais até agora, entre nós.

Manda-lhe os meus cumprimentos e o meu estímulo, se de alguma coisa lhe servir. As suas opiniões foram-me muito úteis, acredita. Ela soube na verdade indicar o que a história tem de melhor.

Já que estamos na parte de literatura juvenil, quero informar-te de que acabei de escrever uma adaptação para o disco dum conto popular *As Aventuras do Manuel Feijão*, de que em tempos publiquei uns capítulos na *Vértice*²¹². Lembra-te? Tenho a história completa para volume e agora trabalhei-a para aquele outro fim. Consegui interessar a casa Valentim de Carvalho para uma primeira experiência entre nós. Não ganho um centavo, é bem de ver. O actor Jacinto Ramos²¹³ vai interpretá-la e contamos que seja apresentada no Natal deste ano. Ficará uma realização de certo modo pobre, mas é uma tentativa.

Quanto à *Barca* não podem ser melhores as opiniões recolhidas até agora. Todas são concordes em considerar este livro como o meu romance mais conseguido. O Salema²¹⁴ ficou surpreendido e arrebatado; o Lopes Graça²¹⁵ exultou, ele que é tão comedido, e chamou-lhe obra-prima da nossa literatura; o José Gomes Ferreira, o Rodrigues Miguéis²¹⁶, o Carlos de Oliveira²¹⁷ referiram-se-lhe com sincera homenagem. Muitos leitores me têm

²¹² *Um excerto das aventuras de Manuel Feijão (adaptado de um conto popular)*. «Vértice», 99-101, Nov. 1951-Jan. 1952, p. 576-581.

²¹³ O actor Jacinto Ramos (1917-2004) tinha já participado no filme *Vidas sem Rumo* (1956), realizado por Manuel Guimarães, com diálogos de Alves Redol. Cf. AREAL, Leonor – *Cinema Português. Um País Imaginado*. Vol. 1: *Antes de 1974*. Lisboa: Edições 70, 2011, p. 305-309.

²¹⁴ Álvaro Salema (1914-1991), professor, ensaísta e crítico literário, participou activamente nas actividades da Oposição Democrática ao regime salazarista. Pertencia ao círculo de amigos de Redol, tendo publicado, entre muitas outras obras, *Alves Redol: a obra e o homem* (1980). Ver LEMOS, Mário Matos e – *Candidatos da Oposição à Assembleia Nacional do Estado Novo (1945-1973)*. *Um Dicionário*. Lisboa: Assembleia da República/ Texto Editores, 2009, p. 250.

²¹⁵ Fernando Lopes Graça (1906-1994), maestro, compositor e musicólogo, grande amigo de Alves Redol. Nos anos quarenta, participou nos passeios de barco no Tejo, organizados por Redol e Soeiro Pereira Gomes, reunindo intelectuais comunistas que, dessa forma, iludiam a vigilância da polícia política. Colaborou no *Romanceiro Geral do Povo Português*, organizado, prefaciado e anotado por Redol, com ilustrações de Maria Keil, publicado em 1964. Sobre Lopes Graça, veja-se: CARVALHO, Mário Vieira de – *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

²¹⁶ José Rodrigues Miguéis (1901-1980) pertenceu ao grupo da *Seara Nova*. Publicou, entre outras obras, de *Léah e outras histórias* (1958), *A escola do paraíso* (1960), *Gente da terceira classe* (1962). Desde meados dos anos trinta, exilou-se nos EUA, de onde regressava, esporadicamente, a Portugal, mantendo uma relação assídua com os intelectuais portugueses. Cf. MARI-NHO, Maria de Fátima – *José Rodrigues Miguéis*. In LOPES, Óscar; MARINHO, Maria de Fátima (dir.) – *História da Literatura Portuguesa*. Vol. 7. Lisboa: Alfa, 2002, p. 129-134.

²¹⁷ Carlos de Oliveira (1921-1981), poeta e romancista ligado ao movimento neo-realista, publicou, neste período, entre outras obras, *Casa na Duna* (romance, 1943), *Mãe Pobre* (poesia, 1945), *Pequenos Burgueses* (romance, 1948), *Uma Abelha na Chuva* (romance, 1953). Cf. SARAIVA, António José; LOPES, Óscar – *História da Literatura Portuguesa*. 11.ª ed. Porto: Porto Editora, 1979, p. 1087. Foi um dos amigos (com Manuel da Fonseca e Afonso Ribeiro) a quem Redol dedicou, em 1953, *Vindima de Sangue*.

procurado e escrito. O entusiasmo fervilha e sinto-me compensado de tanto sacrifício. Compensado e obrigado a trabalhar ainda mais, apurando, afinando e exigindo da ferramenta o que ela me puder conseguir em mãos tão toscas.

A Dona Marta²¹⁸ já te falou? Se ela fosse capaz de dizer bem o que sentiu (bem no sentido de ser sincera), gostaria de conhecer a sua opinião. É uma sensibilidade, cujas reacções perante o livro me seriam úteis saber.

A crítica é que nada disse ainda. Esperemos.

De ti agradeço-te, se te for possível, que me indiques qual a parte do livro que menos te interessou. Preciso de me orientar em certos aspectos e tu és um leitor atento que muito me pode ajudar. Vocês todos têm na literatura uma grande função. Exijam, não sejam pobres no pedir. E nós ou rebentamos ou estamos à altura do que é preciso. Não te parece?

Do Zé Arnaldo nada sei. Escrevi-lhe depois de aí ter estado e voltei a fazê-lo quando me informaste da morte do Pai. Ignoro o que se passa e estou alarmado com o seu silêncio. Voltarei hoje ainda, se me for possível, a escrever-lhe.

Junto uma carta para o teu António e mete uma cunha para que ele não leve a mal a minha falta de notícias. Mas já agora dou-te uma pálida ideia do meu dia de hoje: de manhã, mal acabe esta carta, contrato de uma edição popular de *Fanga* para as Três Abelhas²¹⁹; almoço com um cineasta que pretende a minha colaboração num filme de curta-metragem; à noite presidência de uma sessão organizada pela Sociedade dos Escritores, na qual terei de fazer a apresentação do conferente, o crítico de cinema Carlos Eurico da Costa²²⁰.

Por isso tenho de fugir de Lisboa sempre que me é possível.

O meu rapaz, diz isto ao António, está entusiasmado com a ideia de irem ambos para uma colónia de férias no estrangeiro. Dentro de pouco tempo tentarei saber quais os centros abertos este ano, de maneira a escolhermos o mais conveniente para eles. Achas bem?

Cumprimentos ao teu Irmão, mais família e Amigos. O Manuel que se prepare para me pintar um retrato do natural quando eu aí for. Ele que faça ver ao António quem tem unhas para as artes plásticas.

Os meus recados a tua Mulher e as saudações da Natália para todos.

²¹⁸ Marta Cristina de Araújo (1926-...), casada com o médico Luís Roseira, de Covas do Douro. Poetisa, autora de *Averbamento: poemas* [1951], participou, activamente, nas actividades de Oposição ao regime salazarista. Em 1969, apresentou, no II Congresso Republicano de Aveiro, a intervenção *Perspectivas Democráticas da Literatura Portuguesa*, em colaboração com Óscar Lopes e Egito Gonçalves.

²¹⁹ Trata-se da 4.ª edição do romance *Fanga*, publicada em 1958 na Coleção «Os Livros das Três Abelhas» das Publicações Europa-América.

²²⁰ Carlos Eurico da Costa (1928-1998), artista plástico, poeta, crítico de cinema, jornalista e publicitário, ligado ao surrealismo, publicou, entre outras obras, *Sete Poemas da Solenidade e um Requiem* (1952), *Aventuras da Razão* (1965) e *A Fulminada Imagem* (1968). MARINHO, Maria de Fátima – *O Surrealismo em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987; RODRIGUES, Ernesto – *Costa, Carlos Eurico da*. In COELHO, Jacinto do Prado (dir.) – *Dicionário de literatura portuguesa, brasileira, galega, africana, estilística literária. Actualização*. Vol. 1. Porto: Figueirinhas, 2002, p. 255.

E para ti um grande abraço, um abraço de quem não vos esquece, mesmo que fique silencioso como um penedo do Douro.

E mais outro, do velho Amigo de sempre,

Alves Redol



[Lisboa, 9 de Março de 1960]²²¹

Meu caro Francisco,

Muito e muito obrigado pelas tuas cartas que se esquecem do meu absurdo silêncio e me vão dando notícias de vocês todos, tanto as boas como as piores, o que é a vida?, afinal precisamos de chorar para sentirmos plenamente a alegria da tua última, tão humana e tão espontânea, que me comovi também.

Os teus rapazes não podem ser só o que tu gostarias que eles fossem. Mas são, com certeza, dois extraordinários homens em potencial, em que eu acredito plenamente [...]. Não creio – e desculpa a descrença – que tudo passe a girar como tu gostarias. Mas lentamente, os círculos irão decrescendo e vocês acabarão por se encararem gloriosamente, quando o António atingir a maturidade plena da sua bela inteligência, em que todos acreditamos.

Porfia no sofrimento; não há outro remédio para os pais. E também na austeridade, para que ele perceba até onde pode e deve ir. A rédea solta nesta sociedade em que vivemos oferece perigos para eles e também para nós. Sensíveis como as flores, não é justo que não percebamos que eles tenham de reflectir todo o caos deste mundo em que os pusemos. O que deveria ser, e só, uma caminhada luminosa é muitas vezes uma luta árdua entre nós, que os adoramos, e eles que nos amam também, mas não entendem as nossas limitações, e compromissos, e ansiedades. Entre eles e nós há vários séculos de distância. Nós iluminámo-nos muitas vezes com a candeia do azeite, arrepíamo-nos com os primeiros automóveis a cinquenta à hora, falávamos da lua em poesia. O mundo deles sabes bem qual é. Queríamos que estes séculos passados em pouco mais de trinta anos não deixassem um abismo tão fundo entre os espíritos. É justo. Mas somos nós, principalmente, que teremos de preencher o abismo. É mais uma dívida que a espécie humana ficará a dever a estes sacrificados estafetas, tão agrilhoados.

Mas tudo vale o futuro, como sabes. E eles é que são o futuro, embora nós lá estejamos também, tanto nas suas qualidades como nos seus defeitos.

A um pai de hoje só se pode desejar uma coisa: coragem!

Obrigado pelas boas palavras da tua carta.

²²¹ Carta dactilografada.

Espero que serei capaz mais uma vez de vencer a solicitação de parar. Pobre trolha, já não sou capaz de levantar paredes numa Brasília da literatura. Mas penso também que ainda posso remendar o meu casebre e que há gente com o gosto de lhe saborear o abrigo. Pois trabalhem para esses, apesar de ser moda mostrar que o mundo nada espera dos que pretendem servir o homem.

A primavera vai chegar e traz sempre muita coisa nova. Também confio que ela me empurre mais uma vez.

Quando vens a Lisboa?

Aparece para conversarmos em miúdos.

Voltando ao António, quero afirmar-te que nada nos ficou a dever. A família Marinho²²², por sua vez, também não se queixa. Foi em tudo de uma extrema correcção.

Só ainda não nos deu notícias.

Cumprimentos a tua mulher e aos amigos daí.

Abraços para o Tóino e para o Manél.

e um dos grandes, para ti, do

velho Amigo de sempre

Redol



[Lisboa, Outubro de 1960]²²³

Caro Amigo,

Aqui estou depois de quinze dias de arejo.

A vossa saúde?

Parabéns pela dispensa do António, de quem os drs. Marinho e Ferreira²²⁴ guardam a melhor das impressões. Não só pela sua inteligência como pela cultura demonstrada em conversas. Consideram-no um rapaz excepcional. E, como sabes, estão muito em contacto com gente de boas qualidades.

Um grande abraço por esta confirmação das suas autênticas virtudes.

Diz o que queres. Um dia destes devo escrever-te com mais pausa. Cumprimentos aos teus.

Do teu amigo grato

Redol

²²² Família de José Marinho.

²²³ Bilhete-postal. O carimbo dos correios de emissão é ilegível. A data «Outubro 1960» foi anotada posteriormente. No remete: «Alves Redol / Rua Pedro Ivo n.º 11 – 3.º D.to / Lisboa».

²²⁴ António Tavares Teles iniciara, em 1959, o seu curso de Direito, na Universidade de Lisboa, tendo chegado a viver em casa de Alves Redol, convivendo nessa altura com diversos amigos do escritor, entre os quais Alberto Ferreira e seu sogro, o filósofo José Marinho, também amigos de seu pai, Francisco Tavares Teles. Pouco depois, passaria para o curso Letras na Universidade de Coimbra.

[Lisboa, 7 de Abril de 1962]²²⁵

Meu caro Francisco,
Saúde e calma.

Como na próxima semana vens a Lisboa, aqui conversaremos à larga de muita coisa que temos para desabafar – e agora, infelizmente para ti, mais tu do que eu.

A consulta do Dr. Seabra Dinis²²⁶ está já marcada para as 15 horas, do próximo dia 13 (sexta-feira). Espero, portanto, que apareças pelo menos na 6.^a feira de manhã.

Escrevo agora mesmo para o Zé Arnaldo, enviando-lhe uma carta para a minha afilhada que está em Londres.

Recebi também correspondência do Roseira sobre um projecto dele sobre o Douro²²⁷, cuja resposta vai demorar, pois agora estou empregado e o tempo é quase nulo para tratar das muitas coisas que me aparecem.

Cumprimentos aos amigos todos e a tua mulher e cunhada, tanto meus como da Natália. Abraços para os rapazes

e um bem grande para ti, do

António



[Lisboa, 5 de Maio de 1962]

Meu caro Francisco,
As tuas melhoras.

Falei finalmente com o Seabra²²⁸ e parece-me conveniente conversarmos.

Mas parto hoje para Espanha e como estás impossibilitado de vir até aqui, ficará para depois do meu regresso, lá para o dia 15 deste mês.

A Natália envia-te aqui junto o relatório médico. O preço deste foi 1.000\$00 e o do Seabra, 3 consultas, 550\$00.

²²⁵ No verso do envelope: «Do: A. Redol / Rua Pedro Ivo n.º 11 – 3.º D.to / Lisboa».

²²⁶ Médico e amigo de Alves Redol. Através de Redol, Francisco Tavares Teles procurou o Dr. Seabra-Diniz para o ajudar a convencer o seu filho António Tavares Teles a desistir de uma tomar uma decisão de que ele, como pai, discordava e que estava a gerar um conflito entre ambos.

²²⁷ Após ter participado, com Mário de Azevedo Gomes, Henrique de Barros e outros, na elaboração da parte relacionada com a reforma da agricultura portuguesa para o *Programa de Democratização da República* (1960-1961), Luís Roseira (1924-...), médico no Pinhão, lançou a ideia de um programa de desenvolvimento integrado para a região do Douro, parcialmente divulgado em artigos de opinião nos jornais *Notícias do Douro* e *O Comércio do Porto*. Deve ter sido esse projecto que enviou a Alves Redol. Cf. ROSEIRA, Luís – *Uma Vida pelo Douro*. Porto: Asa, 1992, p. 26-33 e 134-135. Pouco depois, após a separação de Marta Cristina de Araújo, Luís Roseira iria viver para o Porto, onde trabalhou no Hospital de Santo António. Em 1973, seria um dos fundadores do Partido Socialista.

²²⁸ Cf. nota 141.

Entreguei ao António 100\$00 por uma vez e mais 250\$00 por outra. Tenho em meu poder, portanto, 650\$00, faltando pagar-se a pensão do Freixial²²⁹. Depois te direi.

Desculpa o atabalhoado e a insuficiência das notícias.

Cumprimentos a tua Mulher, à Marta e ao Roseira²³⁰.

Um grande abraço, do

teu amigo

António



[Lisboa, 17 de Julho de 1962]

Meu caro Chico,

As tuas melhoras e boa saúde para os teus.

Quase alegremente, tanto quanto o ambiente nos permite, vou eu envelhecendo e a Natália vigiando-me com nove anos de menos. Agradecido pelas tuas palavras quanto ao prémio, mas, como sabes, nunca esperei outra decisão. Falta-me, antes de mais, o mágico DR. deste país de doutores; já percebera esse facto há 2 anos e só a insistência do meu editor, e o seu pedido de amizade particular, me resolveu a permitir-lhe que enviasse os 6 exemplares da praxe.

Mas agora acabou-se, apesar do júri sofrer alterações no ano próximo. De resto nada teria para mandar. [...]

Escreve sempre. Cumprimenta a tua mulher e cunhada, de mim e da Natália. Abraços para os rapazes e teu irmão.

Um abraço fraternal, do

teu amigo de sempre

António



[Lisboa, 10 de Junho de 1963]

Meu caro Chico

Boa saúde para todos.

No dia seguinte de manhã falei com o advogado que imediatamente escreveu a carta que lhe pedi. Seguiu por avião. É natural que na próxima semana já tenhas notícias mais pormenorizadas do António.

²²⁹ Durante algum tempo, António Tavares Teles tinha ficado na pensão do Freixial, uma aldeia saloia, onde Alves Redol costumava recolher-se para escrever longe do bulício da cidade.

²³⁰ Marta Cristina de Araújo e Luís Roseira, de Covas do Douro. O casal separar-se-ia por essa altura, tendo Marta Cristina passado a viver no Porto com os seus filhos (João Luís, Pedro e José Alexandre). Alves Redol manteve, até ao fim da sua vida, uma grande amizade com Marta Cristina de Araújo, visitando-a nas suas vindas ao Porto.

Confio tanto como tu num simples caso de irreverência que os tempos perturbados não permitem tomar imediatamente na sua verdadeira medida.

Tem calma.

Cumprimentos aos amigos daí e à tua mulher.

Um grande abraço, do

teu velho

António

Junto as 3 crónicas.



[Lisboa, 5 de Setembro de 1963]

Meu caro Francisco,

Boa saúde para todos vós e melhores notícias do António²³¹.

Demorei a resposta, em virtude de estar sozinho na direcção da Agência²³² e não dispor de tempo. Informei-me com o advogado a quem pedi a carta para Lourenço Marques e de lá não lhe responderam, o que só se explica por deficiências do correio.

Julgo que deverias tu próprio dirigires-te ao director do jornal onde ele trabalhou, a fim de saberes o que se passa com ele²³³.

Quanto ao caso da mulher, parece que fica assim arrumado um problema tão grave para vocês.

²³¹ António Tavares Teles, filho de Francisco Tavares Teles.

²³² Agência de publicidade xito, fundada no final dos anos cinquenta por Fernando de Almeida, que confiou a Redol as funções de director artístico. Aí trabalhavam, entre outros, Alberto Ferreira (que se tornou também sócio da xito, em Janeiro de 1962, e que terá sido o responsável pela contratação de Alves Redol), Augusto da Costa Dias e Alexandre Cabral. Colaboraram, também, com a Agência xito outros escritores e jornalistas, como Ary dos Santos, José Saramago, Alexandre O'Neil, Luís de Sttau Monteiro, Baptista Bastos e Cardoso Pires. Cf. VILELA, Joana Stichini – *Lisboa, Anos 60: a vida em Lisboa nunca mais foi a mesma*. Lisboa: Dom Quixote, 2012, p. 128. No final desse ano de 1963, Redol, tal como dezenas de intelectuais comunistas de Lisboa, foi preso pela PIDE, por delação de Rolando Verdial, que havia sido responsável pela direcção do Sector Intelectual do Partido Comunista. Entre os amigos mais próximos de Redol, foram presos Alexandre Cabral, Alberto Ferreira e José Cardoso Pires. Cf. PIMENTEL, Irene Flunser – *A História da PIDE*. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas & Debates, 2007, p. 173-176. Redol esteve preso entre 30 de Outubro e 13 de Novembro, tendo ficado bastante abalado. Cf. REDOL, António Mota – *A história do ceifeiro rebelde. Uma biografia de Alves Redol*. In SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assírio & Alvim, 2011, p. 302.

²³³ Em 1963, António Tavares Teles estava em Lourenço Marques, para onde tinha ido no ano anterior. Trabalhava então para o jornal *Tribuna*, tendo sido preso pela PIDE, por suspeitas de actividades subversivas. Alves Redol entrou em contacto com o advogado António Almeida Santos, para garantir a defesa e a libertação de António Tavares Teles, que viria a ser solto cerca de um mês e meio mais tarde. Informação de António Tavares Teles.

Desculpa a brevidade destas linhas.
 Cumprimentos a todos.
 Um grande abraço, do
 teu velho amigo
António



[Lisboa, 14 de Outubro de 1963]

Meu caro Chico,

Desculpa a minha demora em te responder, mas tenho vivido nos últimos meses sob o domínio de um grave problema que me atormenta os dias e as noites, fazendo de mim um homem dividido e perturbado. São talvez os cinquenta anos; são, certamente, as acumulações de muitos desejos recalcados que, de repente, me pedem contas e me exigem liberdade.

Que fazer?!...

Decorreram sete meses e ainda me interrogo...²³⁴

Daqui, uma incapacidade de cumprir deveres para com amigos e familiares.

Junto as cartas que me confiaste e julgo que o teu cartão significa uma grande lucidez da tua parte, perante um drama tão complexo. Adivinho, e sinto até, toda a tortura da tua situação, bem mais terrível do que a minha; não me inibo de admitir que o meu problema me faça sorrir daqui por mais algum tempo.

O teu é mais fundo, sem dúvida.

Preocupam-me muito também as notícias acerca do Zé²³⁵.

Cumprimentos a tua Mulher e aos teus.

Um grade abraço, do
 teu dedicado

António

²³⁴ Redol refere-se, provavelmente, aos problemas resultantes do seu envolvimento amoroso com Maria Orquídea Matos Graça, secretária da Agência xito, enquanto continuava a viver com Natália Cruz, sua companheira desde 1949. Natália não suportou mais esta infidelidade e acabaram por separar-se, algum tempo depois, o que deixou Redol bastante afectado. Cf. VIEIRA, António Guerra – *Testemunho*. In MARINHO, Maria José; REDOL, António Mota (org.) – *Alves Redol, Testemunhos dos seus Contemporâneos*. Lisboa: Caminho, 2001, p. 425; cf., também, REDOL, António Mota – *A história do ceifeiro rebelde. Uma biografia de Alves Redol*. In SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assírio & Alvim, 2011, p. 303.

²³⁵ José Arnaldo Monteiro, da Régua, um dos grandes amigos de Redol no Douro, que, nesta altura, estava já bastante doente, acabando por falecer no ano seguinte.

[Lisboa, 16 de Julho de 1964]²³⁶

Meu caro Francisco,

Cada vez mais absorvido com este horrível trabalho em que me meti, não consegui comunicar-te que acabei por não enviar ao António²³⁷ o dinheiro pedido por ele.

Por essa razão aqui vai o vale de correio ontem recebido. Desculpa.

Vou entrar de férias, mas não arranjo disposição para deitar tão longe. Recebi ontem um exemplar da tradução americana de *A Barca*²³⁸: tem categoria gráfica. Veremos o que lhe acontece.

Obrigado pelas tuas notícias. Daqui nada a assinalar.

Cumprimentos aos amigos, saudades para os teus.

Um grande abraço, do

amigo dedicado

António



[Lisboa, 31 de Maio de 1965]²³⁹

Caro Francisco,

Saúde!

Conforme teu pedido, aqui vai a declaração do Doutor Seabra Dinis.

Serve inteiramente, ao que julgo, para o fim em vista.

A minha saúde cá vai aos tombos, mais por razões psicológicas do que por outras.

O trabalho de escritor quase nulo. Veremos no que acaba.

Cumprimentos aos teus.

Um grande abraço, do

teu velho Amigo dedicado

António

²³⁶ No verso do envelope: «Do: Alves Redol / Alameda Afonso Henriques n.º 3 – 4.º D.to / Lisboa».

²³⁷ António Tavares Teles, filho de Francisco Tavares Teles, tinha ido «a salto» para Paris, passando depois para Bruxelas, onde estudou Ciências Políticas na Universidade Livre de Bruxelas, ao mesmo tempo que trabalhava num bar na célebre Petite Rue des Bouchers. Informação de António Tavares Teles

²³⁸ O romance *A Barca dos Sete Lemes* foi publicado em edição americana no início de 1964, com o título *The Man with Seven Names*, pelo editor Alfred A. Knopf, de Nova Iorque (tradução de Linton Lomas Barrett).

²³⁹ No verso do envelope: «Do: Alves Redol / Alameda Afonso Henriques n.º 3 – 4.º D.to / Lisboa».

[Lisboa, 12 de Abril de 1966]²⁴⁰

Querido Amigo,

A tua lembrança de bodas de prata merecia carta pronta, não para cumprir uma regra, mas para me aconchegar um pouco ao calor da vossa amizade. A minha vida, porém, flutua um tanto ao sabor de correntes contraditórias, a que me entrego, não vá fatigar-me em demasia na luta de as dominar mais ao gosto dos meus pendores, acabando exausto e incapaz de me aproximar da minha meta.

Acabei novo romance *O Muro Branco*, cuja saída se prepara para o fim deste mês, revejo agora a *Forja*, representada, finalmente, em Moçambique, que reeditarei ainda este ano com prefácio. Vou iniciá-lo nestes dias de Páscoa, mantendo assim o que projecto quanto aos meus livros mais antigos. Cada um destes prólogos será capítulo de um volume que nomearei *Romance Incompleto*, e através do qual contarei bastante da vida de cada livro e também da minha, talvez porque esta fica reflectida no meu trabalho de escritor mais profundamente do que numa autobiografia conduzida pelos fios do tempo.

Como vês, continuo a alimentar-me de projectos, embora a exaustão me visite com frequência pelo trabalho esgotante da publicidade. Mas há o curso do António²⁴¹, os deveres para com os meus Pais²⁴² e a embrulhada de Vila Franca que ainda prossegue e me vem aleijando por longos anos. Recentemente recebi boas notícias quanto aos terrenos; espero vendê-los para pagar aos Bancos e arrumar a triste aventura da minha batalha contra um dos ramos da SOFINA. Mas ainda tenho para pêras...²⁴³ [...]

Precisamos de nos ver, meu caro Chico. Faz-nos falta conversar sem pressas. Quando será possível?!... Temos de planificar esse reencontro, mesmo com o terrível vazio da ausência do Zé Arnaldo²⁴⁴. A vida sem ele fica diminuída, na verdade.

Pensemos na tua neta. Beija-a por mim e dá recados aos amigos que por aí deixei. Cumprimentos a tua Mulher e cunhada. Abraça o Manuel²⁴⁵, enquanto o não puder fazer ao vivo.

²⁴⁰ Carta dactilografada.

²⁴¹ António Mota Redol, filho de Alves Redol, frequentava então o curso de Engenharia Química, no Instituto Superior Técnico.

²⁴² António Redol da Cruz (1887-1986) e Inocência da Purificação Alves (?-1969).

²⁴³ Redol refere-se, certamente, aos problemas relacionados com a liquidação e venda dos activos da sociedade familiar Redol & C.ª, em que se envolvera, entre finais dos anos quarenta inícios da década de sessenta. Desde 1958, a empresa Redol & C.ª, que, entretanto, tinha expandido muito a sua produção, montando uma nova fábrica de materiais de construção e postes de betão em Alverca, começou a enfrentar a concorrência agressiva da poderosa Cavan, com capitais belgas (com ligações à Sofina – Société Financière de Transports et d'Entreprises Industrielles). Em 1958, Redol ainda tentou salvar a empresa familiar com a entrada de novos sócios (família de Vasco Gonçalves), mas a situação degradou-se, de forma irrecuperável, conduzindo à falência pouco depois. Cf. REDOL, António Mota – *A história do ceifeiro rebelde. Uma biografia de Alves Redol*. In SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assírio & Alvim, 2011, p. 293 e 295.

²⁴⁴ José Arnaldo Monteiro falecera em 1964.

²⁴⁵ Manuel Tavares Teles, filho de Francisco Tavares Teles.

Um grande abraço para ti, do
velho e fiel companheiro
António



[Lisboa, 19 de Julho de 1966]²⁴⁶

Caro Francisco,

A tua carta andou a deambular pela Alameda, pois endereçaste-a ao n.º 4 quando a Agência²⁴⁷ continua no 3. Só na 3.ª feira, dia 12, me chegou às mãos. [...]

Nada mais te sei adiantar.

Na minha ida ao Norte tudo correu bem.

Lamentei não poderes aparecer, porque sempre se arranjariam duas ou três horas para conversarmos. No regresso não consegui um bocado para te escrever, pois o trabalho assoberba-me e à noite regresso fatigado, sem gana para ler, sequer. Ainda não dediquei também um pedaço à Albertina, que sei perturbada pelo facto de não ir para a casa dela. Foi sempre pessoa complicada, como não ignoras, e agora, naturalmente, o seu estado agravou-se com o desaparecimento do Zé Arnaldo.

Sobre o meu último romance²⁴⁸, espero que possas relê-lo para conversarmos depois. A mim agrada-me sobremaneira. Acho-o diferente dos outros, embora o Ribatejo já tão abusado por mim, lá reapareça. E o seu interesse testemunhal, como chamas, e bem, está definido por novos caminhos. A desmontagem do nosso meio e do nosso tempo – o meu principal objectivo literário – tem neste romance uma das operações mais conseguidas, segundo penso. Nesta cidade de psicopatas, Zé Miguel é um tipo que sempre me interessou²⁴⁹. O que não quer dizer que eu não tenha falhado em torná-lo realidade para os leitores.

Veremos o próximo livro.

Como sabes não vivo do passado. Por enquanto... Deito-o fora todos os dias pela janela do escritório, embora não possa, infelizmente, sacudir a mão que a impede de dar alguns dos aspectos mais cruéis e actuais do nosso quotidiano tão dramático e mesquinho. Que fazer?!...

Até breve.

Beijos à tua neta. Cumprimentos aos teus.

Um grande abraço, do
teu velho Amigo
António

²⁴⁶ No verso do envelope: «Da: Alameda Afonso Henriques n.º 3 – 4.º D.to / Lisboa».

²⁴⁷ Agência xito.

²⁴⁸ *O Muro Branco*, publicado em 1966.

²⁴⁹ Zé Miguel ou Miguel Rico, personagem central do romance *O Muro Branco*, retrata o personagem ganancioso, que, partindo de uma situação social inferior, não olha a meios para enriquecer.

[Lisboa, 16 de Setembro de 1967]²⁵⁰

Caro Francisco,

Agora que já deves ter regressado, dou-te notícias mais concretas do que tanto te impressionou.

O Alberto Ferreira²⁵¹ foi vítima da sua competência e das suas invulgares qualidades de trabalho e de inteligência. E, caindo num pego de incompetência e sornice, tornou-se incómodo. Daqui o seu despedimento. Saiu, porém, com a garantia de ordenado inteiro até ao fim do ano, havendo agora quem trabalhe para que mais larga justiça lhe seja prestada: hipótese de remuneração por mais tempo. Não há, portanto, um drama desesperado, mas um natural desespero por se ver violentamente afastado de um lugar que lhe cabia por mérito absoluto, depois de o terem andado a tentar durante largos meses para que saísse do xito, onde as coisas não corriam bem, mas onde seriam incapazes de lhe fazerem esta vilania quase absurda.

O nosso amigo, porém, está a trabalhar em dois livros com o maior empenho. Logo que os termine, não terá dificuldades em encontrar uma função de acordo com as suas possibilidades, embora talvez não seja o que o seu mérito merece: o Alberto estaria bem numa Universidade onde o deixassem ensinar o muito que sabe²⁵². De qualquer modo é homem digno e válido; à altura, portanto, de resolver um problema desta ordem.

Precisa antes de tudo de se acalmar, pois ainda há uma semana teve outro desastre em que a Maria José²⁵³ sofreu alguns ferimentos no rosto. Já regressou a casa depois de sujeita

²⁵⁰ Carta dactilografada.

²⁵¹ Alberto Ferreira (1920-2000) tinha trabalhado com Alves Redol na Agência xito. Segundo Alexandre Cabral que também aí trabalhou, Redol teria sido levado para a publicidade por Alberto Ferreira. Cf. CABRAL, Alexandre – *Lembrar de novo (e sempre!) Alves Redol*. In MARINHO, Maria José; REDOL, António Mota (org.) – *Alves Redol, Testemunhos dos seus Contemporâneos*. Lisboa: Caminho, 2001, p. 37. Alberto Ferreira tinha saído da xito para ir trabalhar para a Latina, uma das maiores empresas de publicidade da época, ligada ao grupo Borges & Irmão. Informação de António Mota Redol. Cf., sobre a empresa Latina, ESTRELA, Rui – *A Publicidade no Estado Novo*. Vol. 2 (1960-1973). Lisboa: Simplesmente Comunicando, 2005, p. 111. Personalidade polifacetada, Alberto Ferreira começou por ser técnico agrícola, licenciando-se, mais tarde, em Histórico-Filosóficas. Foi romancista, filósofo e ensaísta, tendo publicado, entre outras obras, *Diário de Édipo* (1965), *Bom Senso e Bom Gosto: a questão coimbrã* (4 vol., 1966-70, em colaboração com Maria José Marinho) e *Perspectiva do Romantismo Português* (1971). Foi também colaborador das revistas *Vértice* e *Seara Nova*. Participou em diversas iniciativas da Oposição ao regime salazarista, como o Programa para a Democratização da República (1960-1961). Em 1963, foi preso pela polícia política, juntamente com outros escritores afectos ao Partido Comunista, nomeadamente Alves Redol, Alexandre Cabral e Urbano Tavares Rodrigues. Só depois do 25 de Abril de 1974, Alberto Ferreira viria a ser integrado na carreira docente, primeiro no ensino secundário, e, a partir de 1977, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde leccionou Cultura Portuguesa. MARINHO, Maria José; VASCONCELOS, Manuela (org.) – *Alberto Ferreira, 1920-2000: escrita e intervenção*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2010.

²⁵² Só depois do 25 de Abril de 1974, Alberto Ferreira viria a ser integrado na carreira docente, primeiro no ensino secundário, e, a partir de 1977, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde leccionou Cultura Portuguesa.

²⁵³ Maria José Marinho (1928-...), filha do filósofo José Marinho e mulher de Alberto Ferreira, com quem colaborou em alguns dos seus livros, tem uma vasta obra de investigadora, documentalista e tradutora. Trabalhou na Biblioteca Nacional. Entre as suas muitas obras, refira-se o roteiro (em colaboração com Manuela Vasconcelos) da mostra bibliográfica *Alberto Ferreira, 1920-2000: Escrita e Intervenção*, publicado pela Biblioteca Nacional, em 2010. Colaborou, também, com António Mota Redol na organização da obra colectiva *Alves Redol, Testemunhos dos seus Contemporâneos*, publicada em 2001.

a operação de cirurgia plástica. Brevemente estarei com eles e te darei notícias mais recentes. O teu cuidado impressionou-o. Obrigado em seu nome.

A tua viagem? Espero que tenha corrido bem e estejas mais sossegado quanto aos problemas do António.

Cumprimentos a tua Mulher e Manel²⁵⁴.

Um grande abraço, do
teu velho Amigo grato

António

Pelo correio de hoje devolvo-te *O Duelo*²⁵⁵. O Santareno²⁵⁶ tem razão: não há problema com o *Barranco*²⁵⁷.



[Lisboa, 30 de Abril de 1968]²⁵⁸

Querido Amigo,

Todos os dias ponho a cabeça debaixo de um comboio que me estilhaça o cérebro e me invalida para monologar com o papel branco, mesmo que seja a dar notícias de mim a um bom e velho Amigo como tu. A publicidade é uma brutalidade. Para todos. Para quem a faz e para quem a recebe a todos os níveis da comunicação. Violenta-nos onde quer que estejamos. E aqui estou eu, consciente do papel que me cabe na máquina de vender as coisas necessárias ou fúteis, a triturar-me dia a dia para conseguir sobreviver sem outras humilhações que colidam mais fundo ainda com a minha personalidade.

A civilização mercantil compra e vende tudo. Como escapar ao cerco, se só nos fica trabalho para vender? Vendê-lo o mais dignamente possível, ou o mais caro que eles se obriquem a pagar. Até ver... Digo até ver, uma vez que o António já acabou o seu curso universitário²⁵⁹ e os meus Pais caminham para o fim. Claro que um verdadeiro escritor não deve escravizar-se a estes penduricalhos afectivos, se aceita viver para todos e não para certos que se lhe cruzam no sangue limitado da família. Talvez eu não seja um desses escritores. Aceito.

A verdade é que estou metido na engrenagem, tendo a lucidez de o perceber e a honradez de o confessar. Antes isso, penso eu, do que fingir não compreender o papel e querer justificá-lo com deambulações de carácter abstracto, só para enganar os bem-intencionados.

Desculpa o desabafo. Mas aqui tens a causa actual do meu silêncio.

²⁵⁴ Manuel Tavares Teles.

²⁵⁵ Trata-se, certamente, do livro *O Duelo*, peça de teatro de Bernardo Santareno, publicado em 1961.

²⁵⁶ Bernardo Santareno.

²⁵⁷ *Barranco de Cegos*, romance de Alves Redol, publicado em 1961.

²⁵⁸ Carta dactilografada.

²⁵⁹ António Mota Redol tinha concluído o curso de Engenharia Química no Instituto Superior Técnico.

As notícias que me dás deixaram-me satisfeito. O caso com o teu irmão arrastava-se e parecia sem remédio. Só havia que tomar um caminho capaz de oferecer a ambos uma paz relativa, mesmo com prejuízos materiais para o mais débil economicamente, regra ignóbil da tal civilização, ainda que se trate de irmãos, coisa de pouca monta, ao que consta, quando o dinheiro aparece entre eles. Julgo bem o que passaste até ao desenlace e também o que te custará a separação de um trabalho de tantos anos. Somos animais de hábitos, não há dúvida, e mesmo os ruins nos deixam um grande vazio durante largo tempo. É outro mal dos que nascem pobres e ganham o vício da ocupação. Penso que sonharás muitas noites com o sítio, as pessoas, os aborrecimentos... A arreata não se solta com facilidade. De qualquer modo pudeste encontrar o estabelecimento de modas onde a tua actividade será muito útil e certamente compensadora. Agricultura? Não sei, Chico. Acho que te deves meter em coisa que conheças bem ou numa de rendimento sem risco, embora de aparência menos compensadora.

Quanto aos rapazes ainda bem. Eles merecem grandes e belas coisas, principalmente por Vocês que tudo jogaram para que o melhor acontecesse em seu proveito. O António²⁶⁰ se calhar irá longe; ganhou uma experiência dura que tanto o poderia destruir como realizar. A maioridade em certas pessoas chega muito tarde, mas torna-se altamente dinâmica quando tal acontece em homens inteligentes como ele. O seu maior inimigo é a facilidade. Ele terá de aprender que só perdura e vale a pena, portanto, o que exige fogo e esforço, e mais sacrifícios, e mais.

Uma queima de fogo-de-artifício enche os olhos, deslumbra, mas não passa de artifício.

Tudo o mais que respeita aos rapazes, a vida tomará muito do que eles souberem querer. A vida também é dócil quando encontra homens pela frente. O meu rapaz começou agora a experimentar o que lhe disse algumas vezes: tudo se passará bem, enquanto for eu a pagar e tu a estudares; como sabemos cumprir o que nos incumbe, a expedição chegará ao fim. Depois começarás a entender o que eu aprendi desgarrado, aos 16 anos, entre ciladas e lobos.

E depressa o soube. Porque convidado pelo lente a ficar no I.S.T. como assistente de Química Orgânica, cujas cadeiras fizera com média de 19, viu-se vetado pelo Director sob um pretexto irrisório. Não deseja especializar-se desde já, uma vez que atrasaria o problema militar e pretende resolvê-lo. Acha que deve ficar. É um assunto que lhe respeita. Convidaram-no agora para a Junta de Energia Nuclear e parece começar por aí a sua carreira. O Director já o chamou; falta a assinatura do Ministro.

O Alberto²⁶¹ montou uma agência e lá vai singrando. Não lhe faltam todas as capacidades para atingir um ponto alto nessa actividade. E eu continuo como te disse no começo

²⁶⁰ António Tavares Teles, filho de Francisco Tavares Teles, escrevera ao pai a comunicar-lhe que tencionava deixar Bruxelas para ir para o Brasil, pois queria dedicar-se ao jornalismo. Informação de António Tavares Teles.

²⁶¹ Alberto Ferreira fundara a Agência Espiral, onde passou a trabalhar também Alexandre Cabral e outros ex-colaboradores da xito. Por ocasião do lançamento do «Grande Prémio de Publicidade», pelo *Diário de Lisboa*, o jornal realizou um conjunto

desta carta. Com vontade de alijar a carga. Tenhamos calma. Quanto ao *Diário de Lisboa* o boato é feio. Nunca o jornal atingiu a qualidade que hoje apresenta ao vivo. Essa hipótese das acções fora resolvida antes do Norberto e o Mário Neves saírem; resolvida em bem, entenda-se, pois o filho do Joaquim Manso²⁶² não as vendeu ao Ultramarino. Como deves supor, não sou contra a *Capital*. Trabalham nela velhos amigos e a sua orientação não mostra grandes brechas. Agora o boato é imperdoável! Talvez por me repugnar o método, colaborei na última 5.^a feira na página literária do *D.L.*²⁶³ Comigo estiveram o Mário Sacramento²⁶⁴, o Augusto Abelaira²⁶⁵, o Urbano²⁶⁶, o Gaspar Simões²⁶⁷, o Cardoso Pires²⁶⁸ e outros²⁶⁹. Para jornal de direita não está mal...

Recados meus para as Senhoras e saudades para o Tóino e o Manel²⁷⁰.

Um abraço bem rijo, do

Redol

Cumprimentos da Orquídea²⁷¹.

de entrevistas a responsáveis de agências do sector. No caso da Agência Espiral, as entrevistas foram substituídas por uma mesa-redonda, em que participaram Alberto Ferreira, Alexandre Cabral, Neves Pedro e Fernando Gonçalves. Cf. *Grande Prémio de Publicidade. A oportunidade de trazer um problema à praça pública – mesa redonda na Agência Espiral*. «Diário de Lisboa», ano 47, n.º 16.228, 22.02.1968, p. 1-2.

²⁶² Norberto Lopes (1900-1989) e Mário Neves (1912-1999) foram, respectivamente, director e director-adjunto do jornal *Diário de Lisboa* até 10 de Novembro de 1967, passando, depois, esse diário a ser dirigido por António Ruella Ramos. A saída de Norberto Lopes e Mário Neves da direcção do jornal terá sido provocada pela alteração do capital accionista da Renascença Gráfica, empresa proprietária do jornal, com a venda das acções (um terço do capital) pertencentes ao filho de Joaquim Manso (fundador do *Diário de Lisboa*, em 1921), o engenheiro agrónomo Pedro Manso Lefèvre, ao Banco Nacional Ultramarino. Pouco depois, Norberto Lopes, Mário Neves e outros jornalistas fundaram uma sociedade gráfica que relançou o vespertino *A Capital*, que começou a publicar-se em 21 de Fevereiro de 1968. Cf. LEMOS, Mário Matos e – *Jornais Diários Portugueses do Século XX: um Dicionário*. Coimbra: Ariadne Editora/CEIS20, 2006, p. 160-161 e 256-258.

²⁶³ Alves Redol publicou, em colaboração com a pintora Leonor Praça (1936-1971), o artigo *Velhas palavras por novos caminhos*. Cf. *Diário de Lisboa – Suplemento Literário*, ano 48, n.º 16.290, 25.04.1968. Leonor Praça (1936-1971) foi a ilustradora de dois contos de Redol – *A Flor vai ver o Mar* e *A Flor vai pescar num Bote* –, publicados nesse ano.

²⁶⁴ Mário Sacramento (1920-1969) colaborou com o artigo *E não haverá luar*.

²⁶⁵ Augusto Abelaira (1926-2003) colaborou publicou aí o artigo *Os olhos de Maria Eduarda*.

²⁶⁶ Urbano Tavares Rodrigues publicou nesse número *Rimbaud e as «Illuminations»*.

²⁶⁷ João Gaspar Simões publicou *Trancoso na moderna ficção*.

²⁶⁸ José Cardoso Pires não colaborou nesse número. Aparece apenas uma referência à colecção «A marca do tempo», dirigida pelo escritor e publicada pela Moraes Editores. Redol referia-se, certamente, à colaboração de Cardoso Pires, na edição anterior do *Suplemento Literário do Diário de Lisboa* (de 18.04.1968), com o artigo *À Margem de um Romance Pop*.

²⁶⁹ Nesse número, colaboraram também Eduardo Prado Coelho (*O Estruturalismo: em conclusão...*) e José Augusto-França (*Viana e o seu catálogo: folhetim artístico*).

²⁷⁰ António Tavares Teles e Manuel Tavares Teles, filhos de Francisco Tavares Teles.

²⁷¹ Maria Orquídea Matos Graça foi a companheira de Alves Redol nos seus últimos anos de vida. Cf. FERREIRA, Manuel – *Um perigo público das letras públicas*. In MARINHO, Maria José; REDOL, António Mota (org.) – *Alves Redol, Testemunhos dos seus Contemporâneos*. Lisboa: Caminho, 2001, p. 91.

[Lisboa, 8 de Janeiro de 1969]²⁷²

Caro Francisco,

Muito trabalho e alguma doença (não ando bem) aliados a preocupações com o meu António, no que respeita a saúde, ao emprego e à militância²⁷³, puseram-me distante desta resposta, embora mais perto de vocês pelos problemas que teimam em desassossegar-los quando tanta paz já merecem.

Mas os cadilhos não nos deixam, para que com eles paguemos a grande ventura de darmos homens para o mundo. Sem arrependimento.

Os problemas do Manel²⁷⁴ inserem-se na sua vida interior, bem intensa, porque mais silenciosa e profunda. Aí o tens, talvez diferente do que sempre desejaste. E nós que sonhámos e lutámos na esperança de que o caminho para eles seria menos duro do que o nosso vemo-los aturdidos e inquietos ante o mundo que os cerca. Para muitos ainda somos os culpados. Que remédio, querido Amigo!

Ainda bem que nos culpam. Eles vão perceber, daqui por poucos anos, quão inocentes estamos neste feixe de encruzilhadas em que todos nos encontramos perplexos e interrogados.

Não podemos furtar-nos a este quinhão, nós que tivemos o nosso e no-lo obrigaram a comer até às fezes. Mas ainda nos cumpre, como seus camaradas odiados e amados, ajudá-los a tragar o que lhes cabe agora também. Não nos fica outra alternativa – nem outra queríamos, por certo, se pudéssemos escolher.

As notícias do teu António²⁷⁵ parecem promissoras. Nele nunca se saberá, mesmo em velho, qual a personagem que vai encarnar. O teatro devora-o.

Quanto ao Manel tu já resolveste. Deves ampará-lo, sem drama visível, porque a sua sensibilidade não aceitaria fazer-te infeliz. Vai-lhe adiantando uma parte do que adiante lhe irias deixar. Isso participará na sua cura. É ainda um menino melindroso e bom. Não o assustes. E não te zangues com a vida, porque ela te deu boas coisas que tu fizeste com a tua companheira.

Já te babas com uma neta, depois mais outra e outro virão para te dizer que não tens conta a apresentar. É o que nos cabe. Nunca gostámos de ripanço...

²⁷² No verso do envelope: «De: A. Redol / Alameda Afonso Henriques n.º 3 – 4.º D.to / Lisboa».

²⁷³ António Mota Redol tinha uma saúde frágil e teria tido problemas no emprego, por pressão da PIDE. Além disso, no Verão anterior tinha iniciado o serviço militar em Mafra. Informação de António Mota Redol.

²⁷⁴ Manuel Tavares Teles, que vivia então no Porto, onde começou por cursar Pintura, anunciara ao pai que iria casar-se, pedindo-lhe, também, para mudar para o curso de Engenharia. Carta de Francisco Tavares Teles para Alves Redol, 1 de Dezembro de 1968.

²⁷⁵ António Tavares Teles chegara ao Rio de Janeiro no início de Dezembro de 1968. Alguns dias depois, conseguiu um contrato para trabalhar na revista *Manchete*. Ficaria no Brasil até 1970, altura em que o crescente endurecimento da ditadura brasileira e o risco de ser preso o fizeram regressar a Bruxelas. Só regressaria a Portugal, após 12 anos fora do país, para participar no 1.º de Maio de 1974. Informação de António Tavares Teles.

Aparece por Lisboa com mais tempo. Penso que nos saberia bem conversar com pausa. De afogadilho nem o amor é bonito. Quanto mais o muito que teremos para conversar do mundo, de nós e dos nossos.

Desculpa este tom. Mas os amigos não abundam.

Entretanto conta-me como as coisas evoluem: o António no Brasil, o Manel no Porto, enquanto homens espreitam a Lua, regressando a 40.000 quilómetros à hora, enquanto neste barranco de cegos andam muitos de burro, sem contar com os que são de orelha curta.

Cumprimentos para todos os teus. Saudades para os mais íntimos,
com um grande abraço amigo, do
Redol

Hoje estou sozinho no meu canto e gozo com a solidão. A solidão é vício perigoso em grandes doses. Mas é momento supremo na vida devoradora em que hoje cavalgo. Sinto-me bem comigo. Hoje.



[Lisboa, 22 de Maio de 1969]

Meu caro Chico,

Recebo a tua carta num dia em que as análises me noticiam: melhoras sensíveis na anemia e situação quase estacionária em fígado muito doente.

Não consegui aguentar mais tempo de pé. No dia em que o nosso querido Manuel Mendes²⁷⁶ morreu, li a notícia na Casa de Saúde onde estive durante 12 dias. E aqui ando com soro, transfusão de sangue, injeções em barda, às quatro por dia, pílulas coloridas, dietas de rigor, numa tentativa de me pôr a viver com modos de gente. Cheguei à última, como diz o povo.

Logo que tenha mais ganas, voltarei a escrever-te. Saio hoje de casa e deito ao Porto para casa da Marta²⁷⁷.

²⁷⁶ Manuel Mendes (1906-1969) falecera a 7 de Maio. Foi um dos grandes amigos de Alves Redol e também de Francisco Tavares Teles. Escritor, crítico de arte e artista plástico, escreveu, entre outras obras, *Bairro* (1945), *Pedro* (1954), *Roteiro Sentimental – Douro* (1964). Participou activamente nos movimentos da Oposição à ditadura salazarista, tendo sido, em 1945, um dos promotores do Movimento de Unidade Democrática e membro da sua Comissão Central. Cf. *Manuel Mendes – Correspondência Seleccionada*. CDrom. Lisboa: Fundação Mário Soares, 2000.

²⁷⁷ Redol ficou algum tempo no Porto, em casa de Marta Cristina de Araújo, que recorda: «Passeámos a pé pela Foz do Douro à tardinha, semanas a fio tomámos juntos o pequeno-almoço à mesma mesa. Vi-o uma última vez numa cama do Hospital de Santa Maria, em plena campanha eleitoral (“o massacre dos inocentes, Marta”)». Cf. ARAÚJO, Marta Cristina de – *Testemunho*. In MARINHO, Maria José; REDOL, António Mota (org.) – *Alves Redol, Testemunhos dos seus Contemporâneos*. Lisboa: Caminho, 2001, p. 22.

Talvez possamos falar um bocado.
 Cumprimentos aos teus.
 Um grande abraço, do
 teu velho amigo
António



[Lisboa, 19 de Setembro de 1969]²⁷⁸

Meu caro Francisco,

Depois de te sossegar quanto à minha pouca saúde, não acrescentei mais uma linha de resposta à tua carta. Faço-o hoje, embora ainda me encontre longe do meu estado normal. O fígado mantém-se preguiçoso, a dieta é apertada e estou como um canelo velho.

Mas cá ando.

Mudei de lugar no trabalho: estou com o Alberto Ferreira²⁷⁹. As coisas caminham. Como vês, dou-te um punhado de novidades em poucas linhas.

Na minha ida ao Porto não tive possibilidade de contactar contigo, como prometi, mas o meu estado muito débil, o círculo das visitas, o diabo! impediram-me de te dizer bom dia de viva voz. Preocupa-me principalmente o investimento das tuas disponibilidades, tanto mais que é problema complexo. Adquirir um ou dois andares aqui na linha, por exemplo, seria um caminho. O pior é que o dono deve estar perto das coisas, porque hoje tudo acarreta pequenos ou grandes aborrecimentos. Desde o local, a qualidade da construção, os inquilinos, a gestão dos andares com os restantes proprietários do imóvel, etc., são pormenores a encarar e canseiras a ter.

Claro que há organizações que prometem mundos e fundos. É tudo fácil em demasia. Mas só vindo aqui, poderias avaliar as muitas hipóteses deste campo tão variado.

Ao contrário do que dizes, julgo que em Lisboa, e certamente no Porto, há zonas de rendas livres. E as cidades grandes, ou os aglomerados à sua volta, nunca passam de moda. Em qualquer parte, porém, o inquilino, o bicho que paga, é que mais importa.

Por quanto tempo ele pagará a sua renda, não se sabe bem. Os ordenados evoluem, mas a vida está uma loba. O comer passou a comer-nos; os divertimentos atraem, já não se passa sem eles. Pagam-se à porta e a renda liquida-se ao mês.

É evidente que não se pode deixar o dinheiro na mão, a diminuir aos soluços, pois em cada dia que passa se compram menos coisas com ele. Não há como meter o dinheiro

²⁷⁸ No verso do envelope: «Do: Redol / Av. Almirante Reis n.º 82 – 6.º / Lisboa». É esta a última carta de Redol para Francisco Tavares Teles. O escritor, já muito doente daria entrada, pouco depois, no Hospital de Santa Maria (onde Tavares Teles e muitos outros amigos o foram visitar), vindo a falecer em 29 de Novembro de 1969.

²⁷⁹ Na Agência Espiral, criada por Alberto Ferreira.

numa actividade que se conheça bem, onde o nosso trabalho o faça crescer. No teu caso tens a loja que já se basta. E os anos começam a pesar, não é Chico?

Também vou acarretar com essas interrogações quando resolver o malfadado caso de Vila Franca. Ainda não sei que volta devo dar ao dinheiro que dali virá. Acabo por metê-lo num prédio e depois aguentarei as consequências que já prevejo.

Arranja aí uns dias e vem até Lisboa para conversarmos.

A vida dos rapazes? Deves aceitá-la como eles a fazem, pois só terás amargos na alma se a pensares como tu gostarias. Eles agora são outros. O pai deles é o tempo que agora se vive. O nosso papel já acabou.

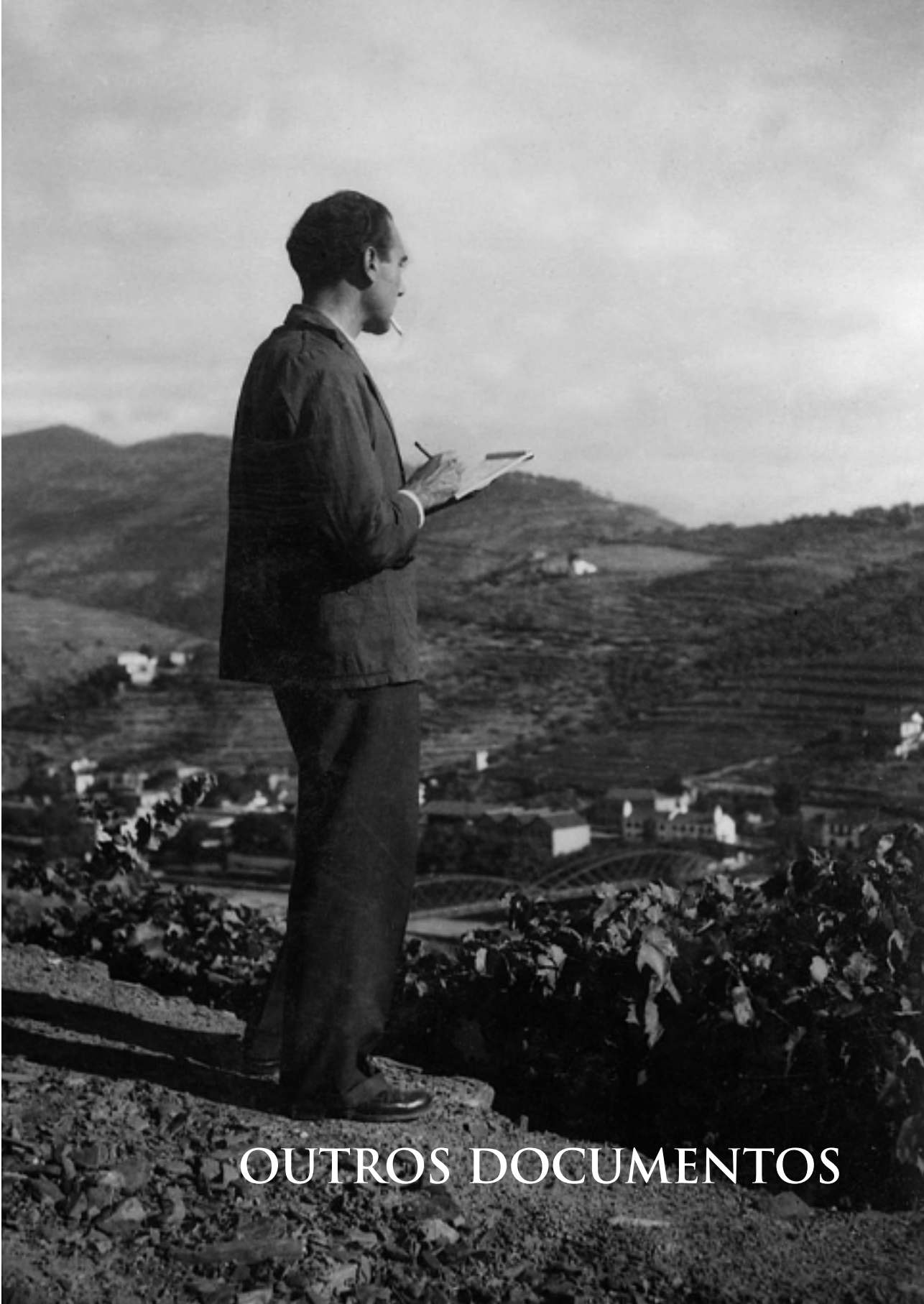
Abraça-os por mim.

Os meus recados e boas lembranças à tua Mulher e cunhada. Recomendações da Orquídea e um grande abraço do teu
velho amigo dedicado

António

Fui a Porto Manso e estive na Casa do Cabo²⁸⁰. Bons tempos!

²⁸⁰ Foi na Casa do Cabo que Alves Redol se alojou, no início de 1945, quando veio ao Douro recolher elementos para o seu romance *Porto Manso*.



OUTROS DOCUMENTOS

Alves Redol na Quinta das Carvalhas, em frente ao Pinhão.
Autoria desconhecida [1947]. Col. António Mota Redol.

O HUMANO ROMANCISTA DA *FANGA*, BARQUEIRO ENTRE BARQUEIROS, FOI INSTALAR-SE EM PORTO-MANSO, AQUÉM-BAIÃO, ONDE PREPARA UM LIVRO SOBRE A TRÁGICA VIDA DOS MAREANTES DO DOURO²⁸¹

Chegou ao Porto e desembarcou na Ribeira. Veio num rabelo carregado com 16 pipas de vinho fino e, durante dois dias e duas noites, pés descalços, camisola de lã grossa a tapar-lhe o peito forte, a inseparável gorra azul a cobrir-lhe a cabeleira espessa, fez vida de barqueiro. Em Entre-os-Rios, com a força da corrente e o espesso nevoeiro – de cortar à faca – o barco bateu num pegão e correu risco de naufrágio. Nem assim se intimidou. Voltará para Porto-Manso pelo Douro acima e lá ficará até colher todos os elementos de que precisa para o seu próximo romance.

– Alves Redol, impressões do Douro?

O autor glorioso da *Fanga*, o humaníssimo e piedoso escritor dos *Gaibéus* e dos *Avieiros*, abre os olhos claros, luminosos, num êxtase:

– É o maior, o mais rico, o mais variado e o mais dramático dos rios que, nascendo em Espanha, atravessa Portugal. Tenho-o aqui nos olhos. Voltarei a percorrê-lo, sempre de barco, sempre com os barqueiros e como barqueiro, duas, três, quatro vezes. Quero decorá-lo.

Detém-se, um instante, no horror das frases feitas, do odioso lugar comum, simples, natural e humano como é:

– O Douro! Estive no Cachão da Valeira, onde morreu o Forrester, qualquer coisa de grandiosamente trágica. Catedral de pedra empinada, abrupta, onde o barqueiro sua sangue. Desci até ao ponto onde o Douro se ameniza, se amimalha, revendo-se nas árvores frondosas, nos frutos e nas flores. E cheguei ao Porto onde, à vista da cidade, parece morrer, estrangular-se.

– Que o levou ao Douro?

– A ideia de um livro.

– Um romance?

– Um romance à minha maneira.

– Há interesse psicológico nessa gente do rio?

– Eu não penso como Bourget²⁸². Para mim, todos os homens, dos mais humildes aos mais categorizados, dos rústicos aos aristocratas, têm a sua angústia, o seu caso, o seu drama.

²⁸¹ Notícia no jornal *A Tarde*, Porto, ano 1, n.º 45, 21.02.1945, p. 1 e 4.

²⁸² Redol refere-se, certamente, ao escritor francês Paul Bourget (1852-1935), que alcançou grande popularidade na época, com diversos livros traduzidos e editados em Portugal, como *Mentiras* (1898), *O luxo dos outros* (1910), *A Água Profunda* (1911), *O Fantasma* (1926), *O Dançarino Mundano* (1927), *Um divórcio* (1927) e outros.

– Onde lhe veio essa ideia?

– Da minha primeira visita ao Douro, em Setembro de 43. Pensava eu, então, talvez infantilmente, que, depois do que vira sobre as dolorosas condições do trabalho em Portugal, em certas e mal conhecidas actividades, nada veria de pior.

O Porto, que vi pela mão de um médico ilustre, desiludiu-me. O Douro, com a tragédia dos seus barqueiros, fez-me estostrar o peito.

– Era já a ideia do romance que o movia?

– Não. Nesse tempo projectava escrever um livro sobre o Trabalho. Firmara já o contrato com uma grande editorial de Lisboa. O homem põe e Deus dispõe. Imperativos a que não pude subtrair-me obstaram, por agora, à conclusão do livro. Só mais tarde o darei a lume.

– E o romance?

– Do que vira do Douro ficara-me a ideia de o escrever. Tinha tudo – ambiente, personagens, causa, acção. Fiel ao meu método, vim instalar-me na região em que vivem, sofrem e lutam as minhas personagens. Demorarei algumas semanas em Porto-Manso, aquém-Baião, ninho de barqueiros. Um bom amigo arranjou-me um quarto na própria casa onde viveram o barão de Forrester e a esposa²⁸³. Estão lá ainda dois retratos a lápis, maravilhosos. O barão de Forrester! Outro grande capítulo da epopeia do Douro.

– Já começou a escrever?

Calmo:

– Não tenho pressa. Quero vê-los, observá-los, senti-los. Apanhá-los com vida. Creia, os motivos do Douro são tão fortes e tão humanos como os do Ribatejo onde nasci.

Uma alusão breve a uma obra de proporções grandiosas, de que em tempos nos falara.

– Os *Reis Negros*? Quando o 1.º volume?

– O 1.º volume – *A Família* – está pronto. Estão gizados e estudados os três últimos. É a história espantosa de uma família de trabalhadores das docas do Tejo. Vivi em Alfama, longos meses, na recolha dos materiais. Supunha – acrescenta com a sua cândida e aflitiva modéstia – que fiz um livro digno do hercúleo e ignorado esforço dessa pobre gente.

– Porque não sai a lume o primeiro volume já pronto?

No seu calmo e luminoso sorriso, onde não há sequer a sombra de uma reticência:

– Isso não é comigo²⁸⁴.

J. R.

²⁸³ Trata-se da casa de António de Oliveira Dias, arrais e compadre do barão de Forrester, que o considerava «mestre o mais hábil no Douro». BENNETT, Norman R. – *Joseph J. Forrester's viagem para o Douro (1854)*. «Douro – Estudos & Documentos», n.º 20, 2005, p. 236. Conhecido no seu tempo como «o almirante do Rio Douro», como refere Manuel Mendes (*Roteiro Sentimental – Douro*, 1964, p. 40), este António de Oliveira Dias era antepassado dos Barbosa de Oliveira, que acolheram Alves Redol na sua estadia em Porto Manso.

²⁸⁴ O romance *Os Reineiros* só seria publicado em 1972, já depois da morte de Alves Redol.

PORTO MANSO²⁸⁵

Porto Manso é o título do último livro de Alves Redol. Para o leitor um pouco interessado por coisas literárias, não pode ser-lhe estranho o nome do autor. Firmados por ele estão publicadas uma dezena de obras que o seu real valor obrigou a repetidas edições.

Um grande crítico disse que Alves Redol era «um dos nossos maiores romancistas, a que não podem comparar-se senão os grandes escritores de fama mundial».

«Porto Manso» tem para nós, durienses, particular interesse. É um livro que fala do Douro. Tratando embora, fundamentalmente, da vida dos barqueiros dos *rabelos* – da vida humilde, sacrificada e perigosa dos arrais e marinheiros do rio Douro, tão nossos conhecidos, ele vem à Régua, sobe ao Pinhão e fixa magistralmente a terra duriense. Evoca o Douro ainda sem vinhas, «pátria de xistos e granitos, onde o homem é um ser estranho rejeitado pela natureza». E confirma: «País bárbaro e violento, rebelde ao afago das ferramentas».

Depois é a luta titânica, descomunal, do homem para dominar aquele «mar convulso de fraguado e xisto» onde «muitos tombaram esgotados».

E os homens teimavam no seu sonho de esperança, «e para tanto não se marcava o preço de suor e vidas. Cada passo que se dava na serra custava o preço duma geração».

E os homens acabaram por vencer: «Houve terra para pão, para árvores e para videiras».

Mas a natureza não se deu por vencida. Mandou para a luta um novo elemento. E todas as videiras se mirraram.

«O duriense fez um gesto de súplica para o céu, e o céu não lhe valeu. Chorou, em rebanhos, a sua desdita, e as lágrimas não comoveram a natureza. Imprecou de raiva e o inimigo não se atemorizou. Deixou tombar os braços e a filoxera não afrouxou na destruição – matou tudo».

Mas o duriense, afeito a lutar, recomeçou a batalha e não se deixou vencer.

E o escritor fala-nos de seguida no Douro de hoje – obra imensa que os homens puderam realizar «porque no seu querer estava o segredo de todas as conquistas», «quando se não marcavam preços para as lutas em marcha».

Diz-nos dos carinhos e desvelos que o homem, que lutou com xistos e granitos, tem para as videiras. «Andam por lá com a videira ao colo. Criaram a terra para ela nascer e conservaram-na nos socos, como quem fazia um berço». O duriense «suspira com a videira, deita-se, levando-a no pensamento, e levanta-se para a ir admirar, achegando-lhe afagos nos olhos e esperanças no coração».

«Porto Manso» fala das rogas que nos ciclos vindimiários «descem das montanhas à procura de pão, trazendo cantigas em lugar de maldição». Do ambiente característico e pri-

²⁸⁵ Artigo de Francisco Tavares Teles publicado no jornal *Notícias do Douro*, 29.09.1946, p. 1 e 4. Agradeço ao amigo Manuel Igreja a cedência de uma cópia digitalizada deste artigo.

mitivo das lagaradas. E fala-nos do vinho – o fruto glorioso da luta, que durante séculos o homem travou com a natureza rebelde. «Vinho feito do maravilhoso e do trágico que a própria vida oferece. Destilado em angústias colectivas, estão vertidos nele o sangue dos surribadores e homens da cava, o suor e as esperanças dum povo inteiro». «Rubi, topázio e amarelo numa cópula de infinitos tons, para embriagar os olhos; aromas e sabores das serranias e do rio, das flores bravas e do ventre da terra, numa mistura de perfumes e paladares para enfeitar as bocas».

«Porto Manso» é um admirável romance que dedica ao Douro algumas das suas melhores páginas. Trata profundamente da vida dos *rabelos* e da luta inglória que os barqueiros do Douro travam com o comboio, que veio ditar a sua natural decadência. Por tudo isto é um livro que os durienses devem conhecer, ou não sejam, afinal, os rabelos o mais vulgarizado distintivo da região do Douro.

T. T.

ENTREVISTA A ALVES REDOL POR FRANCISCO TAVARES TELES²⁸⁶

1. Diga alguma coisa da sua estadia em Angola, sobre Luanda, e, podendo ser, do Clube Transmontano de Angola²⁸⁷.
2. Quando regressou à metrópole?
3. Teve actividade literária em Angola?
4. Tem qualquer trabalho literário com ambiente colonial?
5. Que impressão tem da região duriense?
6. Conhece já os problemas, sempre latentes, que através de séculos têm preocupado a sua lavoura?
7. E acha que os lavradores do Douro poderão um dia resolver esses problemas – descansar enfim?
8. Gostou do Alto Douro?
9. Que me diz do Pinhão, deste privilegiado centro do Alto Douro?
10. Já tem esboçado o entrecho do seu romance sobre a região do Douro?
11. Tratará algum problema em especial?
12. Onde o localiza?
13. Já tem título?
14. Quando pensa que será publicado este seu novo livro?
15. Sairá brevemente o 1.º tomo do seu livro sobre a França?
16. É ilustrado?
17. Que nos vai dizer da França?



1. Partindo para ali aos 16 anos no intuito de ganhar a vida, devo dizer que a ganhei efectivamente. Não sob o ponto de vista económico, porque parti e voltei passageiro de 3.ª classe, mas porque foi em Angola que começaram a revelar-se-me certos aspectos do mundo quase para mim ignorados. Sem amparos, lutando sozinho, encontrei a minha independência mental. Em 3 anos que ali estive, parti criança e voltei homem. Considero,

²⁸⁶ Entrevista anexa à carta de Redol para Tavares Teles de 14 de Setembro de 1947. As 17 questões da entrevista aparecem numa página dactilografada, provavelmente a mesma que foi enviada por Francisco Tavares Teles a Alves Redol e a que este faz referência na carta de 8 de Setembro. Seguem-se-lhe quatro páginas com as respostas manuscritas que Redol remeteu ao amigo. A entrevista seria publicada, no ano seguinte, no jornal *Transmontano*, comemorativo do 35.º aniversário do Clube Transmontano de Angola, sob o título *O Douro encontrou o seu romancista, uma entrevista com o romancista Alves Redol*, por Francisco Tavares Teles, com a indicação do local e da data (Pinhão, Setembro de 1947). Cf. *Contribuições para uma bio-bibliografia de Alves Redol*. «Vértice», n.º 322-323. Coimbra, Nov.-Dez. 1970, p. 963.

²⁸⁷ Riscado «podendo ser, do Clube Transmontano de Angola».

portanto, a permanência em Luanda como o passo mais importante da minha vida. Certas coordenadas sociais surgiram-me mais transparentes e lá percebi, pela primeira vez, qual a minha posição no mundo. Depois a variedade de tipos humanos, revelada nos contactos das viagens e do dia-a-dia, ofereceu-me um largo campo de experiência que foi decisiva para o meu destino. Ainda lá gostava de voltar, embora a saúde me tivesse abandonado. Sinto saudades daquela cidade onde me encontrei e a que me ligam muitas recordações, algumas bem dolorosas que não tento esquecer, porque foram a forja onde me temperei.

2. Há 16 anos.

3. Escrevi dali algumas crónicas para um semanário da minha região. Fui colaborador anónimo de um jornal angolano *Última Hora* e um conto de assunto africano, *Kangondo*, deu início à minha colaboração no semanário *O Diabo*, de tão notável influência na vida cultural do nosso país.

4. Além das crónicas e do conto a que aludo publiquei no *Notícias Ilustrado* um outro conto de idêntico ambiente. Em *Gaibéus e Porto Manso* há figuras que provêm da minha estadia em Angola.

5. A de um apaixonado. Desde que o conheci, já lá vão quatro anos, senti-me atraído para aqui, não só pela sua paisagem variegada, como pela riqueza dos seus tipos humanos. Conhecer-la do rio, em viagens feitas nos rabelos, vivendo com os seus «marinheiros» nos perigos dos portos ou nas trágicas subidas feitas à sirga e à vara, é experimentar uma das mais vivas emoções que conto na minha vida emotiva. Subir depois a muitos desses miradouros que toda a região oferece, é um somar de maravilhas, tanto do Loureiro como de Gervide, do Relógio do Sol, perto de Lamego, onde tive a impressão de que me encontrava novamente na Ilha da Madeira, do Alto das Monteiras, no Pinhão, como de S. Salvador do Mundo, penhasco agressivo que domina o Cachão da Valeira e onde a transição para a terra transmontana se acentua já de uma forma evidente. Melhor que tudo responderá a minha obra. Fui do Ribatejo e de Lisboa para o Douro, não por um simples acaso. *Porto Manso* é o romance dos homens do seu rio. Quantos mais farei ainda sobre os durienses? Talvez dois romances, um grande documentário – *O Douro – vida de um rio* – e possivelmente um *Cancioneiro Popular*.

6. Como já lhe disse, a riqueza de tipos durienses foi o principal atractivo que o Douro me lançou. Ora eles não existem com interesse quando não há problemas. Os do Douro são dos mais complexos da vida nacional: o desbravamento dos montes quase inacessíveis que hoje orgulham a nossa condição de homens, as vidas que por ali se gastaram, o vinho depois com as suas crises constantes, a luta entre produtores e especuladores, a filoxera que foi um dos mais dramáticos passos do país, as flutuações de riqueza, misérias confrangedoras e riquezas principescas – um mundo de problemas que não posso, sequer, enunciar nos limites de uma entrevista, porque daria volumes, se os pudesse escrever.

7. Sem dúvida. O homem que já é capaz de vencer desertos, saberá dominar também estes problemas. Um organismo colectivo que defenda os pequenos proprietários da agiotagem, concedendo-lhes créditos e colocando directamente os seus produtos nos mercados

consumidores, será a grande obra de defesa do viticultor e do trabalhador durienses. É anti-nacional o que até hoje vem sucedendo – que um dos maiores valores de exportação do país só deixe angústia e fome àqueles que são os seus mais devotados realizadores. A solução deste problema exige tudo; não podem haver obstáculos que não sejam destruídos para se obter essa justiça elementar.

Criem-se lagares em cooperativa ou mobilizem-se os que já existem, conceda-se-lhes um longo crédito de base para que os seus vinhos sejam beneficiados, armazenados e vendidos por conta própria, não só para criar uma agricultura próspera, mas para salvar dos cardenhos, da subalimentação, e da morte precipitada, os saibradores e os cavadores, as vindimadeiras e os lagareiros do Douro, todos aqueles que fizeram, através gerações, de uma região frágil e inhospita uma das mais ricas províncias de Portugal.

8. Encantou-me por tudo quanto já lhe disse e pelo mais que irei escrever.

9. É um pedaço de vila moderna entre um rio e socos, à espera de um plano de urbanização que a deixe abrir os braços. Se ambos tivéssemos tempo, muito gostaria de lhe falar no Alto das Monteiras que só por si justificaria um corrupio de turistas, se os portugueses já tivessem descoberto o Douro. O Pinhão pode orgulhar-se de ter esse mirante aqui tão perto, como essa quinta-modelo que é a da Roeda. Onde estão os organizadores do nosso turismo?

10. Ainda não. A recolha de material é complexa e só depois dela feita determinarei a efabulação do romance ou dos romances.

11. Tentarei dar os mais vivos da região. No centro, os pequenos proprietários com os seus problemas; por debaixo os saibradores, cavadores, gente das rogas, homens dos rabelos também, lagareiros, etc.; acima os grandes proprietários, com caseiros e feitores, os comerciantes, os comissários, os «ingleses», os especuladores, a Casa do Douro, etc., etc. É um mundo, como sabe. Pôr toda esta gente a viver só um ciclo de romances chegaria. Garanto-lhe que ainda não sei o que vou resolver.

12. Alto Douro, à volta do Pinhão, num limite que vai de Ervedosa a Valença.

13. Ainda não.

14. Se tudo correr bem, em fins de 1948.

15. Em Outubro próximo.

16. Sim, muito ilustrado. A imagem é imprescindível num livro desta natureza.

17. Contar alguma coisa dessa trágica história de que todos conhecemos um tanto e eu pude apreciar mais de perto na viagem que fiz. A traição, e como ela se desenvolveu até à guerra e ao armistício, a resistência dos verdadeiros franceses já iniciada antes de Munich, como se organizou e o que realizou, do *maquis* aos gabinetes dos seus intelectuais, os massacres, os fuzilamentos e, finalmente, a batalha de Paris e a libertação. Logo depois as primeiras tarefas da Renascença que só poderão avaliar bem os que saibam em pormenor o que foi a destruição da França e que posso sintetizar nesta fórmula – 50% da riqueza nacional acumulada pelas suas gerações ficou destruída.

Este meu livro é uma homenagem não só à França, mas a todos os homens que souberam confiar e ainda hoje confiam no futuro da humanidade, e não desesperando de trabalhar para ele, mesmo que isso comporte o sacrifício da sua vida.

O INFERNO AMAZÓNICO²⁸⁸

31.000 homens morreram e 22.000 apodrecem, ainda no inferno amazónico, diz-nos o correspondente do *News Chronicle* que relata a odisseia dos seringueiros tratados como mercadoria humana pelos negreiros americanos e brasileiros.

Isto é um assunto que toca a honra, não de alguns traficantes de borracha ou dos seus agentes, mas a das Nações Unidas. Estes homens – a quem prometeram que seriam enviados para os seus lares depois da guerra – resumem o seu calvário nestes termos: «As vítimas dos campos de concentração alemães eram guardadas em cercados de arame farpado, mas o campo de concentração em que fomos colocados tem barreiras de febres, de animais ferozes, de peles-vermelhas, de fome».

A história desta gente começou no fim de 1942 com a criação do Banco da Borracha, criado e mantido por capital americano; o Brasil comprometeu-se a transportar os homens dos Estados costeiros do Atlântico para a floresta e de lhes fornecer a alimentação, os vestuários e os cuidados médicos. Eis como um desses homens conta alguns passos da sua história: Vi anúncios nos jornais de S. Paulo, pedindo voluntários e dizendo que havia muito dinheiro a ganhar. A primeira parte da viagem faz-se da maneira mais inconveniente, seguindo os voluntários na companhia de uma escolta armada. Em Juazeiro, os guardas interditaram os trabalhadores de deixar o barco e foram obrigados a continuar até Petrolina. Depois, uma viagem de 48 horas em caminhões, tendo por única alimentação feijões crus; depois ainda dois dias até Fortaleza dentro de vagões para animais. Aí foram-nos distribuídas fardas especiais para nos distinguirmos da população. A polícia maltratou-os e dois homens morreram com espancamentos. Depois de um regime de carne crua de cabra atingimos a grande cidade de Terezina. Aí ficámos 15 dias dentro de armazéns expostos ao vento, guardados por metralhadoras. Chegados a um campo de concentração de 12.000 houve uma epidemia de febre amarela e muitos morreram também fuzilados. O comandante dizia que tinha ordem para matar até ser mantida a calma dentro do campo.

O calvário continuou assim durante 10 meses até que atingiram Manaus. Aí foram comprados por um plantador a 16 libras por cabeça à Amazon Valley Supply Service, importância que foi debitada na conta de cada trabalhador. Os trabalhadores enfraquecidos foram abandonados e morreram – assim e fuzilados morreram 31.000, nos vários campos de borracha do Amazonas.

O governo brasileiro tem conhecimento exacto de tudo o que se passa, assim como os norte-americanos para quem foi chamada a atenção por missionários.



É esta a democracia da América do Norte e do Sul?

²⁸⁸ Texto dactilografado, anexo à carta de 14 de Outubro de 1947.

BREVE NOTA PARA O RECOLHEDOR DO CANCIONEIRO POPULAR DO DOURO²⁸⁹

– Em cada localidade procurar as pessoas mais idosas, cuja fama nas diversões e ranchos de trabalho do seu tempo, assegurem a possibilidade de farto manancial de poesia popular. Fazer com elas, três no máximo, alguns serões de recolha, para que se auxiliem no avivar da memória, cabendo somente ao recolhedor a tarefa de escrever.

– Em caso de impossibilidade, recolher com uma só pessoa, procurando o recolhedor citar algumas quadras que conheça, a fim de que o fenómeno de irrupção, chamemos-lhe assim, se produza mais facilmente.

– Entendem as pessoas idosas, na generalidade, que os versos do seu tempo nada valem, depois do que ouvem pela telefonia. É necessário convencê-las de que, entre os homens cultos de todo o mundo, é bem outra a opinião, e que prestam um altíssimo serviço, comunicando o que sabem.

– Nunca se deve enjeitar qualquer quadra, mesmo que pareça de má qualidade poética – o facto não só desgosta os nossos informadores, o que prejudica o objectivo, como ainda pode fazer perder alguma peça bastante preciosa.

– Feita a recolha, verificar se há quadras alusivas aos seguintes temas:

– Região – Montes ou serras – Localidades – Lugares das localidades – Fontes – Quintas – Rios ou ribeiros – Usos da terra – Santos – Festas – Quadras aos astros, à flora (árvores, ervas, frutos etc.) e à fauna (animais).

– Quanto à pessoa humana: – Nascimento – Baptismo – Nomes – Vestuário – Amor – Namoro – Cartas (quadras que falem de cartas) – Ciúmes – Zangas – Bailaricos e danças – Cantigas de escárnio e mal-dizer – Vida militar – Saudades – Tristeza – Maliciosas – Beijos – Casamento – Filhos – Morte.

– Tarefas do campo e do rio (cavas, empas, podas etc.) – Profissões do campo ou do rio – quadras ao vinho, à vindima, às uvas, e a qualquer produção agrícola (azeite, centeio, etc.).

– Quadras que falem do trabalho, do comer, dos cardenhos, das rogas, dos contratos, dos pagamentos, dos feitores, dos caseiros e patrões, dos maus tratos, etc.

– Quadras alusivas à filoxera, às cheias do rio, às tempestades e às crises do Douro (falta de venda do vinho, pagamentos baixos, etc.).

– O facto de se citarem estes temas, aviva a recordação dos nossos informadores e lega-nos preciosos documentos para o futuro.

TUDO DEVE SER RECOLHIDO E ENVIADO

²⁸⁹ Cópia (a papel químico) de documento dactilografado. Sem data, mas, provavelmente, de 1947. Publicado, também, em: TELES, Francisco Tavares – *Testemunho*. In MARINHO, Maria José; REDOL, António Mota (eds.) – *Alves Redol, Testemunhos dos seus Contemporâneos*. Lisboa: Caminho, 2001, p. 287.

– Na hipótese de haver na localidade qualquer poeta popular, mesmo jovem, fazer recolha, em sessões separadas, das suas quadras ou cantigas glosadas, comunicando-as com o seu nome.

– O recolhedor deve ter sempre presente que presta um alto serviço ao Douro e à cultura nacional, bastando-lhe esta certeza, para que procure remover dificuldades, e revestir-se de alguma paciência, que bem precisa se torna para tão árdua tarefa.

– Com as quadras remetidas não esquecer os nomes dos indivíduos que prestaram informações e do seu recolhedor, porque todos devem mencionar-se no livro em preparação,

CANCIONEIRO POPULAR DO DOURO

que só será possível por um esforço colectivo, de quantos compreendam a utilidade desta iniciativa.

[ALVES REDOL]



Alves Redol. Fotografia autografada e dedicada à Família Teles, Julho de 1953. Col. Manuel Tavares Teles.

OLHOS DE AGUA

(exemplar n.º 1)

Número 1, meu caro Chico,
porque te grande ajuda, como
tal, entre os meus amigos, me
boa os meus longos silêncios
pudesse significar por outros
o aumento de uma amizade que
se fez um pouco.

Admirio a tua resistência, ver-
dadeira e longa humanista. Gra-
ças a ti.

fr. tel.
27
2
67